

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO – UEMA
CENTRO DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS – CECEN
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA – DGeo
MESTRADO EM GEOGRAFIA, NATUREZA E DINÂMICA DO ESPAÇO – PPGeo

LUCIANO SILVA GOUVEIA

RETRATOS COTIDIANOS DO LUGAR:

Experiências, historicidade, geograficidade e percepções dos moradores de Aldeias Altas - MA

SÃO LUÍS - MA

2023

LUCIANO SILVA GOUVEIA

RETRATOS COTIDIANOS DO LUGAR:

Experiências, historicidade, geograficidade e percepções dos moradores de Aldeias Altas - MA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, Natureza e Dinâmica do Espaço (PPGeo), da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Claudio Eduardo de Castro

SÃO LUÍS - MA

2023

Gouvea, Luciano Silva.

Retratos cotidianos do lugar: experiências, historicidade, geograficidade e percepções dos moradores de Aldeias Altas - Ma/ Luciano Silva Gouvea. – São Luís, 2023.

115 f

Dissertação (Mestrado em Geografia, Natureza e Dinâmica do Espaço) - Universidade Estadual do Maranhão, São Luís, 2023.

Orientador: Prof. Dr. Claudio Eduardo de Castro.

1.Lugar - Cidade. 2.Aldeias Altas. 3.Maranhão. 4.Experiência. 5.Geografia humanista. I.Título.

CDU: 398.21(812.1)



Universidade Estadual do Maranhão

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA, NATUREZA E
DINÂMICA DO ESPAÇO

ATA Nº 8

Aos 19 dias do mês de setembro do ano de dois mil e vinte e três às nove horas, realizou-se a sessão de apresentação e defesa pública de Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Geografia, Natureza e Dinâmica do Espaço do Centro de Educação, Ciências Exatas e Naturais - CECEN do mestrando LUCIANO SILVA GOUVEIA, intitulada: RETRATOS COTIDIANOS DO LUGAR: experiências, vivências e percepções dos moradores de Aldeias AltasMA.

A banca de Defesa de Dissertação de Mestrado foi composta pelos professores Doutores:

Presidente: Prof. Dr. Claudio Eduardo de Castro

1º Membro: Prof. Dr. Eduardo José Marandola Junior

2º Membro: Prof. Dr. José Arilson Xavier de Souza

A banca de defesa da dissertação de mestrado avaliou o trabalho final como:

Aprovada

Reprovada

**Dr.(a) EDUARDO JOSÉ MARANDOLA
JÚNIOR, UNICAMP**

Examinador(a) Externo à Instituição

**Dr.(a) JOSÉ ARILSON XAVIER DE
SOUZA, UEMA**

Examinador(a) Interno

**Dr.(a) CLAUDIO EDUARDO DE
CASTRO, UEMA**

Presidente(a)

LUCIANO SILVA GOUVEIA

Mestrando(a)



AGRADECIMENTOS



Agradecer é, na maioria das vezes, uma tarefa difícil, principalmente para aqueles que guardam tantas memórias, como é o meu caso. Portanto, agradeço, primeiramente, a Deus e a sua figura enquanto guia diário, especialmente nos dias em que tudo aqui dentro esteve cinza.

Agradeço à minha mãe, Salustiana, e ao meu pai, José, pela base que me possibilitou chegar tão longe em uma realidade que não se apresentava favorável. Com orgulho, falo que sou filho de mototaxista, neto de quebradeira de coco e pescadores, criado entre roças e açudes, lidando com terra desde os primeiros dias de vida, um filho do mato e das palmeiras. Hoje, agradeço por essas experiências e por carregar em mim retratos do lugar que eles construíram e sonhos do que queriam ser. Obrigado!

Gostaria de agradecer, também, pelo suporte emocional de convivências e papos banais dos meus irmãos e amigos de Caxias. Para vocês, eu sempre vou deixar um pedaço de mim e minhas versões mais alegres, com muito carinho.

Externo minha gratidão à UEMA, ao PPGeo e à FAPEMA pelo espaço e financiamento da bolsa.

À Nana Alves pela compreensão e atendimento, em destaque para as situações de apoio e carinho nas tratativas burocráticas. Gratidão e desculpas por todo o trabalho gerado e por não ter alcançado as expectativas.

À minha turma de Mestrado 2021.1 pelo carinho e conversas, em especial, à Vitória, um grande achado e minha companheira nesta caminhada. Obrigado por me ouvir e compartilhar as dores, vou estar sempre torcendo por dias melhores. Gratidão!

Muito grato aos professores (as) do programa que compartilharam conosco seus conhecimentos, vivências e experiências, principalmente ao meu orientador, o professor Claudio Eduardo, pelos ensinamentos e por incentivar minha ida à Campinas, o estágio na Unicamp foi momento de muito aprendizado e adesão de novas visões de mundo. Agradeço, também, ao professor José Arilson por permitir minha participação em seu grupo de pesquisa e por momentos que transcenderam o mestrado na convivência em Campinas.

Estendo meus agradecimentos a todos que me receberam em Campinas quando eu estava totalmente perdido com tantas coisas novas, em especial, ao Adielson, à Marly, ao Idevan e à Zeliane por muitas vezes me receberem em suas casas e me guiarem com muita

leveza e risos pelas ruas e vielas da Unicamp. E deixei para destacar Paulo, porque foi meu grande amigo, com quem compartilhei histórias da minha vida e ouvi conselhos. Obrigado por tudo!

Agradeço a todos os moradores da cidade de Aldeias Altas com quem conversei, entrevistei ou só observei. Obrigado pelos copos de café, pela permissão para entrar em suas casas, pelas vezes que me foram oferecidos almoços e até lugar para dormir. Sem pesquisa não existiria, por isso que a escolha narrativa está sempre se referindo a caminhamos juntos para construir esse trabalho.

Muito emocionado, externo por escrito neste espaço minha gratidão às pessoas que me ajudaram a levantar quando nem eu acreditava que conseguiria finalizar essa pesquisa, depois de me sentir no fundo do poço. À Keilane por toda paciência e amizade, além dos gestos e demonstrações de amor, apesar de eu ficar tanto tempo sem responder ou dar sinais de vida. Obrigado por existir nesse meu mundo caótico e por ser minha amiga em todos os momentos.

À Paula, minha incentivadora e a pessoa responsável pela cobrança e insistência para que eu fizesse o projeto de mestrado, minha parceira em todos os momentos e meu grande presente dos últimos 6 anos. Sem ela, talvez, eu não estivesse tão longe. Obrigado por acreditar em mim e por ser, quase sempre, a única pessoa que segura minha mão e, principalmente, puxa minha orelha. Temos visões de mundo diferentes, mas só com ela meu mundo é estável. Todo o meu carinho a ti.

Uma gratidão especial à Clara Durans. Se hoje alguém chegou nesse trabalho e está lendo, agradeça a cada ato de amor e companheirismo dela, pois ela acreditou em mim, mesmo me vendo desistir inúmeras vezes. O mestrado, talvez, tenha sido o ciclo mais problemático da minha vida, mas tudo valeu a pena porque me possibilitou os encontros, as conversas e as experiências que tive do lado dela. Assim, toda minha gratidão pelos abraços e por ter acreditado em mim. Para ti todo o amor.

Por fim, a todos e todas a minha gratidão, sobretudo, se estendendo para aqueles não citados, mas que encontrei no caminho e que participaram da existência dessa pesquisa. Muito obrigado!

“Percorrer estes caminhos envolve ir e voltar,
tornar a ir, procurar, caminhar sem saber bem
para onde se está indo”

(Marandola Jr, 2021, p.44)

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo interpretar o lugar através das vivências, experiências e percepções cotidianas dos moradores da cidade de Aldeias Altas, no Maranhão. Neste sentido, os caminhos percorridos têm bases em discussões teóricas-metodológicas da Geografia Humanista e nas influências fenomenológicas e existencialistas, enfatizando o lugar, a historicidade e as percepção dos moradores em meio as diferentes significações, ritmos do cotidiano e geograficidade. A cidade, interpretada como lugar, tem respaldo em discussões de Tuan (1983), Relph (2012) e Buttimer (2015), sobretudo valorizando as experiências como base para construção de significados, identidades e pertencimento aos lugares de vida. Nesse sentido, o lugar em Aldeias Altas é problematizado a partir da interpretação e processo de compreensão descritiva de como emergiu e se constituiu o lugar na tensão com a sua “fabricação” e existência(s), exaltando as relações experienciais subjetivas e intersubjetivas dos moradores com o ambiente, base cultural, memórias e identidades que emergem, assim como a geograficidade e as significações dadas pelos habitantes, considerando a aproximação amálgama do corpo com a cultura, valores, símbolos, história e sentidos, na manutenção de características e metamorfoses no vivido. Para tanto, houve a realização de trabalho de campo, observações e entrevistas, além de um levantamento documental, com base em premissas fenomenológicas e na geograficidade de Dardel (2011), possibilitando interpretações sobre as diferentes escalas da experiência banal. Assim, com base na existência, realizamos uma interpretação do lugar dos moradores de Aldeias Altas, exaltando processos de tensão, historicidade e sentidos do viver a cidade ao longo dos seus anos pós-emancipação; além de uma conversa com moradores de diferentes idades e contextos, possibilitando pensar, refletir, ver e sentir o lugar. Esse caminhar possibilitou que o lugar aldeias-altense se revelasse, como um emaranhado de composições vividas, diferentes matrizes e nuances de uma cidade que se mantém próxima da natureza, assim como a presença simbólica do rural no urbano que marcam os retratos e percepções cotidianas.

Palavras-chaves: Lugar e cidade. Aldeias Altas, Maranhão. Experiência. Geografia Humanista.

ABSTRACT

The present research aims to interpret the place through the daily experiences, experiences and perceptions of the residents of the city of Aldeias Altas, in Maranhão. In this sense, the paths covered are based on theoretical-methodological discussions of Humanist Geography and on phenomenological and existentialist influences, emphasizing the place, the lived space and the perception of residents amid the different rhythms of everyday life. The city, interpreted as a place, is supported by discussions by Tuan (1983), Relph (2012) and Buttimer (2015), especially valuing the perspective of experience as a basis for building meanings, identities and belonging to places of life. The place in Aldeias Altas is problematized and interpreted from a constitution of the place in tension with the “fabrication”, initiated post-emancipation and the construction process of the city, exalting the subjective and intersubjective experiential relations of the residents with the environment, existence, memories and identities that emerge, as well as the geography and meanings given by the inhabitants, considering the amalgam approach of the body with culture, values, symbols, history and meanings in the maintenance of characteristics and metamorphoses in the lived experience. For that, fieldwork, observations and interviews were carried out, in addition to a documentary survey, based on phenomenological premises and Dardel's (2011) geographicity, allowing interpretations on the different scales of ordinary experience. Thus, based on existence, we performed an interpretation of the place of the residents of Aldeias Altas, exalting processes of tension, historicity and meanings of living in the city throughout its years as emancipated; as well as a conversation between generations and an opportunity to think, reflect and see the portraits of this place/city.

Keywords: Place and city. Aldeias Altas, Maranhão. Experience. Humanist Geography.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Localização da cidade de Aldeias Altas.....	21
Figura 2 - Placa com o slogan “Terra de um povo bonito e trabalhador” e comemoração dos 60 anos de emancipação. E post feito na internet pelo Governo do Estado sobre o letreiro de Aldeias Altas	54
Figura 3 - Letreiro localizado na entrada da cidade e um monumento em Homenagem a São João Batista.....	55
Figura 4 - Emancipações municipais na década de 1960.....	73
Figura 5 - Mosaico com fotos da chegada de características modernizadoras apontadas pelos moradores que vivenciaram os primeiros anos da cidade. A – Construção da primeira agência postal dos correios. B – Primeira agência postal da cidade. C – Avenida João Rosa em 1980. D- Antigo mercado central.	76
Figura 6 – Piscina Pública de 1976	78
Figura 7 – Árvores popularmente conhecida como “tabocas” na entrada da cidade	83
Figura 8 – Avenida João Rosa, área de maior concentração de lojas.....	85
Figura 9 – Carro temático em alusão a série Game of Thrones feito em um dos tradicionais desfiles da Gincana municipal do Povo	86
Figura 10 – Mosaico com fotografias da Gincana Municipal do Povo em Aldeias Altas, destacando provas em diferentes edições.	87
Figura 11 – Centro de Ensino Teófilo Dias a principal escola de ensino médio do município	90
Figura 12 – Capas e Sumário do livro de Zé Bona	91
Figura 13 – As portas que se abrem	93
Figura 14 – “Seu Chico do INCRA” morador da cidade de Aldeias Altas.....	97
Figura 15 – Retratos cotidianos de Aldeias Altas	99
Figura 16 – Praça central e o uso de bonés	102
Figura 17 – Bairro Capivara, Aldeias Altas	102
Figura 18 – Construção da nova avenida da cidade “novo cartão postal”	103

SUMÁRIO

PRIMEIROS PASSOS	11
INTRODUÇÃO	15
1 CAMINHOS DA GEOGRAFIA HUMANISTA E A VALORIZAÇÃO DO VIVIDO	23
1.1 A geografia do espaço vivido	33
1.2 A dimensão do vivido na geografia humanista brasileira	37
1.3 O renascimento do lugar: lar, afetividade, memórias e as nuances da experiência cotidiana	43
1.4 O habitar e o lugar em Aldeias Altas	56
2 O SONHO DE ALDERICO: uma espacialização dos caminhos	61
2.1 A cidade como lugar: historicidade, experiência e os significados cotidianos	62
2.2 Experiências e contextos da “modernidade” aldeias-altense: um aporte crítico para o lugar humanista	70
2.3 Construção do lugar e a perspectiva da experiência	76
3 EXPRESSÕES DO VIVIDO: LUGAR	81
3.1 A geograficidade da vida aldeias-altense	82
3.2 O que um dia foi sonho, hoje é lugar: percepções dos moradores	95
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	104
REFERÊNCIAS	108



PRIMEIROS PASSOS



Essa pesquisa nasceu bem antes do início das aulas no mestrado e de todas as normatizações necessárias em um projeto científico. Em meados de abril de 2020, uma parcela significativa da população mundial encontrava-se em pânico: o medo e a tristeza em ver entes queridos serem levados por uma pandemia, que se alastrava por um longo tempo, as incertezas acerca do futuro e a redução das experiências de mundo a paredes das próprias casas, além das telas de seus celulares e computadores serem os protagonistas das experiências. A incerteza virou rotina na vida de bilhões de pessoas ao mesmo tempo em que as atividades precisavam ser mantidas, e a escala virtual surgia, assim, como opção para que a vida continuasse.

Nesse contexto, isolados em quartos, uma boa parte dos estudantes não se encontravam empolgados com a continuidade nos estudos – fatos que podem ser comprovados ao realizar um levantamento acerca da evasão nos últimos três anos. A ansiedade pela resolução da crise e o desejo que a vida voltasse ao normal tomaram conta dos anseios daqueles que almejavam a vida acadêmica. O caso do autor não era diferente: embora as seleções para mestrado estivessem aos poucos voltando, a força para escrever esvaiu em pensamentos sobre o porquê de estar almejando algo se ainda não poderia sequer sair de casa ou de como seria o amanhã. Por outro lado, ao mesmo tempo, considerava ainda mais importante interpretar o lugar e os espaços de vida das pessoas, depois de dois anos distanciados de sua vivência normal, das imagens e dos vídeos que rodavam o mundo sobre pessoas se adequando aos lugares que amam.

Nesse cenário, tem ainda todo o arcabouço de experiências do pesquisador que nasceu e cresceu em constante estado de movimento entre o urbano e o rural. A realidade de diferentes perspectivas: de um lado, o acesso à tecnologias, o consumo de produções, filmes, séries e programas de tv que retratam a realidade das grandes cidades do mundo; por outro lado, recortes do dia a dia que o levou a andar em ruas de terra, com casas que, às vezes, não tinham paredes, entre roças e pessoas que vivem em outro ritmo daqueles que, costumeiramente, aparecem na tv e em estudos urbanos, sendo próximos da natureza e ainda dependentes dela, com algumas práticas de caças ou manutenção de produção de roças.

Com avanço das experiências de vida deste pesquisador, foi crescendo e problematizando esses parâmetros não só pelo constante questionamento acerca das razões pelos quais aquelas quebradeiras de coco se isolavam em lugares considerados distantes, e o

sentimento delas por coisas que naquele momento pareciam banais, como também pelos caminhos tortuosos que o levou até a geografia.

O encontro com a linha que permite a existência desta pesquisa, deu-se no segundo ano de graduação, entre aquelas variadas leituras obrigatórias e a curiosidade por um termo que parecia estranho: “geosofia”. Como é comum, o primeiro movimento é sempre pesquisar na internet, a resposta foi um artigo de Galvão Filho (2015) e seu primeiro parágrafo que viria a moldar todo o percurso de escrita e problemáticas interpretadas nos últimos anos:

No início da manhã, percorrendo as paisagens de um bairro qualquer durante uma caminhada sob um céu de azul intenso característico do outono, iluminado por um sol que aquece sem incomodar, envolto em um silêncio que as manhãs de domingo oferecem, vem à tona a sensação, para esse homem que caminha, de que essa combinação de elementos, essa circunstância na qual encontra-se, de algum modo afeta o seu modo de ser-no-mundo. Para além do que já estudou nos livros e nos atlas sobre esse bairro ou sobre a cidade em que mora, esse caminhante reconhece em si mesmo que suas próprias experiências, com suas diferentes intensidades, também transformam seu modo de conhecer as coisas do seu mundo. Mas qual pode ser esse conhecimento? (GALVÃO FILHO, 2015, p.1)

E foi numa dessas releituras que a cidade de Aldeias Altas apareceu como um ponto de interrogação: memórias sobre as constantes idas às comunidades que se encontravam no limite entre Caxias e Aldeias Altas e a curiosidade por saber como era a vida do outro lado do riacho era, agora, ampliada por todas as leituras e conhecimentos que a geografia poderia proporcionar. Questionava acerca da vivência naquela cidade e do híbrido de tradições e valores construídos pelas experiências das pessoas que lá vivem.

Fazendo proveito dessa empolgação, a semente dessa pesquisa foi plantada e semeada com a aprovação no Programa de Pós-Graduação em Geografia, Natureza e Dinâmica do Espaço (UEMA) e com o início das aulas virtuais em 2021. Essa angariação nos dois semestres do ano, melhorias na problemática, estrutura, metodologia e, principalmente, uma abordagem empírica que realçou a noção de intencionalidade, os pensamentos e as ações dos moradores em relação ao lugar onde vivem.

A pesquisa foi moldando-se após cada disciplina, apontamentos, eventos e apresentações que completam a experiência da pós-graduação. Portanto, considerando que o primeiro ano (2021) foi de atividades virtuais, a experiência de estágio na Unicamp teve um sabor especial, proporcionada pelo Programa de Cooperação Acadêmica (PROCAD Amazônia): marcar a primeira vivência presencial no mestrado, possibilitando encontros com referências, inclusive, algumas delas aparecerão com frequência neste trabalho.

Quanto às disciplinas em Programa de Pós-Graduação: Seminário I (Programa de Pós-Graduação em Geografia, Natureza e dinâmica do Espaço – PPGeo-UEMA); Conceitos e temas em Geografia (Programa de Pós-Graduação em Geografia, Natureza e dinâmica do Espaço – PPGeo-UEMA); Tópicos especiais em geografia: método e metodologia em Geografia (Programa de Pós-Graduação em Geografia, Natureza e dinâmica do Espaço – PPGeo-UEMA-Unicamp - UFPA); Pensamento Marxista e a cidade: um diálogo entre Henri Lefebvre e a Geografia Urbana (Programa de Pós-Graduação em Geografia, Natureza e dinâmica do Espaço – PPGeo-UEMA); Seminário II (Programa de Pós-Graduação em Geografia, Natureza e dinâmica do Espaço – PPGeo-UEMA); Regionalização, Modernização Agropecuária e Urbanização na Formação da Fronteira Brasileira (Instituto de Geociências da Unicamp – Pós-graduação em Geografia).

Quanto aos estágios acadêmicos: Estágio docência em Geografia Econômica mediado pelo Professor Dr. Carlos Eduardo Nobre, no curso de Licenciatura em Geografia – Universidade Estadual do Maranhão – São Luís (6 meses); Estágio Unicamp: Programa de Cooperação Acadêmica (PROCAD-UEMA-Unicamp-UFPA) Campinas, São Paulo (4 meses).

No que diz respeito à organização de eventos, temos: Comissão organizadora do VII Seminário do Programa de Pós-Graduação em Geografia, Natureza e Dinâmica do espaço (2021) São Luís, Maranhão. Comissão Organizadora do Seminário de Pesquisa PROCAD Amazônia “Uso do Território, Modernizações, Desigualdades Sociais e Questão Ambiental no Maranhão” 2022 (UEMA-Unicamp) Campinas, São Paulo.

Assim como participação em Grupos de estudos, principalmente o Grupo de Estudos sobre Espaço e Cultura (GEEC - UEMA), coordenado pelo professor José Arilson Xavier, com discussões que perpassam um número significativo de textos bases usados nesta pesquisa.

Pontuadas as experiências entre as paredes e teorias da academia, não podemos deixar de realçar aquelas que aconteceram fora dela: não somente o choque de realidade com as vivências e andanças pelo Estado de São Paulo e o período na terceira maior universidade da América Latina, mas também aquelas caminhadas pelo centro de Aldeias Altas, as horas de conversa nas calçadas com os moradores, os simples detalhes da intersubjetividade, o ato de dar a "bênção" aos residentes idosos da cidade, mesmo sem ter nenhum grau de parentesco, os anseios de melhoria, amparados pela calma cotidiana, a valorização dos costumes e práticas tradicionais – roças, criação de porcos, galinhas, aliás, em alguns casos, até cavalos, e

hortaliças, não apenas para subsistência. Além, é claro, os dias ao sol sem muito resultado, os encontros inesperados, os poucos dados sobre a história da cidade, o encontro com parentes que não sabia da existência, casos e acasos daqueles que se direcionam com um olhar fenomenológico.

Por fim, entre as leituras aleatórias na graduação, destaca-se o estranhamento com a pesquisa por uma linha que consideravam “diferente”, as conversas com a avó (antes que ela se fosse) e a curiosidade por detalhes que passam despercebidos no cotidiano, como a presença constante de tradicionalidades e aspectos do rural nas casas e ruas de Aldeias Altas.

INTRODUÇÃO

“Minha terra tem palmeiras, onde canta o Sabiá; as aves, que aqui gorjeiam, não gorjeiam como lá. Nosso céu tem mais estrelas, nossas várzeas tem mais flores, nossos bosques têm mais vida, nossa vida mais amores. Em cismar, sozinho, à noite, mais prazer eu encontro lá; minha terra tem palmeiras, onde canta o Sabiá. Minha Terra tem primores, que tais não encontro cá; Em cismar – sozinho, à noite – Mais prazer eu encontro lá; Minha terra tem palmeiras, onde canta o Sabiá. Não permita Deus que eu morra, sem que eu volte para lá; Sem que disfrute os primores, que não encontro por cá; Sem qu’inda aviste as palmeiras, onde canta o Sábíá”.

Gonçalves Dias, *Canção do exílio*

As palavras escritas a partir daqui surgem de ações e movimentos que antecedem quaisquer organizações sobre uma problemática científica. Os gostos por observar os movimentos das pessoas, os pequenos afazeres cotidianos, as banalidades do dia a dia, percepções acerca dos costumes e valores, assim como a convivência com as particularidades, diferentes linguagens, modos de lidar com a terra, significados e símbolos entre os diversos modos de vida construíram um caminho que sempre começa em lugar.

Observações que com o tempo se tornaram inquietações. O lugar, agora, toma os pensamentos como um conceito e interpretações que necessitam de um método para que possam ser feitas. Surge, portanto, um contexto de experiências embasadas por uma origem de vida em pequenos municípios, principalmente na realidade rural dos povoados preenchidos por práticas da quebra de coco e plantações de subsistência comuns em boa parte do estado do Maranhão. A partir da vivência nesses lugares, compreendendo a fundamentação do habitar e do estar no mundo na construção/fabricação do lugar resultante da existência, buscamos interpretar o lugar e a percepção dos moradores da cidade de Aldeias Altas.

Um objeto de estudo que por muitos anos permeou o imaginário e muitos questionamentos acerca da vida, festividades, movimentos, paisagem, estrutura, casas e, principalmente, as pessoas. Portanto, 33km separaram Caxias, cidade natal do autor, de Aldeias Altas, as inquietações e curiosidades daquele que por muito tempo não tinha condições de viajar eram preenchidas pelos municípios que estavam por perto. O que fica claro é que as experiências e vivências são próximas deste objeto. Em um paralelo com os argumentos de Brandão (2016, p.2) sobre o habitar das pessoas e o seu próprio, e as possibilidades de estar “sujeita à minha própria cegueira” quando se refere a sua aproximação com o objeto de estudo, também se apresentam nesta dissertação, porém, ciente do “meu lugar” e buscando interpretar o lugar dos moradores da cidade de Aldeias Altas, questionamos: como foi construído o mundo de significados? Quais as principais ações,

atividades e movimentos que compõem o município? Como os moradores se relacionam com os lugares? Quais diferentes tipos de lugares significam para diferentes pessoas? Quais os principais vínculos com o lugar? São esses e outros questionamentos que o objeto nos apresentou nesse caminho.

Entre os pontos que compõem a problemática, estão a constituição da cidade enquanto lugar na tensão com a sua fabricação (processo autocrático do coronel que forja o município) e as dinâmicas existenciais que emergem disso, numa afirmativa de que há um lugar independente das práticas que envolvem sua construção, assim como uma elaboração identitária. Ao mesmo tempo vou observando o lugar das/para pessoas, numa articulação com a historicidade e os ritmos, em meio a uma leitura que ainda permite um diálogo com a geograficidade de Dardel (2011).

O lugar nesta dissertação tem base nos direcionamentos e reflexões dos principais idealizadores deste conceito na geografia humanista Tuan (2013), Relph (1980), Buttimer (2015), essencialmente como possibilitadores de uma reflexão que passa a considerar muito mais que um espaço material, mas também os significados para quem vive, apropria e constrói em dimensões subjetivas, relacionais e sociais, abrangendo também o cognitivo e sensorial (VARGAS, 2018). O lugar Aldeias Altas é “um mundo de significados organizado”, como afirma Tuan (1976, p. 198), e seria, segundo Relph (1976), o centro das ações e das experiências, dois apontamentos que nortearam nossa interpretação, já que não é tarefa fácil aquela de identificar e entender como se compõe um lugar.

Ciente das armadilhas daqueles considerados “de fora” (*outsiders*) e atento às possibilidades de não deixar a proximidade criar hipóteses antecipadas como “armadilhas dos de dentro” (*insiders*) (BUTTIMER, 2015), buscamos a interpretação do lugar em diferentes aproximações, dimensão pessoal (afeto, cognitivo e comportamento), dimensão ambiental (entorno, aspectos físicos e sociais) e uma última relacionada diretamente aos significados resultantes das experiências e interações. De forma que abranja uma interpretação que uma hora conversa com a historicidade e os lugares de memória, outra que exalta as experiências subjetivas e o lugar de afeto para as pessoas, outrora descrevendo o lugar para moradores de diferentes gerações (VARGAS, 2018).

Sem nenhuma intenção estruturalista, e sim uma forma de possibilitar uma análise empírica e qualitativa que abarque nossa pretensão fenomenológica e que nos permita descrever de maneira interpretativa o lugar do ponto de vista de quem o percebe, ou de quem o “vive”, “pois são tais pessoas que conseguem entender de forma conjunta as construções,

atividades e significados” (Relph, 2012, p.26). Segundo Vargas (2018), as diferentes instâncias conversam entre si através da revelação das percepções dos indivíduos, dos significados e dos aspectos do sentido de lugar, numa proposição de que o lugar é um produto de intersubjetividade, ao mesmo tempo, que ainda sendo construído individualmente, têm uma reconstrução pautada coletivamente.

No início desta introdução, destacamos o poema canção do exílio, um dos mais difundidos no país, de autoria de Gonçalves Dias. O poema é um convite para entrar no seu lugar, a pensar sobre sentimento e ligação a um conjunto de características que compõem a sua terra natal. O autor é natural de um povoado que hoje pertence à Aldeias Altas, o poeta declama, nesse escrito, a saudade das terras e as vivências que deixou por cá, destacando características e dando um impacto geopoético para essas primeiras palavras desta dissertação, numa apresentação sobre o lugar que iremos percorrer, interpretar e diferenciar em observações, andanças e conversas com os moradores por meio de um caminho aberto pela geografia humanista, em uma elucidação do que é o lugar, não podendo ser concebido como um conceito generalizável.

Portanto, objetiva-se nesta pesquisa realçar o lugar que emerge, independentemente, da construção/fabricação de Aldeias Altas, descrevendo vivências e partindo das experiências, sentidos e significações dadas por seus moradores, relacionando ao mesmo tempo os sentimentos e compreensões acerca das experiências desencadeadas em meio ao “nascimento” da cidade e os modos de existência possibilitados por ele, além da história e das relações sociais encontradas no mundo vivido estudado, assim como enfatizar a compreensão do lugar como nexos das geografias presentes na constituição identitária.

Com uma abordagem que viaja entre os diferentes constituintes do lugar, foram realçadas as primeiras experiências da geração de cidadãos que passou a conceber Aldeias Altas como uma cidade, em meados de 1961, através de uma descrição geohistórica e interpretativa, destacando experiências com o “novo”, mudanças no ritmo de vida e manutenção de características tradicionais no cotidiano. Além de enfatizar as percepções das diferentes gerações, os mais jovens e os sentidos de lugar, as temporalidades sobrepostas e os relatos daqueles vivenciaram outras realidades fora da cidade durante alguns anos.

Entre a razão e a história, o ontem e o hoje, o movimento e a pausa, o subjetivo e o objetivo, o lugar nessa pesquisa perpassa por nuances de uma construção que se aproxima dos indivíduos, com a intenção de valorizar suas experiências do dia a dia e interpretar sua familiaridade com uma porção do espaço (TUAN, 1983), além de destacar o entrecruzamento

entre o habitar e as falas dos moradores, as relações com o meio físico e social, a permanência de características do passado e as metamorfoses do vivido, ou como afirma Oliveira (2014, p.15): para apreender o sentido atribuído aos lugares, é necessária uma consciência de suas dimensões significativas, pensadas “a partir da experiência, do habitar, do falar e dos ritmos e transformações”.

Ademais, pensar sobre um lugar é caminhar entre as nuances de suas histórias, ao mesmo tempo, é compreender que cada morador carrega em si um lugar que independe do seu conhecimento acerca da história escrita. Nesse sentido, o lugar é cheio de subjetividade, das marcas deixadas e expressas no cotidiano de cada um. Fazer uma interpretação dessa vivência se faz possível considerando que esse lugar tem um tempo e uma dinâmica singular. Segundo Tuan (1983, p.61), o lugar “é fechado, íntimo e humanizado”, compreende-se, então, que esse espaço vivido é carregado de experiências em constante estado de renovação, baseadas no passado e vislumbrando o futuro.

A existência dos lugares está relacionada diretamente aos movimentos nos espaços vividos e de suas características, sejam elas econômicas, culturais ou identitárias. Nesse caminhar interpretativo, o lugar é aquele relacionado à visão subjetiva dos moradores frente suas vidas, relações, valores, convicções, tarefas, movimentos e formas de enxergar o mundo.

Há algumas incertezas na geografia sobre a possibilidade de abarcar uma cidade como um lugar, ainda mais se considerarmos a corrente experiencial, já que as grandes e médias cidades são, hoje, preenchidas por ritmos da globalização, o conhecer e o vivê-las por completo, assim como as percepções são, por muitas vezes, impossibilitadas/moldadas por suas características e pelo movimento acelerado. Porém, diferente dessas, nas concepções de lugar humanista, autores como Relph (2012) afirmam a possibilidade de interpretação do lugar em diferentes escalas, ao mesmo tempo que pontuam a necessária consideração das experiências, como aquelas descritas nos capítulos posteriores, numa afirmação da cidade/lugar.

Considerando essas preocupações, os aspectos de lugar, evidenciados aqui, se alinham com a premissa de um fenômeno que se revela, interpretando Aldeias Altas pelos sentidos, memórias, habitar, percepções e movimentos, refletindo sobre uma construção por diferentes gerações que experienciam e, portanto, conhecem e o significam: sejam as falas sobre seus aspectos positivos, como a paz e a calma; ou os que consideram negativos, como os problemas envolvendo acesso a serviços básicos de correios e saúde.

Um outro ponto é a geograficidade, o conceito de Dardel (2011) é mais um aporte para a interpretação do relacionamento dos moradores com o lugar. Serpa (2017, p.587) resgata as ideias do geógrafo francês afirmando que a geograficidade é “antes mesmo de qualquer conceituação ou estratégia de representação conceitual, os seres humanos são seres espaciais em sua essência, e que viver é produzir/experienciar espaço”. Uma análise que contrapõe a ciência moderna para revelar as essências das relações, as experiências primárias e as criações/transformações e ritmos no dia a dia, como por exemplo, a construção de uma casa, a retirada da vegetação que dar lugar a uma nova loja, o conduzir de uma moto pelas ruas, as aproximações e distanciamentos com o meio ambiente, numa interpretação geográfica que observa e problematiza o corriqueiro, sem uma procura bem extraordinário, numa geografia que se revela no ordinário e nas vivências de quem vive o lugar.

Considerando a dinâmica do espaço da cidade e os acontecimentos em sua história recente, assim como a ênfase dada por Tuan (1983), compreendemos a importância de considerar o tempo na busca pelo lugar numa perspectiva humanista. Em decorrências dessas perspectivas, é difícil não questionar sobre: quais os principais fatores de transformação percebidos pelos moradores? Quais os lugares representam um maior ponto de coletividade? Como esses percebem a manutenção de características tradicionais em suas vidas? Quais os pontos de segurança para os moradores da cidade? Dentre outros realces aprofundados na pesquisa, considerando a busca por interpretar as percepções do lugar experienciado.

As questões apresentadas, guiaram o adentrar no lugar e o vivido da cidade, possibilitando a realização de uma análise e leitura das geograficidades e significados que estão a cada passo do cotidiano dos moradores, assim como a dimensão do habitar e as características de movimentos e composição. Entre os fatores que revelam o sentimento de pertencimento dos cidadãos, estão os símbolos e as características culturais, dentre elas é relevante destacar a religiosidade, as festas, o santuário e a vaquejada, elementos relacionados diretamente aos festejos de São João Batista, padroeiro de Aldeias Altas. Sendo assim, a estrutura cultural também permitiu uma descrição da relação entre o sentimento de pertencimento e os fenômenos intersubjetivos.

Em termos objetivos, a pesquisa teve como objetivo geral: interpretar a percepção do lugar no município, alinhando historicidade, construção, significados, símbolos, valores, sentimentos e atitudes dos moradores de Aldeias Altas-MA; quanto aos objetivos específicos, são: I. Descrever a construção do Lugar para os moradores do município a partir da concepção de lugar, habitar e geograficidade. II. Discutir as vivências frente às mudanças

espaciais, memórias, processo histórico e angariação de sentido de lugar na cidade. III Aprender o lugar através da observação e convivência cotidiana na cidade, relacionando a geograficidade e ao habitar, por meio de movimentos diários, falas e convivência intersubjetiva.

Sendo assim, utilizamos no primeiro capítulo uma estrutura conceitual e detalhamento do conceito de lugar buscando as raízes e suas nuances enquanto uma categoria sobre a luz do humanismo geográfico. Entre as principais referências estão Edward Relph (2012), Yi-Fu Tuan (1983, 2013), Anne Buttmer (1985, 2015), Werther Holzer (1999, 2016), Eduardo Marandola Jr (2003, 2013), como resultado a consolidação dos caminhos conceituais básicos.

Nesse viés, o segundo capítulo foi construído em uma abordagem que relaciona documentos históricos com a historicidade, composta inicialmente por conversas e entrevistas no campo com a geração de moradores que estiveram presentes nos anos iniciais pós-emancipação, trazendo algumas falas sobre os lugares de memória, as experiências subjetivas desses com a construção da cidade e a do lugar, os relatos acerca dos eventos coletivos, formas e simbologias, e os principais fatores por trás da manutenção vívida de aspectos tradicionais na vida desses indivíduos. Para que contemplasse, de maneira geral, a realidade das primeiras décadas da cidade e suas transformações, houve também um levantamento documental, uma análise de fotografias e acesso a jornais da época. Corroborando com essa abordagem histórica, o capítulo também é composto por uma discussão acerca da historicidade e o contexto em que a cidade está inserida, numa abordagem descritiva a respeito da vida na cidade, vivências e caminhos cotidianos.

O terceiro capítulo realça a geograficidade. O resultado das entrevistas e percepções distintas entre gerações de moradores, além de uma abordagem experiencial entre os anseios dos cidadãos, os eventos culturais, as particularidades que se sobressaem em escalas subjetivas e intersubjetivas em diferentes realidades do lugar, os símbolos, significados no cotidiano, os movimentos – ou como aponta Seamon (2013) as danças-do-lugar – que evidenciam as existências e suas resistências que compõe o lugar, numa imagem interpretativa de que antes de rotular, é necessário questionar “a cidade é pequena para quem?”.

Como já destacado em passagens anteriores, o direcionamento metodológico e filosófico privilegiado para a construção dessa proposição é o fenomenológico. Uma corrente filosófica e maneira de enxergar o mundo que possibilita que o fenômeno se revele sem que

antes tenhamos imposto uma gama de predefinições. Como metodologia que alicerça essas pretensões fenomenológica, estão as entrevistas realizadas durante longos períodos (em sua maioria, abertas), levantamento documental, registros iconográficos, residência e convivência na cidade.

Para pensar nossa postura frente essas ações e problemáticas que surgiram ao interpretar um fenômeno subjetivo e coletivo, em uma dinâmica muito própria do lugar, nos atentamos sobre as armadilhas dos “de fora” e dos “de dentro” em referência a Buttimer (2015) e ficamos cientes das respostas impulsivas que nossa posição de observadores poderia construir. Segundo Brandão (2016), quando estamos em campo, ficamos com muita pressa por resultados, grandes descobertas e buscando exaltar uma problemática atual e midiática. No entanto, guiados por premissas fenomenológicas e numa proposta de interpretação de lugar, construído independente de ações grandiosas, nos deparamos com o ordinário, comum, corriqueiro, cotidiano, uma revelação que o próprio lugar faz de si, já que buscamos interpretar o vivido, era necessário enxergar o extraordinário no comum, não como uma obrigação, mas deixar que desvelar-se, sentir, ver, tocar e, principalmente, ouvir.

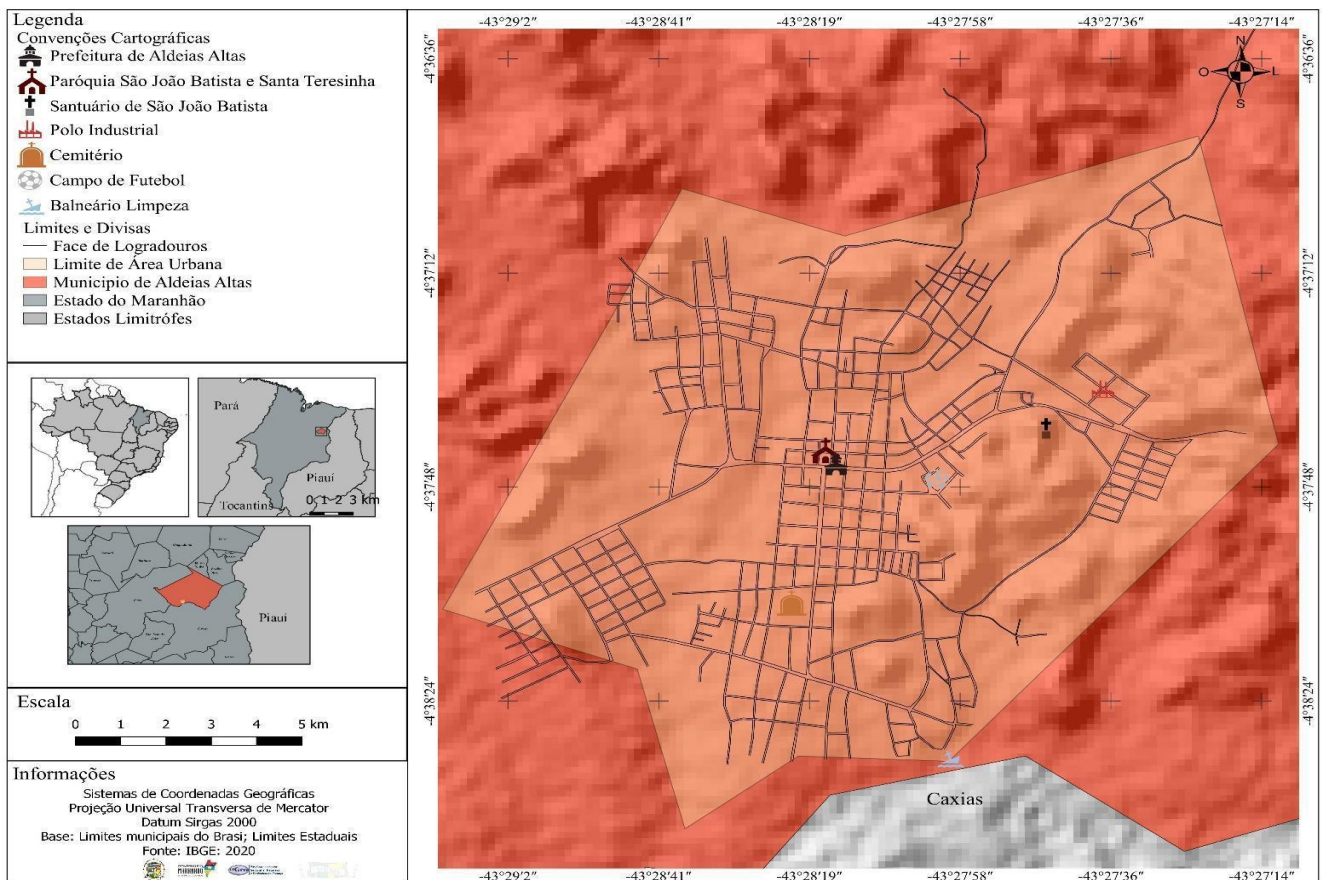
Para assumir essa postura, permitimos nos “espantar”, sair de nossas normalidades e deixar que o lugar não fosse natural, sem comparações ou busca por grandiosidades, um trato diferente com o trivial, mesmo que em várias ocasiões o campo tenha nos deixado com dúvidas, se havíamos nos perdido nas propostas ou cometido erros nos objetivos, isso em razão da “simplicidade” dos dados e conversas, além do esforço de guiar por um aporte conceitual e teórico distante dessa realidade em particular.

O trabalho de campo angaria com essas questões e revelações do vivido na cidade, mais uma etapa. Entre os dias 3 de janeiro e 5 de fevereiro de 2022, optamos por nos dirigir a Aldeias Altas com intenções que abarcavam nossos objetivos em termos de aproximação com a realidade, alugamos um quarto em uma das pousadas.

Dentre as 20 entrevistas (número de entrevistados com falas que direcionaram a construção dos capítulos), 6 delas foram com moradores com mais de 60 anos. Esta escolha foi feita considerando critérios apontados pelos próprios moradores, a exemplo, o tempo de moradia, relevância na história da cidade e figuras imponentes no cenário cultural, econômico e lúdico, em sua maioria, aposentados e que vivem há 40 anos na cidade. Outros 7 entrevistados, com idades entre 20 e 50 anos, concentrados entre figuras políticas, líderes comunitários, trabalhadores autônomos nas ruas, mercado central e praças da cidade - seleção feita conforme os contornos que a cidade apresentou, principalmente em figuras que, por meio

de conversas, eram indicados como “representantes do lugar”. Os últimos 7 são jovens abaixo dos 20 anos, geralmente, estudantes e representantes de grupos culturais. Todas as escolhas têm uma base nos períodos de observação e, principalmente, nos próprios direcionamentos da cidade, assim como alguns documentos produzidos, movimentos de valorização nas redes sociais e indicações. O lugar fala dos principais pontos de referência de coletividade e suas localizações. Sendo assim, traçamos esses pontos tendo como base as falas. Segue abaixo:

Figura 1: Localização da cidade de Aldeias Altas



Fonte: GOUVEIA (2022)

A cidade de Aldeias Altas localiza-se na microrregião de Coelho Neto (mesorregião leste maranhense), a 392km de São Luís. Segundo o último censo (IBGE, 2022), tem uma população de 23.286 pessoas, dessas, um pouco mais de 10 mil, estão na zona urbana. Na figura 1, destacamos alguns pontos na pesquisa em campo, como “lugares” centrais da vida aldeias-altense, visto que apareceram com frequência nos diálogos e conversas com os habitantes. Dessa forma, pontuamos, simbolicamente, no mapa de localização como destaque ao vivido e as representações.

Caminhando para os atos derradeiros dessa viagem que só se inicia, buscamos interpretar os retratos do lugar, exaltando o banal e os aspectos que de tão naturais, dificilmente são pensados ou questionados. No final, descreveremos lugares e vidas, em diferentes dimensões, ao mesmo tempo em que conhecemos uma cidade e o modo próprio de leitura do mundo de pessoas em tempos menos acelerados, resguardadas entre a insistência impensada e a vivida de aproximação com o verde, as ressignificações de atividades e a construção do “seu lugar”.

Convidamos para caminhar conosco, por estradas com aromas das palmeiras, entre o verde que ainda vive, pelas músicas que ecoam entre as horas de preparo do almoço, entre as conversas despreocupadas no banco da praça, entre o ontem e o hoje, nas conversas e memórias que dão vida ao dia a dia, dentro de suas próprias vulnerabilidades, para então alcançar o lugar que ali emerge, como canta o sabiá.

1 CAMINHOS DA GEOGRAFIA HUMANISTA E A VALORIZAÇÃO DO VIVIDO

Há sempre uma rotina frequente para aqueles que se aventuram nos estudos geográficos, um calouro ainda confuso e empolgado com a vida acadêmica, na maioria das vezes, relata com animação suas primeiras experiências e aprendizados, ainda que em grande parte dos diálogos seja questionado por familiares e amigos sobre a capital de um pequeno país ou sobre qualquer dado mais quantitativo do mundo. É difícil fugir de rótulos, a geografia, enquanto ciência, ainda tem um longo caminho a percorrer. No entanto, há algumas décadas, dentro dos movimentos epistemológicos, surgiram correntes do pensamento que possibilitaram, ao menos internamente, estudos e conceitos que voltassem às “essencialidades”, ao mundo vivido, as experiências como um ponto de partida para a reflexão geográfica (HOLZER, 2016).

Surge, então, uma corrente que possibilita que aquele mesmo calouro se depare, em sua caminhada acadêmica na geografia, com conceitos e premissas conceituais humanistas que lhes apresente a possibilidade de enxergar a realidade com um olhar voltado às experiências das pessoas e as significações dadas nesses processos. Como resultado desse contato, e empolgados com uma linha que valoriza o vivido, desenvolvemos essa pesquisa apresentando, inicialmente, os autores que no caminhar da ciência geográfica se incomodaram com a distância entre a geografia e as pessoas.

O interesse está longe de ser uma tentativa de revelar o estado da arte, mas, sim, em caminhar entre os principais autores e conceitos que possibilitaram a existência desse estudo, uma busca por evidenciar os percursos e possibilidades da geografia humanista como uma corrente que apresenta, sob um viés geográfico, conceitos e perspectivas que interpretam as experiências, valorizam as percepções e nos permitem compreender a escala do vivido partindo, essencialmente, das pessoas e dos fenômenos envoltos na subjetividade e coletividade.

A construção de uma base humanista na geografia tem pontos importantes ligados a um movimento interdisciplinar e aproximação com correntes filosóficas que consideram uma leitura mais subjetiva, não apenas como uma resposta à postura positivista (ou neopositivista), mas, principalmente, uma renovação teórico metodológica na geografia (MARANDOLA JR, 2013). O movimento humanista e cultural se consolidou como um subcampo nos anos de 1970, porém, é importante ressaltar que sua trajetória já tem alguns pontos cruciais desde os anos de 1920, como destaca Holzer (2016) ao falar das vertentes

desenvolvidas por aqueles geógrafos que flertavam com a fenomenologia e o existencialismo, e até por aqueles que tiveram obras esquecidas por décadas.

A Geografia esteve por anos evoluindo sobre bases tradicionais e/ou quantitativas, que acabavam por limitar as interpretações possíveis da realidade apresentada logo após a Segunda Guerra Mundial. Após essa nova guinada do capitalismo, e a consolidação de uma proposta de globalização, muitos geógrafos começaram a enveredar pelas trilhas do pensamento marxista, outros com uma postura mais interdisciplinar aderiram às prerrogativas humanistas, fenomenológicas e existencialistas, esses últimos compreendem o espaço “através de significações variadas, ditadas a partir das experiências individuais que cada sujeito possui em relação a ele”, o espaço (Tavares, 2016, p. 22).

Essa nova forma de compreender o espaço geográfico, gestou-se na Geografia estadunidense. As análises objetivas apresentadas pelas escolas tradicionais não respondiam mais às indagações, o homem ficava distante das pesquisas, ignorado enquanto um sujeito geográfico. Segundo Holzer (2016), a geografia humanista surge em um contexto após uma não progressão da geografia sobre as bases da corrente analítica (regional), ao mesmo tempo em que a geografia cultural e histórica (anos de 1960) cresciam em produção e adesão de novas perspectivas.

O século XX foi marcado por movimentos teóricos que tinham o espaço como fonte de investigação, em um momento no qual o processo de metamorfose do espaço geográfico se tornou mais rápido, dinâmico e tecnológico, além da comunicação se tornar encurtadora de distâncias. Diante a essas características, a vida ficou mais complexa, híbrida de diferentes temporalidades, repleta de novas simbologias e significações, desigual em sua formação e com bases culturais diferenciadas, na qual havia uma tentativa de padronização, promovida pela globalização.

Nessa conjuntura, que o espaço aparece como protagonista, a Fenomenologia cresce diretamente relacionado ao crescimento do movimento humanista, sobretudo quando esse se constrói com base em conceitos e teorias de Edmund Husserl (1901), Martin Heidegger (1954), Gaston Bachelard (1978), Maurice Merleau-Ponty (1994), filósofos responsáveis por direcionamentos e paradigmas no pensar sobre o espaço e lugar. Em alguns casos, de maneira indireta, são as referências para a discussão de conceitos e métodos que, atualmente, aparecem como protagonistas em pesquisas de cunho humanista-cultural.

Logo, as origens da corrente humanista estão ligadas a um descontentamento com uma geografia totalmente quantitativa e geométrica, tal como uma busca por responder

perguntas e necessidades de compreensão das subjetividades, particularidades e percepções dos homens. Nesse movimento, é impossível não citar a importância da geografia cultural e da escola de Berkeley, esses, que segundo Holzer (2016), estão de maneira direta interligados a esse movimento de renovação epistemológica e de estruturas próprias, bases essenciais para que o movimento humanista pudesse surgir, criar, ressignificar e problematizar conceitos que norteiam uma parte significativa de estudos geográficos na atualidade.

Ao estabelecer novos rumos para repensar o espaço e aproximando-se de correntes filosóficas e psicológicas, o movimento humanista angariar uma nova gama de concepções, ao mesmo tempo que valoriza e usufrui do que a geografia cultural vinha desenvolvendo, criando uma forma de análise. Para alcançar este nível, destaca-se a importância de três geógrafos, Carl Sauer, John K. Wrigth e David Lowenthal, no traslado e no entrelaçamento. Dentre eles, realça-se Carl Sauer, apontado como principal representante da corrente cultural. Considerado como um dos responsáveis por construir uma ponte entre a cultura e o humanismo geográfico. Entre os principais pontos de similaridade em sua extensa obra, está a conceituação de paisagem em 1925, ele afirma que para analisar:

[...] deveria iniciar-se com o estabelecimento de um sistema crítico delimitado pela fenomenologia da paisagem como método de estudo da relação entre o homem e o ambiente por ele formatado e transformado em habitat, em paisagem cultural (SAUER, 1983 *apud* HOLZER, 2008, p. 137)

Um ponto importante no que se refere ao traçado e aos desdobramentos conceituais na aproximação da geografia com a Fenomenologia, é a concepção de paisagem de Sauer, uma vez que incorpora o conceito de mundo vivido aos estudos geográficos (SOUZA, 2020). Fato que abriu portas para o desenvolvimento de uma linha de estudos que considerasse o mundo vivido como ponto de partida. Em resumo, segundo Holzer (2016, p.36) a contribuição do geógrafo alemão de maior relevância para a compreensão das raízes da geografia humanista, é “a questão da fenomenologia da paisagem e do método para captar seu significado e a riqueza dessa diferenciação”.

Outro importante precursor da Geografia humanista é John K. Wright, geógrafo valorizado, principalmente, por estudiosos que deram continuidade a seus conceitos e teorias, mas que segundo Holzer (2016), tem uma importante contribuição no desenvolvimento dessa corrente, muito em razão de seu artigo “*Terrae Incognitae: the place of imagination*”, publicado em 1947. Este autor desenvolveu estudos que partiam da imaginação, buscando “incorporar um olhar mais subjetivo à geografia (esta entendida segundo a visão de leigos e ao mesmo tempo de especialistas)” (Souza, 2020, p.25). Cabe

salientar uma visão conceituada por ele como Geosofia, um modo próprio de interpretação do mundo, que vai muito além do que é imposto pela geografia enquanto ciência, voltada para “ideias geográficas, tanto as verdadeiras quanto às falsas, de todo tipo de pessoa” (Whight, 2014, p.15). Trata-se de conhecimento que pertence a todos e que o geógrafo deve considerar (GALVÃO FILHO, 2015).

Ainda com geógrafos que estavam vinculados à geografia cultural e viriam a ser grandes referências da geografia humanista, está aquele que é considerado por Holzer (2016) um dos genitores dessa linha: David Lowenthal. O geógrafo revisitou as obras de Wright para usufruir do termo geosofia ao tentar se reafirmar como diferente em meio a epistemologia dominante na geografia da época, abarcando diferentes modos de observação, propondo uma geografia que se preocupa com todos os diferentes tipos de pensamentos, sejam eles geográficos ou não (SOUZA, 2020). Sua preocupação estava voltada a entender “como ele é adquirido, transmitido, alterado e integrado em sistemas conceituais; e como o horizonte da geografia varia entre indivíduos e grupos” (Lowenthal, 1961 *apud* Holzer, 2016, p.57).

Esses geógrafos se encontravam em um âmbito de discussão na corrente cultural, uma importante fonte de compreensão do movimento de renovação na ciência geográfica, que possibilitou a existência posterior de uma perspectiva que se preocupasse ainda mais e profundamente com as essências, não só na distribuição das características particulares de diferentes lugares na terra, descrição de cultura e identidade de um lugar como proponha a corrente cultural nos anos anteriores a 1980 (ROSENDAHL, CORRÊA, 2013).

Podemos afirmar que o movimento humanista surge inicialmente com essa nomenclatura em 1970, nos Estados Unidos e no Canadá, momento também em que na América do Sul, especificamente, no estado do Maranhão, do nordeste brasileiro, a pequena cidade de Aldeias Altas vivia seus primeiros anos de emancipação. Fatos que nessa pesquisa se interligam, através do uso de conceitos e interpretações acerca do lugar na cidade de Aldeias Altas.

Tal ideia só veio a ser consolidada por meio de alguns meandros e geógrafos que se esforçaram para diferenciar, solidificar e criar conceitos que se afirmasse numa geografia totalmente humanista, diferenciando-se da geografia comportamental e da percepção (HOLZER, 2016). Coube a Edward Relph, talvez o mais importante dentre os primeiros geógrafos humanistas, aprofundar a relação entre geografia e fenomenologia, com a publicação da tese “*Place and placelessness*” (Lugar e não lugar.), acerca da possibilidade do uso de direcionamentos fenomenológicos como método na geografia.

Nessa publicação, Relph (1970) discute o que seria o suporte filosófico essencial para a estruturação de uma linha que se preocupasse com a subjetividade espacial e com o lugar. Em razão disso, o geógrafo aponta que o método fenomenológico (ou apenas alguns de seus direcionamentos):

[...] é um procedimento para descrever o mundo cotidiano da experiência imediata do homem, incluindo suas ações, lembranças, fantasias e percepções; ele não é um método de análise ou explicação de qualquer mundo objetivo ou racional através do desenvolvimento de hipóteses e teorias prévias (RELPH, 1970 *apud* HOLZER, 2016, p.144).

Esse movimento marca um momento de abertura para adesão de um novo campo, com uma identidade ligada a Fenomenologia e ao existencialismo na busca por abarcar o espaço geográfico em todas as suas variações, unificando a relação do homem com aquilo que o rodeia, ao mesmo tempo que pretendia fugir das rédeas da ciência tradicional e do positivismo (HOLZER, 2008).

Houve, rapidamente, uma adesão dos conceitos e concepções da fenomenologia por um pequeno grupo de geógrafos em decorrência da necessidade de uma base que possibilitasse a unificação de estudiosos que se preocupavam com as características subjetivas dos homens em suas relações com o espaço. “Havia ‘no ar’ uma necessidade de métodos alternativos – humanistas - que unificasse esses geógrafos em um coletivo que se dedicasse ao estudo dessas relações subjetivas do homem com a natureza” (Holzer, 2016, p.145).

Com essa mesma intenção, consideramos quebrar um pouco essa sequência, para voltarmos a uma explanação acerca do aporte filosófico que serve como base para a geografia humanista e promover uma valorização necessária ao geógrafo francês Eric Dardel. Como vanguardista nas questões que estão presentes em todos os capítulos deste trabalho, Dardel publicou, em 1952, um livro intitulado “*L’Homme et la Terre – Nature la Réalité Géographique*” (ou Homem e a terra: natureza da realidade geográfica, título da tradução feita por Werther Holzer, publicada em 2011). Este livro é um dos primeiros, se não o único, exemplar de uma geografia existencialista (HOLZER, 2008), mas talvez se perguntem por que não apareceu na cronologia apresentada anteriormente.

Atualmente, Dardel é um dos geógrafos mais lidos por aqueles que enveredam pela corrente humanista, já que é considerado por muitos o que melhor associa filosofia e geografia. Sua obra gerou uma diversidade de interpretações que hoje aparecem em forma de múltiplos conceitos. Seus escritos passaram duas décadas esquecidos, até que foram

descobertos por alguns pesquisadores e difundidos em maior escala por Relph e as discussões acerca do conceito de geograficidade, aproximação com Fenomenologia e “diferentes alternativas epistemológicas para a geografia cultural com o propósito de diferenciar as experiências de espaço e lugar” (Malanski, 2015, p.135).

A demora para discussões envolvendo a obra de Dardel está, diretamente, ligado às suas características pessoais, um professor de geografia e história de liceus franceses, que após um interesse por filosofia, com ênfase em Kierkegaard, Jaspers e Heidegger (SILVA, 2016), desenvolve uma reflexão direcionada à epistemologia, se opondo a uma geografia que se contenta em ser apenas uma disciplina científica, propondo, simultaneamente, uma leitura semiológica, aproximação com a arte, uma reflexão acerca da existências e das atitudes Humanas (HOLZER, 2016).

“O homem e a terra” nascem em um período sem prestígio acadêmico de seu autor, no decorrer de movimentos geográficos franceses que se debruçaram sobre outras bases, mais tradicionais, à proporção que demonstravam pouco interesse em se debruçar em uma linguagem quase poética, e com preocupações que transcenderam sua época.

Desde 1970, a obra de Dardel vem sendo esmiuçada como forma de um questionamento do conhecimento geográfico. Dardel, segundo Besse (2011), fez a partir da existência humana uma interpretação global, dando ênfase ao fato de que a existência precede a cientificidade geográfica, o contato com a natureza e outros homens, o amor ao seu local de vivência e a busca por novos espaços, uma geografia anterior, vivida antes de ser transcrita, aquela que vem dos contatos do homem com a terra: “uma geograficidade (geographicité) do homem com a terra como modo de sua existência e de seu destino” (Dardel, 2011, p.1-2).

Para o autor

A geografia é, segundo a etimologia, a “descrição” da Terra mais rigorosamente, o termo grego sugere que a Terra é um texto a decifrar, que o desenho da costa, os recortes da montanha, as sinuosidades dos rios, formam os signos desse texto. O conhecimento geográfico tem por objeto esclarecer esses signos, isso que a terra revela ao homem sobre a condição humana e seu destino. Não se trata, inicialmente, de um atlas aberto diante de seus olhos, é um apelo que vem do solo, da onda, da floresta, uma oportunidade ou uma recusa, um poder, uma presença (DARDEL, 2011, p. 2).

A proposta é estudar uma geografia mais subjetiva, permeando as vertentes do cotidiano de cada pessoa. A ciência tradicional, com base positivista e com métodos que abordam o mundo de forma quantitativa, seria limitada. Dardel (2011) afirma que o espaço geográfico precisava ser compreendido como algo anterior, indefinido, com diferentes formas e conteúdo. O decifrar dessa realidade só é possível quando ela é vivida compreendendo as

raízes, as particularidades, a ligação das pessoas com uma terra, um espaço único e com nome próprio (HOLZER, 2016).

A aproximação com a Fenomenologia constrói a base de defesa conceitual e metodológica da corrente humanista fenomenológica, com influências definidas e conceitos como o de geograficidade e geosofia, tendo em vista que dinamizam uma discussão inicial, envolvendo as categorias espaço e lugar. Já versamos rapidamente sobre a importância de Dardel e dos usos de sua obra feito por Relph no que se refere a uma proposta de metodologia e abordagem diferenciada, no entanto, o traslado dessa proposta para a geografia, acontece quando os geógrafos vão até à filosofia, discutem e transbordam questões de autores como Heidegger, Husserl e Merleau-Ponty.

Segundo Malanski (2015, p.139), “geograficidade prolonga uma linha de pensamento de Martin Heidegger sobre o ser-no-mundo (Dasein²)”, ainda sendo fonte de reflexões que promoveram uma visão particular em algumas categorias, principalmente, de Lugar e espaço. Usufruímos da Fenomenologia de Heidegger, nesta pesquisa, não como um caminho a ser seguido e nem como acusação de uma aproximação com pensamento autoritário de um regime que se opunha a diferença, mas, sim, provocando um exercício próprio de pensar (MARANDOLA JR, 2021).

Seu pensamento evoluiu em direção ao espaço e à linguagem, a partir de um repensar o sentido da ciência, da filosofia e do pensamento. Na sua busca incessante de retirar o ser do esquecimento que a metafísica o lançou, Heidegger fez revelar o sentido geográfico da espacialidade e, no caminho, anteviu o próprio significado da existência na era do império da técnica e da incerteza: nosso mundo (MARANDOLA JR, 2012, p.83).

O diálogo com autores de outras áreas é até hoje uma das formas de enriquecer discussões e promover formação de novos olhares numa corrente com base fenomenológica. Na relação Geografia e Fenomenologia, veremos, quase sempre, conceitos ligados aos filósofos: Heidegger (ser-no-mundo e habitar), Husserl (mundo-da-vida), Merleau-Ponty (corpo-sujeito), dentre outros. Cada um desses possibilitou, através de seus escritos, uma fonte teórica para os geógrafos que visavam, com uma perspectiva humanista, fornecer novos procedimentos científicos, elencar novos objetos de investigação e métodos com objetivo de compreender os problemas da realidade contemporânea (FERREIRA, 2016).

Há na atualidade alguns artigos que negam a possibilidade do uso dos conceitos de Heidegger como base para a construção de uma geografia humanista (REIS; SANTOS, 2019), contudo, entre vários levantamentos epistemológicos (no Brasil destacamos Holzer e Marandola Jr), são apontadas relações diretas com conceitos marcantes das obras do filósofo.

Além do uso de suas teorias na obra de Dardel, os conceitos e ideias heideggerianas eram utilizadas já no início das discussões sobre espaço, lugar e a possibilidade de uma análise aproximada do ser pelos geógrafos humanistas estadunidenses, entre eles: "Ser-aí (Dasein), Habitar (dwelling), Ser-no-mundo, Identidade e diferença, autenticidade, quadratura do habitar, entendimento do tempo, comportamento – práticas corporais, posição-situação” (Marandola Jr, 2021, p.85).

Os geógrafos, em especial os estadunidenses, na busca por consolidar uma base fenomenológica na geografia, recorrem a Heidegger na tentativa de consolidar uma fonte na busca pela ontologia do espaço. Antes dos anos de 1990, principalmente através de Relph, embora de maneira tímida, constroem noções sobre o espaço, lugar e paisagem numa perspectiva existencial. O lugar, o conceito que domina as discussões desta pesquisa, aparece atrelado nesse contexto à ideia do habitar do filósofo alemão, no qual Relph (1976) envolve os sentimentos de proteção, a relação do homem com a terra, o apego a espaços íntimos, as memórias, as experiências e os valores, para desenvolver uma noção sobre o lugar.

O vivido adquire destaque. Os geógrafos humanistas se aprofundam em conceitos fenomenológicos existenciais, fazendo com que se abra um leque de opções que permeiam o interesse por entender o vivido, a vida das pessoas a partir de sua existência e as relações diretas com a terra. Os grandes esforços de Relph e seus colegas na América do Norte tornaram possível o desenvolvimento de uma bagagem filosófica que os diferenciava dos positivistas e um método para responder às necessidades, entre elas, do olhar para o movimento da vida e para aqueles que vivem de diferentes maneiras, ainda que em meio a uma tentativa global de padronização. Dessa maneira, abrir portas para que se olhe para passos ainda lentos em diferentes partes do mundo, para percepções únicas de pessoas com as mudanças e suas experimentações próprias sobre os detalhes dos espaços vividos.

Com o desenrolar de análises e criação de conceitos, embora de forma indireta, tornou a fenomenologia como guia. Muitos trabalhos foram surgindo com objetivos normalmente ligados a revelar as nuances da relação entre o homem e a terra, com lentes voltadas às experiências, essências e subjetividades. Ainda entre os precursores dessa linha de pensamento, temos Yi-Fu Tuan, geógrafo de origem chinesa, considerado por muitos um dos maiores protagonistas da geografia humanista e, conseqüentemente, a principal referência. Assim, este autor é frequentemente citado por trabalhos de geógrafos brasileiros por ter uma parte de suas obras traduzidas para o português (HOLZER, 2016).

Entre os grandes fomentadores do humanismo geográfico, Tuan se destaca por um estilo bem particular, uma escrita quase que erudita, poética, que se lança a relacionar a geografia com vários campos do saber, principalmente com a psicologia, a filosofia, a arte, a literatura e a religião. Essa interdisciplinaridade é uma escrita que se distancia da tradicional e está presente em suas duas obras mais relevantes: *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente* (1974) e *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência* (1977), textos que fornecem combustível para as principais discussões em geografia humanista até hoje.

Em *Topofilia*, o geógrafo foca em explorar as percepções relacionadas aos sentidos humanos e como esses ajudam os indivíduos na captação das sensações do meio ambiente (TUAN, 2012). Ao iniciar, Tuan deixa claro as intenções dessa proposta que viria ajudar a geografia a alcançar novos patamares conceituais e de análise, afirmando que

Os temas a serem aqui abordados – percepções, atitudes e valores – preparam-nos primeiramente a compreender nós mesmos. Sem a auto-compreensão não podemos esperar por soluções duradouras para os problemas ambientais que, fundamentalmente, são problemas humanos (TUAN, 2012, p.1).

Com uma proposição voltada ao subjetivo e à visão de mundo, ele valoriza a descrição vívida da paisagem e das experiências, numa proposta de compreender como as pessoas respondem aos riscos e incertezas de eventos naturais pelos cinco sentidos. Com contribuições que sobressaem a geografia, a obra de Tuan é uma imagem do que a geografia humanista viria representar, ou seja, uma ruptura com metodologias da ciência tradicional, com uma ideia base de que parte do trabalho de um geógrafo seria ter uma sensibilidade e retratar os espaços que tenham alguma afeição especial, se pautando na concepção de que todos, em algum momento, se depararam com percepções românticas da vida cotidiana, sejam as cores, os odores, os sons ou as formas.

Sua primeira obra tem uma base construída ao redor do conceito de *Topofilia*, ganhando uma dimensão expressiva nas últimas décadas e um lugar cativo entre os principais conceitos da corrente humanista. Para ele, "topofilia" é o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico. Difuso como conceito, vívido e concreto como experiência pessoal (TUAN, 2012). Um conceito com referências ao livro *A poética do espaço*, de Bachelard. Segundo Silva (2016, p.29), Tuan “vale-se da concepção de topofilia enquanto espaço feliz, consoante Bachelard, a fim de confirmar que os espaços, do ponto de vista material, atraem e provocam afeição nos indivíduos”.

O subtítulo do livro *Topofilia*, intitulado “... um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente”, é também uma chamada de Tuan para dentro de suas ideias, uma estrutura rica que o permeia em todos os momentos de discussão sobre a noção de meio ambiente e o mundo vivido, e quais as experiências intermediadoras dessa relação. Tuan (2012) apresenta de uma maneira muito própria uma incitação à geografia, no que se refere ao um olhar mais sensível ao mundo que nos rodeia, uma viagem de construção epistemológica, questionando a percepção ambiental do passado e as atuais, os significados que damos aos nossos espaços de vida.

Para isso, passeia entre diferentes abordagens, exemplos de múltiplas culturas, diferentes contextos e pontos de vista, para que haja uma reflexão acerca das subjetividades e as particularidades das pessoas em contato e relação com a natureza, ou melhor, com os sentimentos expostos nas relações entre o homem e terra.

O livro trata do ambiente físico no imaginário social, a relação entre paisagem, memória e cultura; a experiência individual e visão de mundo construindo identificações que são compartilhadas num território comum (CISOTTO, 2013). Tuan é marcado por uma postura inovadora e pela abertura de novos horizontes para a geografia, sua concepção de espaço e lugar, assim como o conceito de topofilia, são temas em diversas análises, e nesta pesquisa não será diferente, uma vez que o geógrafo tem influência significativa por uma autorreflexão sobre as novas realidades nessa ciência.

Em seu outro livro, *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*, Tuan avança com suas concepções, com foco direcionado às categorias de espaço e lugar, abordando as experiências, pensamentos e sentimentos para compreender as raízes e essências da relação do homem com o espaço. O espaço, para ele, tem um caráter abstrato, pois promove a liberdade, a busca pelo novo, o anseio por novas experiências ou por aquilo que pensa e vislumbra, uma necessidade dos seres vivos (TUAN, 1983).

Já o lugar é uma pausa, algo mais familiar, com significações e sentimentos. O espaço e lugar, numa perspectiva da experiência, implica, portanto, a aprendizagem da realidade pela própria vivência, construindo o conhecimento de mundo individual e/ou representativo de todo um povo. Ao experienciar, percorremos a vastidão do espaço e estabilizamos-nos em um lugar” (Silva, 2016, p.30).

Tuan, assim como os demais precursores da geografia humanista já citados aqui, tinha influências e matrizes de pensamento ligadas à fenomenologia-existencialista, o humanismo, estruturalismo e até mesmo resgate de obras de geógrafos como a de Dardel.

Entre os anos de 1960 e 1980, discussões e proposições teóricas eclodiram para que surgisse essa corrente, possibilitando a existência de trabalhos como esse, caracterizada como inovadora em suas raízes de análise e proposições metodológicas, pois traz para a geografia a possibilidade de uma descrição das essências, da natureza das humanidades e as experiências que se dinamizam no cotidiano dos diferentes indivíduos.

A Geografia humanista chega aos anos de 1980 com uma estrutura basilar, com conceitos próprios, diversos livros e artigos que comprovam sua relevância frente às principais problemáticas da época. Todavia, cabe lembrar que por mais que fosse uma corrente com poucos adeptos, houve um olhar crítico com seu desenvolvimento por parte das já consolidadas perspectivas teóricas. Concomitantemente aos neopositivistas que questionavam sua relevância, outras linhas de pensamento se aproximavam com a ideia de desenvolver novos caminhos, alguns geógrafos procuravam pontes entre o humanismo e o marxismo, outros, uma convergência entre o humanismo e a geografia social (HOLZER, 2016).

Enquanto isso, os geógrafos humanistas se aprofundaram na estrutura filosófica basilar: fenomenologia e existencialismo. Acertando arestas e propondo algumas possibilidades teóricas e metodológicas que os diferenciam ainda mais da geografia vigente e das críticas aos conceitos e epistemologia que lhe são próprios. Nessa procura de novos caminhos, surgia na França ideias que viriam enriquecer a geografia humanista e apresentar uma concepção que nasce em uma escola diferente, ainda que compartilhassem de objetivos que se aproximavam.

1.1 A geografia do espaço vivido

Na escola francesa nasce um movimento que propõe renovar suas raízes, contudo, sem deixar de remeter à geografia clássica regional francesa. Sem um interesse direto pelo que vinha sendo discutido sobre o vivido no resto do mundo, a escola francesa passa a repensar sobre o poder descritivo característico de suas abordagens, no entanto, agora, com abertura para novas aproximações com outras ciências e, nesse caso, particularmente com a psicologia.

Os geógrafos franceses desenvolveram a “Escola do Espaço vivido”, como atesta Holzer (2016, p.307). Resultado de uma renovação na disciplina que ocorria desde os anos de 1930, na França, os geógrafos desenvolviam novas teses, principalmente propondo uma de modernização da geografia regional, além de revistas como *L’Espace géographique*, criada

por Brunet (1972) e “aberta a todas as novas orientações” (ClavaL, 2014, p.15). A partir de 1970, surgem teses que se aproximam daquilo que a geografia humanista norte-americana retrata. A premissa do desenvolvimento para um olhar com maior preocupação sobre o espaço vivido nasce quando alguns geógrafos, em especial Gallais (1967) e Frémont (1976), compreendem que as análises da época eram insuficientes para a descrição das paisagens e relações daqueles que as habitam (CLAVAL, 2014; HOLZER, 2016).

O livro *A Região, Espaço Vivido*, de Frémont (1976), é considerado um dos mais relevantes dessa aproximação à expressão humanista na geografia francesa (sem considerar Dardel, como anteriormente descrito, teve sua obra explorada inicialmente pela geografia anglo-saxônica). O espaço vivido de Frémont, sem nenhuma referência direta a Fenomenologia, vem “deixar explícito que suas reflexões possuem interface com a psicologia – neste caso, mormente a psicologia genética de Jean Piaget – e estão mais próximas de Vidal de La Blache do que de qualquer influência fenomenológica” (Safadi, 2020, p.21). Portanto, propõe uma concepção contrapondo o comportamentalismo, compreendendo o vivido sobre uma ótica de percepção e leitura do espaço por crianças, adultos e idosos (HOLZER, 2016).

Sobre a ótica do vivido atrelado à psicologia, e com um aporte teórico de outras áreas das ciências humanas e sociais, a exemplo, a antropologia, a psicologia, a sociologia e algumas análises econômicas, que serviam como guias para manutenção e renovação de conceitos clássicos da geografia regional francesa, o geógrafo introduziu uma linha de pensamento humanista paralela aquelas implementadas do outro lado do Atlântico, porém, longe da fenomenologia e do existencialismo (SANGUIN, 1981), centrado na ideia de que estava redescobrimo a maneira de estudar a região e entendendo a geografia como uma ciência voltada às questões regionais, estudando a estruturação das relações que unem o homem a um lugar específico.

O espaço vivido seria, segundo Frémont (1980), aquele das relações subjetivas e intersubjetivas, onde os homens experienciam, se movimentam, se relacionam, percebem e constroem bases nos lugares. Criticando os métodos objetivos que tomavam conta da geografia francesa nos anos de 1970, e numa tentativa de revitalizar a geografia regional francesa, com abordagem aproximada da psicologia, compreende o espaço vivido como uma “experiência contínua, egocêntrica e social, um espaço de movimento e um espaço-tempo vivido, uma categoria que não reduz ao espaço cartesiano ou euclidiano, mas se refere ao afetivo, ao mágico, ao imaginário” (Holzer, 2016, p.319).

Nasce, então, uma outra perspectiva do que poderíamos chamar de uma nova ramificação para geografia humanista na França, e com uma considerável distância do que vinha sendo produzido pelos geógrafos anglo-saxões, especialmente nas figuras de Frémont e Gallais, que criaram concepções próprias e de rápida consolidação nas pesquisas geográficas do país. A “escola do espaço vivido” se consolida com orientações básicas que giravam em torno de “1 - a atenção que convém dar à maneira como as pessoas se exprimem; 2 - a consciência da significação especial que adquire a experiência dos lugares para aqueles que os habitam” (Claval, 2003, p.11). Ou seja, propunha que as pesquisas deveriam descrever os significados de campo, cidade, ruas, bairros, atividades cotidianas e relações com a natureza sobre a perspectiva daqueles que habitam.

A adesão, e até mesmo o sucesso dessa noção de espaço vivido, está atrelada ao seu desenvolvimento posterior aos primeiros estudos de Frémont. Com contribuição de vários geógrafos, foram desenvolvidos estudos que consolidaram uma noção própria da geografia francesa sobre o espaço vivido, além da adesão de obras literárias como fontes de análise. Além do fato, que segundo Claval (2003), seus fundamentos teóricos eram de fácil compreensão, e a utilização de textos literários, falas isoladas e testemunhos correspondiam às maiores possibilidades de pesquisa. O crescimento dessa linha trouxe reconhecimento e, notadamente, investimentos para longos aportes empíricos e viagens a campo, ampliadores de fontes que levaram Frémont a construir um aporte teórico significativo, baseado em suas experiências nesse processo (HOLZER, 2016).

Apresentando uma visão geral e suas dificuldades na passagem de uma geografia tradicional para a temática do espaço vivido, Frémont escreve um artigo, em 1977, onde aponta as premissas iniciais da implementação da ideia da vivência no espaço, afirmando um afastamento das teses clássicas, em que os indivíduos eram representados por números, passando a questionar a nós mesmos e fomentar um olhar ao cotidiano, as pessoas e a suas experiências vividas em diferentes dimensões.

A partir disso, essa escola se consolidava com bases interdisciplinares e premissas que valorizam a dimensão das experiências humanas, paralelamente destacavam os significados que envolvem o processo de reconhecimento do espaço-tempo, “evidenciando-se à maneira como as pessoas experienciam e exprimem os espaços, e à concepção, o significado que os aportes geográficos têm para as diversas e diferentes localidades” (Lopes, 2013, p.288). Surgem outros aportes que se distanciam das concepções próprias de Frémont e Gallais sobre o espaço vivido numa base tradicional da etnografia-geográfica francesa, se

aproximando, agora, da geografia comportamental norte-americana, como Bertrant e Metton, compreendendo o espaço vivido não mais como algo inovador, mas evidenciando os impactos do desenvolvimento, consumo e como esses são apreendidos por cada um em seu espaço vivido, delimitando o bairro vivido como fonte principal, onde o indivíduo se apropria da cidade (HOLZER, 2016).

A corrente do vivido é marcada por teorias conceituais próprias e por uma abertura posterior aos estudos desenvolvidos pelos norte-americanos. Constrói uma base francesa, norteadora de estudos que viriam a ser referências em várias vertentes (entre elas, a nova geografia cultural) e idealizações humanistas na geografia, além de proporcionar aos geógrafos franceses uma abertura à leitura de filósofos. Claval (2003, p.13) diz que “graças à noção de espaço vivido, as abordagens fenomenológicas são enfim aceitas na geografia francesa. Descobre-se a significação da obra de Heidegger. Eric Dardel é enfim lido e apreciado”.

Na década de 1980, o conceito de espaço vivido acabou sendo relegado no momento que cresciam outras linhas conceituais que nortearam outras discussões, e que geógrafos que criaram as premissas da escola do espaço vivido se concentravam em produzir sobre outros temas, o que não encerra a relevância desse tema para a geografia humanista.

Sem dúvida, a tradição clássica de se apoiar no trabalho de campo e dedicar à geografia de outros países e de se utilizar de forte base etnográfica, aliada a uma ausência de preconceitos filosóficos, tornou a geografia francesa uma alternativa às questões epistemológicas mais rígidas e metodologicamente menos baseadas na prática dos humanistas anglo-americanos (HOLZER, 2016, p.350).

Incluimos, assim, a relevância dos geógrafos franceses para o crescimento da corrente humanista na geografia nos anos de 1970 e 1980, já que a partir da particularidade de sua contribuição, contribui para a resolução de questões deixadas pela geografia humanista anglo-saxônica, além de promover a renovação das abordagens sobre a paisagem, por eles compreendida numa perspectiva da subjetividade, “principalmente uma construção mental a partir da percepção e vivência no território” (Salgueiro, 2001, p. 44), além de criar perspectivas para a geografia das representações e ser crucial para o momento de renovação da geografia cultural.

O pensamento sobre o vivido francês é, portanto, mais um marco para a eclosão do humanismo geográfico nos anos de 1970 e 1980, e necessária para que possamos agora compreender o humanismo geográfico nos anos de 1990. O vivido é, agora, ponto de partida de uma linha de pensamento que não se “contenta em estudar apenas aquilo que o homem

produz e amplia para análise mais rica do indivíduo e da sociedade, do homem que pensa, que cria” (Almeida, 2008, p.35).

Em linha geral, todo o percurso da geografia humanista nesse processo de duas décadas, entre seu “nascimento”, estruturação teórica, discussão metodológica, surgimento de aportes diversificados e base filosófica serviram para defesa de críticas e liberdade frente às teorias tradicionais que tinham as rédeas da geografia na época. Sem impor limites, os estudos humanistas transitam hoje por diversas preocupações, algumas mais voltadas aos problemas culturais, ambientais, outras para uma geografia da percepção, ao existencialismo, aos estudos fenomenológicos ou, em alguns casos, à integração dessas preocupações em um só estudo.

A geógrafa Anne Buttimer (1990) é uma das principais expoentes das discussões na escala do vivido na geografia, tem uma visão na qual a geografia humanista se encaixa como um “grito de emancipação da humanidade” ao obter uma visão geral sobre os problemas ambientais no mundo (Holzer, 2008, p.14), à medida que anuncia a corrente humanista como uma

[...] fênix potencial emergindo das cinzas de tiranias passadas—metodológicas, epistemológicas, ou ideológicas—em algumas ou todas as facetas da pesquisa geográfica. Como perspectiva de vida, o humanismo valoriza o desafio de discernir o potencial criativo dos indivíduos e grupos, em lidar com a superfície da Terra de maneiras responsáveis e corresponsáveis. A criatividade humana também não é confinada pela esfera intelectual: ela envolve emoção, estética, memória, fé e determinação. Como a fênix, então, a perspectiva humanista na geografia deveria recusar-se a ser delimitada, nomeada ou apropriada por estruturas faustianas. Ela pode inspirar os praticantes da geografia física, econômica, cultural ou social, e deveria, talvez, deixar de investir muita energia na afirmação de seu direito de ser um ramo especial do campo de conhecimento (BUTTIMER, 1990, p. 28).

Devemos, neste momento, refletir sobre como essa corrente chegou ao Brasil, quais as perspectivas mais valorizadas, os geógrafos mais importantes e se houve distinção na forma de abordar os estudos humanistas com a realidade do país, para que entendamos quais as razões por trás do recente crescimento dos estudos culturais e humanistas na geografia brasileira, tendo adesão de um grupo significativo de geógrafos, que fazem dela uma referência global em termos de estudos de comunidades tradicionais, percepção e ênfase dada ao vivido, já que por aqui a voz do vivido está presente nas florestas, favelas, aldeias e pequenas cidades, para só então descrever as particulares diversas desse país com dimensões continentais.

1.2 A dimensão do vivido na geografia humanista brasileira

A corrente humanista chega ao Brasil através da tradução de obras clássicas e suas repercussões em pequenos grupos de geógrafos nos estados do sudeste. No mesmo instante que eclodiram as discussões sobre o humanismo na geografia, os geógrafos norte-americanos apresentavam seus primeiros livros com conceituação e bases fenomenológicas e existencialistas, na geografia brasileira, a figura da professora Livia de Oliveira, da Universidade do Estado de São Paulo (UNESP) de Rio Claro, se destaca por fugir diretamente das discussões entre geografia humana e física, o que era o foco do embate entre geógrafos brasileiros na década de 70, traduzindo os livros de Yi-Fu Tuan e apresentando concepções próprias.

Aliás, podemos facilmente acreditar nos estudos da percepção do meio ambiente como porta de entrada para o conhecimento da geografia humanista no Brasil (MARANDOLA JR, 2013). Ainda que houvesse um certo favorecimento da fenomenologia nas obras e artigos traduzidos, a percepção do meio ambiente foi o campo das primeiras produções e discussões humanistas no país. A influência das obras de Tuan e o conceito de Topofilia estão entre alguns dos motivos para esse interesse inicial pela percepção, além do excelente trabalho desenvolvido pela professora Lucy Marion Machado, além, é claro, da Livia de Oliveira, fazendo parte das discussões em Rio Claro.

A geografia discutida na Unesp de Rio Claro é o ponto de partida para que possamos compreender os estudos humanistas no Brasil. Nesse processo de compreensão, precisamos falar da Professora Livia de Oliveira, portadora de uma trajetória de livros, artigos, traduções, orientações e criação de grupos de pesquisa que se dedicavam a caminhar entre as nuances dessa corrente e defendê-la frente às críticas de uma implementação um tanto quanto curiosa.

Aqui, recorreremos às diversas obras da professora e ao artigo “Do sonho à memória: Livia de Oliveira e a Geografia Humanista no Brasil” escrito por seus ex-companheiros e admiradores de sua trajetória: Marandola Jr e Gratão (2003), que servirá de base para uma breve explanação sobre o desenvolvimento da corrente humanista do Brasil e o papel dela nesse processo inicial.

Logo, fortemente influenciada por uma geografia vista através da teoria cognitiva de Piaget, e com produções iniciais voltadas ao ensino de geografia, Livia de Oliveira aprofundou-se em estudos cognitivos para a geografia, assim como em abordagens perceptivas do meio ambiente. Nesse processo, segundo Marandola Jr e Gratão (2003), a geógrafa encontra as obras de Tuan e as traduz, conseqüentemente, essas traduções causam

impactos distintos: o primeiro deles consiste em uma adesão por parte de um grupo que passa a se interessar pelos estudos acerca da afetividade e da valorização da vida e dos indivíduos; enquanto um outro, vê com preocupação as metodologias propostas.

O horizonte geográfico brasileiro na década de 1980 estava efervescente com a dualidade entre a Nova geografia (Teórica Quantitativa) e a Geografia Crítica (Marxista-Materialista), dualidade que marcava um momento de ruptura entre os geógrafos brasileiros. As abordagens humanistas ficavam à margem das principais discussões, ofuscadas pelo embate física e humana. Para surpresa de alguns, é na geografia física que, inicialmente, a corrente humanista encontra apoio para o seu desenvolvimento, ligada a geografia de Rio Claro, impulsionada pelas traduções dos textos de Tuan, Relph, Gallais, Entrikin e na publicação de alguns desses artigos, no hoje, influente livro de Antonio Christofolletti, *Perspectivas da Geografia*, em 1982 (MARANDOLA JR, 2013).

Aproximando através da didática, e com posterior estudo da percepção do meio ambiente, em um grupo de geografia física, Livia de Oliveira passa a orientar dissertações de Mestrado e Doutorado, assim foi alinhavando as bases, ampliando categorias, tomando conhecimento de obras clássicas, como as de Dardel, das correntes filosóficas, como a Fenomenologia e o existencialismo (essas demoraram para serem fontes principais na geografia humanista brasileira). Segundo Marandola e Gratão (2003, p.13) os artigos base da Geografia Humanista no Brasil são:

“Pontos de vista sobre a percepção das paisagens”, de Michel Collot (COLLOT, 1990); “O humanismo contemporâneo em Geografia”, de Nicholas Entrikin (ENTRIKIN, 1980), publicados no Boletim de Geografia Teórica; “Graticia”, de W. G. V. Balchin (BALCHIN, 1978) e “As bases fenomenológicas da Geografia”, de Edward Relph (RELPH, 1979), publicados na revista Geografia; e “Apreendendo o dinamismo do mundo vivido”, de Anne Buttimer (BUTTIMER, 1982), “Geografia humanística”, de Yi-Fu Tuan (TUAN, 1982) e “Geografia, experiência imaginação: em direção a uma epistemologia geográfica”, de David Lowenthal (LOWENTHAL, 1982), publicados na coletânea *Perspectivas da Geografia* (CHRISTOFOLETTI, 1982).

Entre outros periódicos, que difundiram essa corrente no Brasil, até que chegassem os anos de 1990, nos quais os atritos internos da geografia diminuem e a geografia humanista passa a ter uma certa atenção, no momento que também surgiu um grupo de pesquisa dedicado a estudar as teorias da nova geografia cultural, os adeptos e difusores da linha cultural, estavam concentrados em sua maioria no Núcleo de Estudos sobre Espaço e Cultura (NEPEC), na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Ainda que hoje a Geografia Cultural tenha suas particularidades, as raízes são as mesmas da humanista

(HOLZER, 2016), o que valoriza o fator de importância que o movimento em favor dessa corrente tem para o humanismo na geografia no país.

Já se consolidando como uma corrente no Brasil, a perspectiva humanista tinha, no início dos anos 2000, três vertentes de estudos: uma relacionada à “percepção e cognição do meio ambiente à paisagem, ao lugar e à experiência; outra ligada à Geografia Cultural [...]; e uma última, mas em íntima relação com a primeira, os estudos que envolvem a interface Geografia e Literatura” (Marandola Jr, Gratão, 2003, p.15).

É crucial entender as nuances da Geografia humanista para chegarmos a quantidade de produção existente na atualidade, uma corrente construída na periferia das discussões geográficas no Brasil, sendo alvo de críticas em sua gênese, onde chega ao país como porta de abertura, para que, aqui, se olhassem com mais apreço científico as relações das pessoas com os lugares, com o meio ambiente, a fim de relevar as experiências e as percepções das pessoas sobre seus espaços de vida e atividades cotidianas, com aporte assegurado em outras ciências sociais e na Fenomenologia, permitindo que essa esteja sempre em constante transformação, sempre em aberto.

Assim, o “sonho” da professora Livia tem se tornado real, a geografia humanista, segundo Gratão (2002, p.24), “[...] não é só um ‘(per)curso alternativo’ [...] ela tem outras buscas... outros sentidos... É como seguir um novo caminho... outros olhares... outros significados...outras paragens...outras travessias... É uma outra viagem”.

Com uma base preestabelecida, os conceitos começam a se difundir entre diversos geógrafos do país, a dimensão continental do Brasil e as várias possibilidades de análise engajaram o crescimento de produções ligadas ao humanismo, estudos que giram em torno da categoria lugar, paisagem e território, o vivido - valorizado em pesquisas sobre comunidades tradicionais - aspectos da vida urbana nas pequenas e grandes cidades, além da compreensão de aspectos espaciais em obras clássicas da literatura e da percepção sobre os problemas ambientais, dentre outras possibilidades que o arcabouço humanista nos permite.

O vivido está, agora, efetivamente entre os temas que interessam os geógrafos brasileiros. Há diversos estudos que buscam compreender diferentes formas de viver no país: o cotidiano das lavadeiras de roupas, a vida dos pescadores e ribeirinhos, o lugar para a quebradeiras de coco, as vivências nas periferias das grandes cidades, hibridismo temporal e outras características tradicionais, em adição as modernizações nas pequenas cidades, experiências diversas que acabam por revelar o funcionamento, necessidades, reminiscências, histórias e mudanças espaciais de grupos esquecidos, ignorados ou apenas quantificados. A

geografia humanista apresenta, aliás, uma forma de valorização das diferentes formas de se viver, à medida que ainda se mantém alerta aos problemas sociais e as nuances provocadas por uma dinâmica das mudanças na atualidade.

No entanto, a ideia de estudar o vivido chega aos estudos brasileiros através de diferentes abordagens (anglo-saxônica, francesa), diferentes em suas raízes, mas com preocupações que se integram. Porém, as premissas das duas frentes chegam ao Brasil sem serem diferenciadas em seu tratamento inicial, o que torna o início da abordagem humanista geográfica no país bem particular em relação aos primeiros conceitos e discussões.

Tratemos, desse modo, de realçar como a escala das essências foi tratado pela geografia brasileira na primeira década do século XXI, sendo base para a compreensão do desenvolvimento de conceitos, dissertações, livros e teses que são cruciais para este estudo.

Como já evidenciamos, o vivido e o interesse pela escala do indivíduo esteve ligado a duas perspectivas: uma com base e premissas de pensamento e método fenomenológicos e no existencialismo; enquanto a outra se atrelava à psicologia de Piaget. “Detecta-se, neste movimento, um paralelismo de sentidos contrários, que, dessa forma, apesar de se encontrarem na mesma rota, estão em direções opostas, fazendo com que não se criem mecanismos teóricos que possam aglutinar e convergir para o mesmo ponto” (SAFADI, 2020, p.17). Portanto, o mundo vivido da geografia anglo-saxônica nas figuras de Lowenthal, Relph, Tuan e, principalmente, na de Anne Buttimer, e o espaço vivido de Frémont, são pontos cruciais para o início de século da geografia humanista brasileira.

Resultado da relação entre geografia e fenomenologia, a ideia de mundo vivido está atrelada à noção de *dwelling* de Heidegger, uma premissa que se sentir em casa, livre nas suas relações sociais, com o meio ambiente, até mesmo espiritualmente (MELLO, 2005). O mundo vivido é, assim, esse em que nós vivemos, cheio de contradições e ambiguidades, aberto a diferentes experiências, fonte de significados e estrutura simbólica que fundamentam nossa existência. Segundo Geraldine (2011), “para o enfoque da geografia humanista, o conceito de mundo vivido abre a possibilidade de mobilização de contextos culturais e situações espaço-temporais para a compreensão do ser-no-mundo”. E o espaço vivido, para Frémont (1980), é uma organização espacial, ligada à promoção da felicidade, um conjunto de relações entre os indivíduos, percorrendo os espaços da vida no cotidiano.

Com leituras concentradas na produção humanista anglo-saxônica, segundo Safadi (2020), não houve uma preocupação em diferenciar o espaço vivido e o mundo vivido, promovendo quase que uma fusão entre os conceitos, fato que evidencia uma dificuldade

inicial da compreensão das premissas básicas do humanismo geográfico e dos métodos promovidos por cada perspectiva, marcante na dimensão conceitual dessa linha de pensamento em solo brasileiro, por demorar a compreender a maneira distinta das produções ao estudar o vivido, a compreensão da dimensão individual e cotidiana.

É nítido que, em solo brasileiro, as possíveis diferenças existentes entre as abordagens das correntes francesa e anglo-saxônica foram arrefecidas, principalmente pelo fato de a adoção do conceito de vivido não ter tido base fenomenológica propriamente dita, como afirma Holzer, e, acima de tudo, pelo fato de que, nas figuras de Paul Claval e sua Geografia Cultural, em primeiro plano, e de Armand Frémont, em segundo, é que foi feita a leitura brasileira mais densa dos autores franceses. Assim, aliando-se o vivido anglo-saxão – apenas como uma referência fenomenológica, e não como categoria de análise – a traços de subjetividade, atrelados à esfera psicológica, como há em Frémont, pode-se costurar a base epistemológica anglo-saxã dessa tendência. Ressalto, ainda, que a obra *L’homme et la terre*, de 1952, de Éric Dardel, é mais consagrada do que a própria obra *La région espace vecú*, de Frémont, nos debates da tendência humanista-cultural brasileira no início do século XXI.. (SAFADI, 2020, p. 22)

Ou seja, em um plano geral a geografia brasileira tem uma aproximação maior com geógrafos anglo-saxônicos, ainda que tenha uma certa dúvida acerca da ideia de vivido, abraçando a fenomenologia como método e usufruindo, principalmente, de Tuan e Buttimer para promover estudos das dimensões íntimas da vida cotidiana. No primeiro, segundo Holzer (2003), sobre uma ideia de junção de objetividade e subjetividade, os geógrafos brasileiros viram a possibilidade de centrar estudos na categoria Lugar, alicerçado pelo conceito de topofilia e nas dimensões afetivas e perceptivas dos indivíduos.

Já Buttimer impõe o desafio de refletir acerca da existência de cada indivíduo em seu âmbito de vida particular, além do fato de impulsionar a reintrodução do conceito de gênero de vida também como forma de valorizar estudos, principalmente monografias, focados em pesquisas sobre a realidade local. Dois pontos que poderiam ser facilmente encontrados em trechos da obra de Frémont (SAFADI, 2020).

Compreendendo as nuances epistemológicas e os limites percorridos pela geografia humanista brasileira em seu traçado inicial, e acerca das premissas metodológicas, podemos realçar de maneira assertiva sobre a escolha da Fenomenologia (influência de obras anglo-saxãs), embora em alguns momentos usufrua de conceitos da escola francesa, com intenção de uma análise mais próxima ao indivíduo, onde se mantém sobre uma estrutura de conceitos com raízes fenomenológicas e existenciais.

A primeira década do século XXI foi, para a geografia humanista no Brasil, um momento embrionário, marcado por aplicação e ampliação de uma visão mais subjetiva das

particularidades, percepções, memórias, afetividade e a vida cotidiana em diferentes estruturas culturais. O Lugar e a Paisagem são as categorias com maiores focos de apreensão entre nós.

Neste trabalho, nos aproximamos da produção anglo-saxônica e do espaço vivido francês para discutir o lugar para os moradores do pequeno município maranhense Aldeias Altas, destacando o habitar entre as diferentes temporalidades, o distanciamento e continuidade das características rurais que permeou boa parte da vida nesses poucos mais de 60 anos de emancipação. Não nos prendemos em apenas costurar bem o caminhar metodológico da geografia humanista, mas em valorizar a existência dos indivíduos em suas relações viscerais com a terra, portanto, adentramos, agora, em mais um campo conceitual, com a explanação do lugar e seu “renascimento” na geografia, no entanto, estaremos também apresentando historicidades do lugar em Aldeias, abrindo uma porta para refletir acerca da afetividade, do amor ao solo natal ou até mesmo pelas certezas e incertezas ditas e aquelas subentendidas nos relatos dos moradores.

1.3 O renascimento do lugar: lar, afetividade, memórias e as nuances da experiência cotidiana

Existem algumas frases que estão sempre presentes no dia a dia de qualquer brasileiro, em vários momentos nos encontramos falando, apontando, nos referindo aos lugares, em um sentido locacional, corriqueiro, sem nenhuma reflexão sobre o vivido. Algo natural, já que poucas são as vezes que refletimos sobre atitudes cotidianas ou até mesmo sobre o lugar em que vivemos. O geógrafo se encontra em um papel diferente, buscando observar e compreender sobre diversas lentes. Aqui, conscientes de todo o processo de formação da corrente humanista, passamos a visualizar a possibilidade de acompanharmos o vivido de perto, os movimentos, as falas, os padrões de comportamento, a cultura, a religiosidade, os valores, as atividades cotidianas e os sentimentos. O lugar é um conceito que possibilita, de maneira mais subjetiva, apreender detalhes e para isso precisamos rapidamente versar sobre o renascimento desse conceito.

O geógrafo confuso do início dessa explanação, a essa altura já se encontra em um momento diferente da maioria, envolto aos conhecimentos geográficos, passando a perceber o mundo de uma maneira mais cautelosa, ao mesmo tempo que valoriza algumas de suas experiências. Pelo menos, esse é o percurso básico daqueles que enveredam por essa ciência. Para o geógrafo, o lugar ganha dimensões não antes percebido, passa-se a compreender a persistência em continuar vivendo em condições não tão favoráveis e o apego ao lar de

algumas pessoas, olhar para as atividades cotidianas e realizar diferentes leituras de uma construção de costumes, estranhamentos, valores, símbolos e significações por aqueles que ali vivem.

O lugar, como uma das categorias dos estudos geográficos, passa décadas sendo deixado às margens pelas principais correntes do pensamento, renasce ao mesmo tempo que acontece a aproximação da geografia com as bases filosóficas e metodológicas da Fenomenologia e se torna chave para a geografia humanista, apresentando, para a estrutura epistemológica dessa ciência, uma opção para aqueles que almejam alcançar a escala subjetiva. Contudo, ainda que nas pretensões desta pesquisa estejamos certos da abordagem humanista do lugar, é interessante ressaltar rapidamente alguns enfoques diferenciados do lugar, presentes na geografia.

Na geografia, com o movimento de renovação epistemológica em meados de 1970, o lugar volta a ser abordado como uma importante categoria analítica. A geografia crítica, de base marxista e materialista, por exemplo, tem abordagens que geralmente estão distantes da subjetividade. Em autores como Massey (2000), com foco em revelar as contradições do mundo globalizado, se concentra em tentar apreender o embate entre local versus global, usando a lente para analisar um lugar, conforme contato e relações com outros lugares, dando ênfase ao fato de não se deixar apagar às especificidades e histórias dos lugares.

Em uma outra direção, mas dentro da mesma corrente, Milton Santos (2005) expõe que o processo de globalização tenta unificar todos os lugares, os mesmos, respondem com práticas particulares, formas únicas de organização e dinâmicas do vivido. O lugar, na visão do autor, é uma sede de resistências.

Numa proposta parecida, como base as premissas epistemológicas de Lefebvre e Carlos (2007), especifica que o lugar é um ponto de articulação entre o mundo e a realidade local, um espaço apropriado pela vida, pelas relações, através do corpo, dos sentidos, do bairro e da rua. Ainda segundo a autora, uma metrópole jamais seria um lugar, justamente por não ser conhecida ou reconhecida em todos os cantos pelos moradores. Basicamente, a geógrafa tem uma tendência a categorizar os lugares pela objetividade, representada por lugares onde efetivamente as pessoas transitam no dia a dia.

Portanto, passando essa parte introdutória, essa pesquisa se baseia nas premissas fenomenológicas da geografia humanista, focada em uma busca por compreensão do lugar ou, como afirma Tuan (1983, p.222), “tentar compreender o que realmente significa estar no

mundo”. Um olhar existencial sobre a vida, que foge às regras do espaço geográfico cartesiano, o lugar é cheio de significados, condiciona nossa existência, fonte de um vínculo emocional entre os indivíduos, espaço das nossas ações e constituinte essencial da nossa identidade (RODRIGUES, 2007).

O conceito de lugar aparece, agora, como categoria principal de análise de uma corrente, presente em grande parte das produções humanistas, que renasce em um movimento iniciado pela geografia anglo-saxônica, com suas propostas de repensar questões teóricas do conhecimento geográfico, baseando-se numa visão fenomenológica (HOLZER, 2003). Entre as décadas de 1950 e 1960, o geógrafo evidenciou questões de uma geografia fenomenológica, o lugar até o momento seguia visto apenas em um sentido locacional, visão que foi sendo remodelada junto ao processo de construção de uma visão humanista na geografia e que, pontualmente, seguia alterando paradigmas e aderindo a uma visão de que a geografia estava além das amarras de uma ciência, valorizando pontos de subjetividade e estrutura cultural (HOLZER, 1999).

Esse crescente interesse pelos estudos de lugares é muito bem evidenciado por Relph (2012), quando destaca que há pelo menos quatro décadas atrás havia poucas publicações sobre qualquer tema ou assunto que envolve o lugar, conceito que em si não parecia chamar atenção dos geógrafos e nem de estudiosos de outras ciências. Porém, após os movimentos de renovação epistemológica, em 1990, já há vários estudos, livros e artigos tendo o lugar como foco de discussão, enquanto as ciências como antropologia, psicologia e arquitetura também iniciam análises acerca do lugar. Isso se deu, essencialmente, entre os que defendem o estudo do lugar como uma alternativa para novas metodologias na geografia

Os cientistas espaciais haviam justificado sua abordagem apelando para autoridade dos filósofos da ciência. Uma vez que o lugar é um fenômeno da experiência, era apropriado que ele fosse explicado por meio de uma rigorosa abordagem fenomenológica, que havia sido desenvolvida por Husserl e Heidegger [...] havia também outra razão diferente para o desenvolvimento do interesse por lugar em meados do século XX. A paisagem construída do mundo, especialmente na Europa e na América do Norte, estava sendo mudada rapidamente, ficando claro que a rica diversidade de lugares que os geógrafos haviam descrito por décadas e séculos estava sendo erodida. (RELPH, 2012, p. 19-20)

Dessa maneira, isso permite que hoje essa pesquisa exista em uma configuração humanista, pautada em geógrafos que construíram bases para a conceituação do lugar. Em decorrência, pontuamos algumas das questões que sempre surgem sobre o estudo dos lugares, como: o que é o lugar? Como estudá-lo? Quais as possibilidades para uso desse conceito? Qual o sentido do lugar? São essas e outras perguntas que pretendemos responder a partir de

agora, direcionando-se pela Fenomenologia e existencialismo, tanto filosoficamente como metodologicamente.

Logo, esta pesquisa objetiva clarificar os sentimentos dos indivíduos pelos lugares em que vivem, onde Tuan é nosso ponto de iniciação para a busca de efetiva desse objetivo, além de toda a sua contribuição para a concretização de uma corrente humanista, como destacado em parágrafos anteriores, sua base conceitual é uma das mais clarificantes em relação à leitura subjetiva do espaço. Nesse caso, como afirma Gonçalves (2010, p.16), “buscar-se-á lançar luz sobre a realização dos lugares a partir de suas dimensões experienciais, afetivas e simbólicas”

Em uma construção que valoriza as experiências e as percepções, Tuan navega com suas ideias, referências e conceitos, desmistificando as barreiras positivistas e pesquisando as atitudes dos homens em sua relação com o ambiente, além de adaptar conceitos que melhor se adequam aos estudos da paisagem numa perspectiva subjetiva. Ele se aprofunda em questões sobre visão de mundo, percepções e atitudes dos indivíduos nos lugares.

Topophilia explora sistematicamente estes cinco campos: estuda os sentidos e os traços comuns da percepção; aborda os mundos individuais a partir das diferenças e preferências de cada um; investiga as percepções comuns a partir da cultura e das atitudes ambientais; estuda a cidade como síntese desses campos, pois o espaço humanizado seria a materialização das atitudes atuais e passadas para com o ambiente (HOLZER, 2003, p.117)

Aliás, cabe aqui um realce importante sobre a tese escrita por Letícia Carolina Teixeira de Pádua (2013), intitulada *A geografia de Yi-Fu Tuan: Essências e Persistências*, uma fonte que condensa de uma maneira didática e muito reveladora sobre a base conceitual construída por Tuan, suas influências e, claro, suas proposições. Além das próprias obras do autor e seus vários artigos traduzidos e de fácil acesso no Brasil, usaremos a tese para promover um diálogo epistemológico sobre o conceito de lugar em Tuan.

O primeiro momento de concretude em relação a uma conceituação de lugar na literatura de Tuan, foi em um artigo de 1974, intitulado *Space and Place: Humanistic Perspective*, afirmando que o lugar seria aquele criado por humanos para prover as necessidades e objetivos dos mesmos. Para que haja a manutenção de um lugar, é necessário que ele seja vivido, vivenciar as nuances é estar consciente das características boas e ruins, conhecer todas as possibilidades apresentadas por ele, seja o quintal de casa ou a praça da cidade (PÁDUA, 2013).

O processo de nascimento do lugar está atrelado ao processo de viver, cada lugar tem uma história, um espírito, uma personalidade e um sentido (categorias presentes nas proposições de Tuan e Relph). Há lugares sagrados, corriqueiros, que resgatam memórias, marcados por experiências, ou melhor, pelo café da avó, pelas relações com os vizinhos, pela sensação de segurança, ou seja, tem um sentido. A personalidade são as particularidades, cada lugar tem uma materialidade, algo físico, que está em constante transformação, sofrendo adaptações e modificações condicionadas pelos moradores que ali vivem e por aqueles que outrora viveram (TUAN, 2014).

As pessoas em suas rotinas cotidianas conhecem as nuances e características do lugar em que vivem, cada um tem um sentido de lugar, que é concebido por nossa experiência, pela percepção e através dos cinco sentidos: “a visão distância e dá a dimensão estética, a audição, o tato, o olfato nos aproxima, envolvem-nos com o lugar” (Pádua, 2013, p. 47). A fabricação do lugar está ligada a diferentes formas de experienciar, sejam as diretas, aquelas ligadas aos sentidos, como a capacidade de sentir o cheiro do café da vizinha, ver uma paisagem e desenvolver um sentimento, sentir a terra entre os dedos em uma atividade ao ar livre, o som dos sapos antes das chuvas; ou sejam as indiretas, aquelas ligadas ao processo de abstração dos conhecimentos adquiridos pelas experiências (TUAN, 1983).

A linguagem é outro forte ponto na criação do lugar, pois o ato de nomear, usar como base para obras literárias e músicas é um fator que nos permite apreender que uma parte dos lugares são intersubjetivas, porque tem significado para um conjunto de pessoas que, geralmente, também partilham valores, percepções e costumes.

“O lugar tem conotação de segurança, cuidado e estabelece significados, assim como um sentido um tanto negativo de hábitos aceitos, rotinas e manutenção do *status quo*” (Tuan, 1985, p.23), afirmação que faz parte do esforço do autor. Ao diferenciar o espaço do lugar, as dúvidas geralmente são respondidas pelas passagens amplamente conhecidas, como “o lugar é segurança e o espaço é liberdade: estamos ligados ao primeiro e desejamos o outro” (Tuan, 1983, p.3).

Um recorte necessário para que possamos entender as diversas escalas que o lugar possa ser abordado em várias passagens de obras humanistas na geografia e que vão desde o lar à nação. Tuan faz um esforço para explicar a diferença entre espaço e lugar e, principalmente, para que possamos compreender as possibilidades de estudo de um lugar. Ademais, para essa pesquisa, estaremos atentos em explicitar as propostas do autor, acerca da

cidade, entretanto, é crucial que compreendamos as possibilidades que também surgem no campo, em escalas mais individualizadas do lugar:

[...] o lugar pode ter várias escalas, como a casa, o lar, uma cadeira especial, todos são lugares – eles são criados por todos os tipos de experiência (sensorial e perceptiva). O país também é lugar, criado mediante uma experiência abstrata e indireta do lugar. Até uma pessoa pode ser lugar, - o colo dos pais para o bebê desprotegido, por exemplo. O que esses lugares têm em comum? São centro de significados, repositórios de sentidos, concebidos pela experiência. (PÁDUA, 2013, p.48)

Apesar disso, ainda com essas oportunidades de aprofundamento em escalas pessoais, é necessário que possamos compreender aquilo que Tuan (2018) afirma sobre o campo da geografia. Para nós dessa ciência, a escala da cadeira ou da rede é difícil de ser alcançada em uma análise, já que boa parte desses significados é individual, é preferível – muitas das vezes relacionados aos impactos desses fenômenos na vida desse grupo ou pela relevância que acaba sendo atrativa por boa parte daqueles que enveram nessa linha - na geografia que nos atentemos para lugares que são centro de significados para grupos de pessoas. Nesta pesquisa, optamos pela cidade de Aldeias Altas. O geógrafo considera (ou não) uma cidade um lugar por conter um centro de significados, sejam eles os momentos símbolos públicos, criados para gerar significado ou lugares onde os moradores criam ligações emocionais.

Cada cidade tem um nome, além de ter sido criado para responder às necessidades dos homens. Cada arranjo, estrutura e forma presentes em uma cidade remetem à características construídas, reconstruídas e apoderadas por pessoas que usufruem de suas experiências vividas e atividades cotidianas. O fator de estabilidade apresentado pelas cidades nos ajuda a compreendê-las como lugar. A criação de uma rotina e, conseqüentemente, de hábitos cotidianos necessitam de uma parcela considerável de tempo. Só com esse tempo que, segundo Tuan (2018), é que somos capazes de criar um lugar.

O lugar não pode ser sentido em uma passagem, apreender um lugar em algumas situações é necessário tempo, e um tempo que só é resultante em apreensão quando ele é vivido, experienciado, datado de intencionalidades. A intensidade das vivências, muitas vezes, sobressai ao tempo que passamos no lugar (PÁDUA, 2013). Segundo Tuan (2018), a criação do lugar é um processo, a cidade, por exemplo, é contínua, cada árvore plantada, cada quarteirão construído, cada novo prédio e praça nascem de uma ideia de que só se tornam lugar quando são usadas, habitadas e vivenciadas.

Portanto, a geografia possibilita que nos aproximemos das pessoas em suas diferentes faces. O lugar é único, mesmo que em uma parte significativa da epistemologia geográfica, sendo compreendido como um ponto dentro de uma hierarquia de vários outros pontos no espaço. Essas questões acerca do lugar enfatizadas por Yi-Fu Tuan são importantes reflexões para o desenvolvimento deste trabalho, o geógrafo aponta o déficit em produções que foquem em demonstrar o caráter único dos lugares, como por exemplo, pequenas e grandes cidades. Além de elencar a perspectiva da experiência como fonte essencial dos estudos acerca do lugar, proposições divididas e explicitadas por ele através de 11 categorias: experiência, lugares dentro do lar, lar, cidade, vizinhança e região, nação-estado, visibilidade, arte, educação, política, experiência e tempo (TUAN, 2018).

Cada categoria elencada por Tuan (1975) está relacionada ao processo desenvolvido pelo autor para estudar os lugares, a experiência, que é basicamente como os homens constroem significados, possibilitada pelos sentidos e pela capacidade humana de raciocinar sobre os atos e conhecimentos adquiridos, as experiências são as formas de nos comportarmos no espaço de vida e como as dotamos de significado para que se tornem lugar.

Os lugares dentro do lar são as escalas mais íntimas do lugar, ainda que a geografia não se proponha a estudá-las. De modo geral, é necessário para que possamos entender que em conversas com os moradores, em muitos momentos, a escala do lar é o ponto de partida: dentro do lar, temos o quintal, a mesa, que serve como ponto de reunião para a família; o quarto e a cama, que são lugares essenciais no dia a dia para descanso e calmaria; ou seja, lar é segurança, acolhimento, liberdade. Os lugares dentro dele são formas únicas de significados e focos do nosso mundo, só percebidos quando são ameaçados ou quando, porventura, estamos longe (TUAN, 2018).

As cidades são centros de significado. Portanto, as “experiências que fazem de uma esquina de rua uma vizinhança conhecida intimamente não são aquelas que podem ser tornadas públicas e visíveis com facilidade” (TUAN, 2018, p.10). Se pensamos em outra categoria, por exemplo região, em sua maioria, são definidas por geógrafos, após considerarem uma estrutura de características similares, no entanto, em razão de suas extensões, o reconhecimento pelos indivíduos é dificultado, assim, em um primeiro momento, a região é conhecida através do pensamento, já que é muito difícil experienciar uma região inteira, porém, mesmo que de forma imaginativa, há um certo apego às características.

A Nação-Estado, a política e a educação são contribuintes à criação de lugar quando vistos como fonte de pertencimento, assim como o patriotismo, o poder de

organização dos lugares. A educação é a articuladora de tudo isso, além de promover uma ênfase sobre os lugares, faz uma propaganda da nação e das particularidades nacionais, que vão desde o ato de aprender o hino, logo nos primeiros anos de escola, até ensinar a ter uma forte ligação com os aspectos físicos, culturais e humanos que compõem seu país. A arte nos ajuda a compreensão de lugar por duas vias, a mais usual pelo acesso às obras literárias, músicas e quadros que nos transportam, proporcionado “uma imagem de sentimento; e além de fornecer uma forma objetificada a visibilidade ao sentimento, para que aquilo que for poderoso, mas rudimentar, possa ter uma vida semipública” (Tuan, 2018, p.12).

De maneira geral, Tuan nos faz pensar e visualizar um lugar que nunca esteve distante das pessoas, só de boa parte da ciência. Não é raro ouvir algum indivíduo relatar com felicidade, indignação ou tristeza sobre o seu espaço de vida, seja os momentos felizes do dia a dia com a família e amigos em uma praça, campo de futebol ou até mesmo no quintal de casa, em um churrasco improvisado, ou nos de revolta com o trânsito em uma rua específica e, em outra, a qualidade questionável do asfalto. O lugar é o material da vida que vai adquirindo formas e visibilidade, através de atos políticos, estrutura educacional e demonstrações artísticas.

Em uma proposta que se assemelha a de Tuan (1983), Relph (2012) também disserta acerca do conceito de lugar e o crescente interesse por sua abordagem na geografia e em outras ciências. O geógrafo aponta o lugar como ponto onde nos relacionamos com o mundo e aponta alguns aspectos: lugar como reunião, localização, fisionomia do lugar, espírito de lugar, sentido de lugar, raízes e enraizamento, interioridade, lar, lugar-sem-lugaridade, nós, exclusão e sentido contaminado de lugar, construção de lugar, fabricação de lugar. Pontos que na visão do autor são os mais importantes sobre o lugar, além de representarem os caminhos que o lugar tem sido estudado e algumas outras possibilidades.

Entre os aspectos mais importantes para o decorrer desta pesquisa, estão o lugar como reunião, no qual Relph (2012) afirma que, naturalmente, ele é aglutinador de experiências, vivências e significados, se concretiza como uma reunião de particularidades das pessoas que lhe dão significado. **O espírito de lugar** representa a ideia de que existem lugares com uma forte identidade, marcantes para um grupo de pessoas, mesmo após mudanças. **O sentido de lugar** em Relph (2012, p.24) entende “como capacidade de apreciar lugares e apreender suas qualidades”. **Raízes e enraizamento** é a compreensão do lugar como ponto de pertencimento, forte ligação com as características e um sentimento especial. **Interioridade** como um conhecimento único, do indivíduo que conhece o lugar de dentro,

todas as suas nuances e possibilidades. E o **lar** é basicamente o lugar com a relação mais profunda, gerador de significado, dinamizador de relações com outros lugares, “onde se conhece, e se é conhecido pelos outros” (Relph, 2012, p.24).

Diferente de Tuan, Relph é mais claro sobre suas referências. Mesmo que saibamos um pouco sobre a base bibliográfica do geógrafo de origem chinesa, é certo afirmar que nunca demonstrou isso com intensidade por acreditar ser essencial que tenhamos o pensamento livre e individual. Segundo Pádua (2013, p.21), podemos afirmar que “Tuan é um geógrafo humanista de fundamentos fenomenológicos-existencialistas”. Já Edward Relph se destacou por ser um dos primeiros a defender uma geografia com base fenomenológica, para unir geógrafos de diferentes linhas.

Sua concepção de lugar foi construída sobre bases conceituais de Heidegger, principalmente pelo uso dos conceitos de autenticidade e inautenticidade. Para o geógrafo existem vários espaços que mesmo que estejam presentes em um mesmo espectro, podem ser diferenciados, como: espaço pragmático ou primitivo, espaço perceptual, espaço arquitetural ou construído, espaço cognitivo, espaço abstrato e o espaço experiencial ou vivido, esse último definido como um espaço de reunião de significados, atribuídos por um indivíduo ou grupo de uma mesma cultura, o mais importante para compreensão do lugar numa perspectiva fenomenológica (FERREIRA, 2002).

A tentativa de definição acerca do lugar por Relph (2012), além de toda inspiração na filosofia fenomenológica de Heidegger, parte da compreensão espacial experienciada, compreendendo que os lugares têm uma essência e uma linha de significados sobrepostos pelas pessoas que neles vivem, avaliando sua definição sobre a lente de propriedades como localização, a paisagem e, principalmente, o envolvimento pessoal, já que esse último enfatiza aquilo que o geógrafo considera primordial em sua abordagem, a experiência real com o lugar. Mas ele ainda destaca a importância do tempo nessa avaliação, já que toda experiência é sempre fadada a um fim, precisamos compreender o lugar de duas formas, a primeira

Nossas experiências de lugar, no entanto, parecem resistir ao tempo. Construções, estradas e costumes locais, que são as manifestações mais óbvias de uma lenta mudança do cenário variável de vidas individuais. Retornamos ao lugar onde crescemos e embora possa haver construções e pessoas, isso permanece no mesmo lugar. No caso do lugar ter sido completamente reconstruído, ficaremos consternados, pois lugar implica continuidade (RELPH, 2012, p. 28)

Nessa pesquisa, ao buscar o lugar em uma cidade com 60 anos de emancipação política, conversamos com os primeiros moradores que estiveram presentes na construção da

cidade. Ao mesmo tempo que a sua volta estão seus filhos, netos e bisnetos, cada um de uma geração e compreensão de cidade de uma maneira diferente. O avô nunca esteve em outro estado, viveu uma parte significativa da sua vida com um trabalho voltado às práticas tradicionais de roça, pesca ou cortando cana. Com a renovação do urbano e, principalmente, as mudanças de conjunturas econômicas, as distâncias foram encurtadas, possibilitando que seus filhos possam viver em outras cidades do país. Os netos têm leitura rápida e fácil acesso à tecnologia, as experiências com o lugar são distintas.

Nas palavras de Relph (2012, p.31), o lugar “é onde cada um de nós se relaciona com o mundo e onde o mundo se relaciona conosco”, uma forma de entendermos nossa existência, o lar, a vida cotidiana e os significados que encontramos em uma camada visível e invisível de símbolos, foge a uma ideia romântica de que lugar é só aquilo que possui raízes ou carregado de sentimentos, lugar é existência em um mundo moderno em que as estruturas nos remetem à práticas robotizadas, implementação de culturas de consumo e identidade padronizada, o lugar foge à regra, como um microcosmo.

Com foco nas nuances do envolvimento pessoal, o autor destaca algumas características que influenciam e dinamizam a relação dos indivíduos com o lugar, entre elas está o tempo, presente também nas propostas de Tuan, pois nos remete à construção e ligação com lugar. Segundo Relph (1980), a ligação que os indivíduos têm com o lugar e, conseqüentemente, a manutenção da ligação com ele passa pelo tempo e pela capacidade de concebermos as mudanças no lugar, incorporando ao vivido e destacando particularidades. Uma outra característica seria a comunidade, desenvolver uma análise interpretativa acerca das relações intersubjetivas, expressas principalmente na paisagem, como por exemplo, nas ruas, praças, mercados, clubes de festa e campos de futebol que serviram como um ponto de coletividade e meio de comunicação.

Portanto, o lugar para Relph não pode ser compreendido sem ser experienciado, já que o lugar para o autor é uma intensa revelação do ser, é um guia para a existência, principal ponto de ligação entre os homens e o mundo. O geógrafo fica marcado pelo seu esforço em considerar o lugar numa dimensão fenomenológica, enfatizando que é necessário que a geografia enxergue o lugar e as intenções humanas que lhe dão significado, sem desconsiderar os atributos físicos que o compõem. Uma proposição que nos permite uma reflexão sobre as essências da existência humana e suas relações a partir do lugar.

Uma outra autora basilar que desenvolveu uma conceituação sobre o lugar foi Anne Buttimer, essa com uma proposta que dá continuidade a aproximação da geografia com

a fenomenologia, porém se diferencia de Relph ao se aproximar também do existencialismo. Segundo Ferreira (2002), ela propõe que a geografia usufrua da aproximação entre a fenomenologia e o existencialismo como base, para dá relevância a questões aos indivíduos em diferentes contextos, ou seja, basicamente fazer uso da filosofia para uma compreensão espacial subjetiva ao usar a perspectiva fenomenológica, sua análise das condições de vida, conhecimento e reflexão sobre o mundo cotidiano e o existencialismo, para ajudar as pessoas a alcançarem uma consciência do seu mundo, através de seus atos, escolhas e decisões, enfatizando a conduta de vida (HOLZER, 2016). Com isso a autora se compromete a compreender os significados e os valores expressos no mundo vivido que emergem das relações perceptivas e concretas dos indivíduos com seu ambiente.

Para os fenomenologistas existenciais, os valores emergem de um diálogo criativo entre o homem e seu ambiente. O processo crítico desse diálogo é o encontro intersubjetivo entre as pessoas e o meio. A autora ressalta que esse sistema filosófico não postula que os valores ou significados específicos são melhores que os outros (HOLZER, 2016, p.147).

Com base nessa concepção, Buttimer (2015) constrói sua noção do lugar, resgatando premissas básicas do conceito de gênero de vida, remodelando aquilo que era feito pelos geógrafos franceses no século XX. Partido da ideia de sentido de lugar, o mundo vivido tende a ser compreendido como uma tensão, ao mesmo tempo em que há forças tentando estabilizá-lo há, também, as inovações e transformações que os tornam diferentes. Portando, o lugar para a autora é o âmbito no qual o corpo se relaciona com o mundo em um contexto de diferentes temporalidades sobrepostas, o indivíduo busca ordenar sua vida na criação de uma rotina cotidiana, ao mesmo tempo que as mudanças provocadas pela modernidade o lança, constantemente, na busca por aventura e movimento. O lugar é, então, uma busca por ordem e aventura ao mesmo tempo.

Em um artigo de 1980, traduzido em 2015 pela revista geograficidade, Anne Buttimer apresenta talvez sua versão mais congruente em relação ao lugar. A autora aborda, através de um levantamento e das suas experiências, os caminhos percorridos pelo sentido de lugar, amparando-se em sua concepção própria sobre o mundo vivido.

A premissa básica, segundo a autora, é pensar que o lugar “é construído, significado, recomposto e criado pelas pessoas que nele vivem. Mas é impossível desconsiderar a ação de agentes externos, sobretudo no que concerne às ações de planejamento” (BUTTIMER, 2015, p.4). Assim, realizar um levantamento acerca dos motivos que trouxeram os cientistas sociais e os geógrafos a se preocuparem com a noção de lugar,

caminhando em diferentes épocas e contextos, relevando o medo da perda de identidade, a guinada econômica e o desinteresse por valorização identitária e questões simbólicas, as imposições culturais por parte dos países desenvolvidos, isso é o que tornam uma leitura do lugar um âmago de complexidade.

Resultado desse levantamento acerca do mundo vivido, a maior contribuição de Buttimer (2015) para o estudo do lugar numa perspectiva fenomenológica existencialista foi a elaboração das concepções de lar e horizontes de alcance, complexo em sua formação. É uma tentativa da autora de possibilitar uma compreensão do lugar visto por um observador ou apenas uma visão de alguém que está dentro e tem forte ligação com as características que o compõem. Para ela, é “como inspirar e expirar, a maioria das formas de vida precisam das formas de vida de um lar e horizonte de alcance orientado para fora daquele lar. A reciprocidade vivida de descanso e movimento, território e horizontes de alcance, segurança e aventura [...]” (Buttimer, 2015, p.8).

Devidamente mapeados no mundo vivido do indivíduo, esses aspectos nos revelam a composição da identidade do lugar e nos leva a compreender, também, a ideia de centramento, em que nas próprias palavras da autora é diferente de centralização, centramento “sugere um processo contínuo de vida” (Buttimer, 2015, p.9), ou melhor, é criado pelas próprias pessoas, em seu ato de experienciar e gerar significados em símbolos, atividades e hábitos corriqueiros. Ou seja:

O mundo vivido diário, visto sob o ponto vantajoso do lugar, poderia ser compreendido como uma tensão (orquestração) de forças estabilizantes e inovativas, muitas das quais não poderiam ser conscientemente apreendidas até que uma tensão ou doença revelasse alguma desarmonia entre a pessoa e o mundo (BUTTIMER, 1982, p.180).

Cientes, agora, dos caminhos que vamos percorrer e das conceituações que usaremos como base para dialogar com nosso campo empírico, percorremos os caminhos sinuosos do processo de fabricação dos lugares para compreender o lugar de Aldeias Altas, conhecida carinhosamente como a “Hollywood maranhense” pelo seu imponente letreiro na entrada da cidade. É uma terra do “povo bonito e trabalhador”, como afirmam os outdoors espalhados pela cidade.

Uma construção que é traçada pelo caminhar e por cada forma que foi sendo moldada por aqueles que ali vivem ou viveram. O resgate da historicidade para respaldar a construção dos lugares de memórias, o diálogo entre as diferentes percepções para destacar divergências das experiências, são aberturas para interpretação da cidade um lugar, através da

leitura e observação das vivências subjetivas e coletivas, que relevam o lugar em escalas distintas, como aquelas dos quintais e do lar, chegando nas concentrações em festas e eventos culturais.

Figura 2: Placa com o slogan “Terra de um povo bonito e trabalhador” e comemoração dos 60 anos de emancipação. E post feito na internet pelo Governo do Estado sobre o letreiro de Aldeias Altas



Fonte: GOUVEIA (2022); GOVERNO DO MARANHÃO (via Instagram 2022)

A cidade é marcada por um crescimento acelerado no quesito industrial, já a população aldeias-altense é permeada por reminiscências de valores que os mantém próximos da vegetação, de práticas tradicional de plantações, expressões artísticas e culturais poéticas dos seus modos próprios de contornar a chegada do novo, as ressignificações de práticas e contextos de vida cotidiana e manutenção de vivências e costumes tradicionais do próprio contexto na vida urbana.

Figura 3: Letreiro localizado na entrada da cidade e um monumento em homenagem a São João Batista.



Fonte: Gouveia (2022)

Diferente do movimento e da vida nas grandes metrópoles, geralmente destacadas por suas grandezas, como o imponente processo de verticalização, volume populacional e modo de vida acelerado, Aldeias Altas apresenta características comumente direcionadas a pequenas cidades, ainda apresenta uma intensa caracterização sem dissociação do rural e urbano, ou em olhar mais crítico, as reverberações dos movimentos causados pelo capital. Ainda com uma figura marcante nas suas primeiras décadas comandando as ações, essa cidade tem aquilo que é destacado por Holzer (2017), afirmando que boa parte das casas tem um caráter vernacular (em cidades com essa formação) por serem construídas sob uma gama de significações aproximadas das vivências cotidianas das pessoas e distantes dos padrões do que a arquitetura e os urbanistas têm como parâmetros.

A “Hollywood maranhense” é viva e está além de um parâmetro econômico, as relações aproximadas e uma noção de comunidade que fogem das características de grande parte dos estudos sobre cidade no país, assim, nota-se e revela-se esforço desta pesquisa em enxergar de forma interpretativa o lugar vivido e construído, sem fugir das premissas de uma geografia humanista cultural, dos direcionamentos fenomenológicos e dos mergulhos existenciais quando necessários. Uma interpretação do lugar, uma visão sobre a cidade, o realce das continuidades e a valorização de história(s), através da observação do mundo vivido, do habitar e das percepções.

1.4 O habitar e o lugar em Aldeias Altas

Imbuídos da historicidade e dos contornos do lugar, percorremos Aldeias Altas sem todas aquelas pretensões antecipadas, como propõem os alicerces da geografia fenomenológica. Para tanto, com uma organização básica do que poderia ser observado e respaldado em fundamentos teórico-conceituais já discutidos aqui, como também em um trabalho de campo realizado durante 30 dias, tendo como resultados conversas, observações e detalhes do cotidiano subjetivo e coletivo de seus moradores que nos trazem uma necessária reflexão sobre o habitar e sua revelação do lugar.

Uma tarefa que envolve certos parâmetros, entre eles uma conversa com o habitar de Heidegger e o conceito de lugar, usufruindo dos avanços realizado por Marandola Jr (2021), além de dialogar com Seamon (2013) e a concepção de danças do lugar para um detalhamento acerca dos movimentos diários, rotina e a dimensão no corpo nas experiências no ambiente, Tuan (2013) com a teoria acerca do distanciamento da natureza e as recentes contribuições de Brandão (2016) sobre a natureza do habitar na pequena cidade, além das discussões de Holzer (1999 - 2017) sobre o lugar e o ser na cidade. Produções e pensamentos que tomamos como base discursiva para interpretações e descrições que traçaremos a seguir.

Numa tentativa de apresentar caminhos ainda pouco frequentados pelos estudos geográficos e tornar a interpretação do lugar pautada nas experiências e no vivido, ainda mais palpável, promovemos essa aproximação com o habitar, movimento que também esclarece a abordagem metodológica e direcionamentos fenomenológicos que guiam os olhares, interpretações e desprendimentos realizados.

Nessa incorporação da análise fenomenológica, interpretamos por meio das observações e conversas proporcionadas pelas andanças, pausas e leituras da paisagem, os movimentos cotidianos da cidade, responsáveis pelas construções objetivas e subjetivas da atual estrutura de Aldeias Altas, contornos que se transformaram em bairros, idas e vindas que dão identidade, ritmo e significados ao lugar.

Portanto, a ideia do lugar que emergiu independentemente da fabricação e construção pelos agentes citados nas discussões posteriores. De tal modo, trazer o habitar para nossa estrutura conceitual engloba o sentido existencial desenvolvido por Heidegger e uma aproximação da geografia humanista com trabalhos desenvolvidos pela arquitetura, principalmente na abordagem geográfica das ideias de Lynch (1960) e Norberg-Schulz (1988). Além disso, concatenar conceitos e premissas do uso e sentido de construção atrelado ao lugar enquanto um conceito baseado nas experiências daqueles que habitam. Considerando

o habitar como aquele que transcende a noção de morar, traçaremos conceitualmente atrelado a uma descrição dos movimentos diários de Aldeias Altas.

O habitar significa mais do que a comum noção de abrigar-se (NORBERG-SCHULZ, 1976). Numa conversa que nasce nas proposições e pensamentos de Heidegger, sobre as noções que abarcam um habitar em sentido existencial, abrange um movimento transformador e imensurável que depende de um conjunto de características do ser-no-mundo, numa designação de indiferença entre o homem e o mundo (PÁDUA, 2014). Compreendendo as ideias de espaço e lugar no pensamento heideggeriano e a noção de ser-no-mundo como fundamento da experiência geográfica (MARANDOLA JR, 2012).

A noção de habitar é mais do que simplesmente morar em um local. Habitamos a casa, o bairro, a cidade, a região e, em última análise, a Terra. Nessa leitura, habitar é a própria expressão do próprio ser-e-estar-no-mundo, constituindo-se enquanto fundamento do ser-no-mundo, envolvendo lugares, territórios e espaços da vida. Habitar é o próprio *Dasein*, implicando um conjunto fenomênico de elementos que são mediados pelas ações intencionais e do querer do homem. A existência é fundada num habitar, e este marca, demarca e transforma o espaço. Muitas formas de habitar só se desenvolvem em certa duração, implicando conhecimento, vivência e um envolvimento com a comunidade, a cultura local e o estabelecimento de territorialidades (MARANDOLA JR, 2012, p.86).

Portanto, o conceito de lugar que se transcreve nas linhas deste trabalho, percorre compassos que podem ser representados por uma leitura acerca do habitar na cidade. Nessa junção sem regras direcionada pela fenomenologia em uma interpretação acerca do vivido e das coisas que cercam os moradores, suas referências iniciais do que está dentro e do que está além deles, habitar é um traço fundamental do ser (HEIDEGGER, 1958). Na visão heideggeriana, o homem habita, poeticamente, numa relação entre o construir, pensar e o habitar, que segundo Segaud (2016, p.96), “é a conjunção entre o lugar e o individual singular que funda o habitar”. Uma leitura do ser e conseqüentemente do nascimento dos lugares.

O habitar heideggeriano expressa também uma premissa vista em suas obras sobre a relação inseparável do homem e o espaço ou “ser humano – espaço”, como definiu Brandão (2016, p.20), pensando, principalmente, essa relação que decai sobre um habitar pensado de maneira essencial.

O sentido de construção traçado neste trabalho em que o lugar emerge das experiências e vivências que independem das ações de mandatários, decai também em um modo fenomenológico de interpretação do habitar (aqui, principalmente o modo proposto por Heidegger), com foco no ser e aprofundando-se naquilo que se mostra, não na transformação daquele em uma outra coisa. Uma compreensão que necessita de uma cadeia de indícios.

Dessa maneira, refletindo sobre a realidade aqui interpretada, Aldeias Altas é o fenômeno observado com lentes sobre o lugar das/para as pessoas que ali vivem, pautado em premissas da fenomenologia para interrogar em um movimento que guardada as proporções se aproxima da leitura feita por Heidegger ao interpretar o trabalho de Van Gogh, atento, principalmente, na suas afirmações acerca da revelação do mundo que está a mostra no quadro *Os sapatos*, promovendo uma interpretação natural do que o quadro indica como modo privilegiado de revelar o cotidiano (MARTINS, LEÃO, 2010). Nesse sentido, o lugar cidade é diferente de uma obra, mas ao mesmo tempo apresenta um quadro de referências que proporciona uma interpretação dos indícios.

A leitura fenomenológica do lugar enfatiza a importância da experiência vivida pelas pessoas em um determinado espaço geográfico, o habitar nessa discussão aponta uma abordagem chave para a interpretação, pois envolve a relação das pessoas com o espaço em que vivem, considerando tanto as dimensões físicas quanto as simbólicas e afetivas do lugar. Para os moradores de Aldeias Altas, o habitar e o lugar assumem significados bem particulares, marcadas por forte identificação local devido às relações sociais e culturais que foram se estabelecendo através das experiências, bem como as especificidades naturais e construídas no município.

O lugar é, então, visto como um espaço de pertencimento, onde os moradores se sentem parte de uma comunidade e compartilham valores, tradições e costumes. Ao mesmo tempo, é possível constatar em suas falas referências aos desafios e limitações, como a falta de acesso a serviços básicos e de infraestrutura, o isolamento em relação a outras regiões e em destaque a dependência de atividades econômicas específicas, questões que afetam a qualidade de vida das pessoas e molda sua percepção do lugar.

“Toda a vida eu gostei daqui, não sei como seriam as coisas em outro lugar, cidade, sempre me vi morando aqui, me sinto tão ligado a esse lugar, como se fizesse parte dele. Sempre tinha aquela dúvida se uma hora ia ter que ir para Caxias, mas é bom ter vivido só aqui. Ali perto de onde hoje tem a quadra, tenho as lembranças de quando era menino, pé no barro, subia no pé de manga e terminava tudo nadando na limpeza (riacho). Vi as coisas mudando e já passamos por dias difíceis, quando a chuva não ajudava e as roças não iam para frente, mas as pessoas se conheciam e se ajudavam, era uma grande família. Hoje tá mudando, chegando emprego, ruas asfaltadas, mais comércio, vida tá diferente, nem precisamos ir para Caxias toda hora, posso ir no interior rapidinho, gosto da vida assim, mesmo que talvez precise de mais saúde e remédios, uma hora vai melhorar, me sinto em casa aqui” (José Batista, 45 anos, pedreiro)

O habitar e o lugar aparecem em destaque nas entrevistas, numa moldura entre as particularidades, percepções, sentimentos, apego, críticas à estrutura política. Numa dança entre as representações dos lugares de memória, significados, histórias, valorização do lar,

assim como um anseio por melhorias e novidades. O habitar compõe essa relação entre as coisas do lugar, os movimentos diários e uma gama de significados adquiridos, transformados e criados com as experiências e o tempo.

Na entrevista, o morador destaca o “vi as coisas mudando”, o que desvela um mundo e, conseqüentemente, as diferentes percepções acerca da vida e do lugar, como a familiaridade com a natureza que surge desde a infância por meio das brincadeiras e da rotina, os destaques despercebidos ao que é particular, como do ambiente em que vive, a marcante aproximação com características que remetem a desassociação ainda não demarcada sobre o que é rural e o que seria urbano, expressos no cotidiano da cidade.

Corroborando os direcionamentos fenomenológicos apontados por Relph (1970), sobre como todo conhecimento vem do mundo da experiência e não pode acontecer independente dela, tendo como essência a geograficidade reveladora de valores de lar, lugar e familiaridade. O habitar é, então, uma atividade diária e cotidiana, e as datas e os anos são expressões temporais da relação do homem com a terra, o tempo em que as coisas se revelam para nós no mesmo ponto que os homens aparecem para elas (HEIDEGGER, 2012).

“Minha vida é simples, porque eu gosto mesmo de morar aqui, eu posso como já te falei, apontar um monte de problema, mas quando vem essas perguntas é difícil não comparar como no fundo Aldeias Altas é minha vida [...] posso comparar com o que vejo na televisão, as multidões, não acho que eu gostaria, meu mundo acaba sendo simples, não pego trânsito, consigo ver meus filhos várias vezes no dia e brincar com eles na rua sem muito medo [...] até queria mais dinheiro, mas não acho que vale a pena aventurar por alguns números e deixar por aqui aquilo que levei uma vida para construir, de casa para o trabalho, uma passadinha no bar na sexta, a bola com os amigos [...] na verdade agora eu acho que não tem no mundo outro lugar que eu possa morar” (Hélio, 49 anos, servidor público)

Há muito o que interpretar quando pensamos no habitar, os dois trechos que usamos para introduzir falas diretas de moradores em nosso capítulo propõe discutir os conceitos do aporte teórico-conceitual deste trabalho, além de destacar uma variação de análises que podem ser feitas, também, no que não foi dito. Habitar o lugar Aldeias Altas é, segundo os movimentos dos moradores, muito mais do que a relação com as casas, as ruas e os bairros, a cidade tem uma sensação de “liberdade” e conhecimento por parte daqueles que ditam o ritmo. São sons, cheiros, sabores e valores que ainda resguardam características de uma coexistência estranha e com pouco destaque na geografia em tempos que urgências díspares tomam conta dos nossos olhares.

Imbuídos de conceitos e ideias, propomos uma interpretação que caminha pela historicidade, sonhos, realidades e liberdade para refletir e interpretar o lugar em construção, significados, sentimentos e permanências nessa busca pelo conteúdo de “mundo”.

CAPÍTULO 2

O SONHO DE ALDERICO

uma espacialização dos caminhos

*Vou te contar a história
de um homem sonhador,
Um homem de grande importância
que uma cidade fundou
Por seus feitos na cidade
tornou-se um homem de valor*

*Em 30 de janeiro de 1990,
na cidade de Caxias*

*Mas em uma cidade emancipada
e um local bem habitado.*

*O sonho parecia grande
pois a região era desabitada
Mas ele trouxe sua família
construindo sua primeira morada
Em 1918,
ele construiu sua casa.*

*Na agropecuária e Indústria
Alderico começou a investir
Construindo também estradas
Para o local fluir.
Aí, vieram outras pessoas
para morar também ali.*

*O comércio São João
abastecia os arredores da propriedade
E o óleo do babaçu
Alimentava a usina da futura cidade,
que também dava emprego
aos moradores da comunidade.*

*Havia uma pequena escola
E também uma serraria
Que para a construção das casas
Madeira fornecia.
Mas era da quebra do coco
que alguns ainda viviam.*

*Outros moradores do local
Viviam da roça e pesca
E para divertir os moradores*

*Nascia Alderico Novais de Machado
Um homem de grande valia
filho de seu João
e de sua mãe, dona Maria.*

*Na propriedade São João
começa o sonho de Alderico machado:
tornar sua propriedade
não só em um povoado*

*Havia os “fazedor de festa”.
tudo era diversão
missas, festejos e reza.*

*Alderico entrou na política,
tornou-se um homem influente
foi deputado estadual do Maranhão
e na assembleia legislativa foi vice-presidente
foi também governador interino
mas ainda não estava contente.*

*Com seus filhos na política
O pai fez um pedido:
“lute pela emancipação”
era o sonho de Alderico
e foi o deputado João Machado
que acatou o seu pedido.*

*Alderico decidiu doar
100 hectares da sua propriedade
Para concretizar seu sonho
Da emancipação da cidade.
Pois ele faria de tudo
para o seu desejo ser realidade.*

*novembro de 1961
Apresentaram a proposta da emancipação
Com o nome de Novo Horizonte
Foi entregue à votação
E o resultado foi levado
Para a Assembleia do Maranhão.*

Samuel de Ouro Henrique (Aluno)
Ana Márcia dos Santos da Silva
Adriana de Almeida Holanda

2.1 A cidade como lugar: historicidade, experiências e os significados cotidianos

A cidade é, na atualidade, uma das maiores preocupações das ciências em geral, na geografia não é diferente, poderíamos enumerar os diversos livros de geografia urbana com discussões que perpassam pelos mais diferentes contextos, entre eles: problemas, entraves, características e particularidades do mundo urbano. A cidade surge como um espaço dinâmico e múltiplo em relações, possibilitando análises em escalas culturais, íntimas, subjetivas e intersubjetivas em diferentes âmbitos, sejam eles religiosos, festivos e/ou fenômenos particulares

Os principais idealizadores do movimento humanista na geografia apontam a cidade como uma importante escala para a compreensão de lugar, principalmente por ser, hoje, o principal centro de significados, dados e entendidos pelos indivíduos que ali vivem, experienciam e concebem o mundo. Mesmo que haja no Brasil poucos estudos que optam por interpretar a cidade como um lugar, consideramos olhar para a cidade de Aldeias Altas sob essa constituição conceitual com referência em Tuan (1983), Relph (2012) e Buttimer (2015), assim como as representações e detalhes falados e percebidos nas entrevistas com os moradores.

A cidade, é percebida e concebida como uma extensão do lar, alongando um pouco as afirmações de Mello (2012) ao retratar a rua e o bairro como a continuidade da casa, porém com as mesmas premissas no qual símbolos, referências e permanências contribuem para direcionarem os sentidos de lugar e, portanto, a formação deles em meio a processos experienciados em diferentes níveis. Logo, os moradores da cidade constroem a vida e um ritmo cotidiano subjetivo e coletivo com características didatas e datadas por suas próprias experiências.

Diferente das concepções mais comuns em que uma cidade ganha sua definição, pautada dentro de uma quantidade numérica, populacional ou por área, nesta pesquisa fugimos um pouco das definições usuais, para usufruir de uma cidade que nasce nas pessoas, ao mesmo tempo que também é carregada dentro delas. Nesse caso, Aldeias Altas é distinta das comunidades rurais e suas relações de vizinhança e familiaridade, enquanto também ainda é distante de uma grande metrópole e do “mundo de estranhos” vividos pelos moradores (TUAN, 2013). É um emaranhado de vivências rurais e convivência com modernizações do urbano, isso implica numa percepção bem representativa acerca do lugar.

É uma forma diferente de visualizar a cidade, distante das comuns interpretações do urbano sobre problemas, contornos, mobilidade, economia, desigualdade e questões

sociais. A cidade, neste trabalho, é lugar, com suas múltiplas condições, vividas e experienciadas. Especificamente, uma Aldeias Altas construída e percebida por seus moradores, existente e consciente de maneira mais íntima dentro deles, tendo respaldo em ritmos, constituição, saberes, significados, criticidade, memórias e suas histórias.

Sendo assim, a opção de abordar neste capítulo alguns de seus aspectos históricos, surge de apontamentos dados por seus próprios moradores durante as entrevistas e retrações acerca do mundo vivido, até mesmo uma certa cobrança por parte da comunidade que ainda procura visualizar um pouco de sua história, para que suas futuras gerações possam ter fatores palpáveis sobre a cidade e até uma certa retração sobre os “construtores”, figuras populares e acontecimentos chaves.

Nesse sentido, acaba desvelando essa atitude natural em uma especificidade bem próxima daquela apresentada por Merleau-Ponty (1996), principalmente em moradores com mais idade, em que eternizar algumas de suas memórias e experiências subjetivas com os lugares significa, de certo modo, a sedimentação de suas percepções acerca do lugar, assim como uma explanação de como nasceram os espaços de suas mais comuns relações com o mundo.

É, conseqüentemente, um dos motivos de nossas aproximações com premissas fenomenológicas, uma resposta aos anseios do lugar Aldeias Altas, esse que surge nas pessoas com vivências distintas. Neste capítulo, traçamos a historicidade (principais construções, figuras históricas) com base nos documentos e levantamento bibliográfico, guiados pelos moradores, pelas suas experiências e pelas falas do lugar.

Para que possamos compreender essa cidade maranhense como lugar, adentramos ao seu processo de emancipação, contato primário de seus moradores com a concepção de cidade, os significados atribuídos a determinados espaços, a construção de lugares e os sentidos construídos a partir desses. A cidade percebida, onde as relações cotidianas se desenvolvem, ponto em que as vivências são dinamizadas por um conhecimento sobre a rotina, sejam os aromas de um dia no mercado, as músicas dos vizinhos em dias de faxina, a areia dos “terreiros” entre os dedos em ruas vazias, os nomes das ruas lembrados a cada novo passo, os lugares têm um sentido, esse sentir é conhecer (RELPH, 2012).

As cidades e suas conjunturas são criadas e construídas pela e para as pessoas, o que nos leva a considerar o lugar e os lugares nesse processo. “Tanto as cidades quanto os objetos que ele abriga, recebem nomes. Essas são apoderadas, reconstruídas e usufruídas pelos seus moradores. Eles são a experiência coletiva do lugar em seu mais explícito fazer”

(Padua, 2013, p.49). Se considerarmos as principais discussões que envolvem o lugar na cidade, encontraremos algumas versões que rejeitam a ideia de que seja possível abordá-la em sua totalidade, já que algumas teóricas que abordam o contexto epistemológico e urbano acreditam que o lugar só ganha significado quando se refere a uma pequena parcela de pessoas (TUAN, 1983).

Em contrapartida a essa compreensão, os geógrafos que construíram a nova leitura acerca do lugar consideram a possibilidade de experienciar o lugar numa cidade, marcada por uma temporalidade híbrida de tradicionalidades na vida urbana e com suas duas primeiras gerações de moradores ainda marcantes nas decisões e atividades desenvolvidas na cidade e com um ritmo mais lento de urbanização, porém, dinâmica em sua vida cotidiana, é um lugar de vivências individuais e intersubjetivas fortes desde seu nascimento.

Como é característico das cidades emancipadas no nordeste brasileiro, Aldeias Altas é resultado de interesses individuais, construída sobre premissas de melhorias e atração de mão obra. O antigo povoado São João do Alderico pertencia a cidade de Caxias, mas sua história é marcada pela figura de Alderico de Novais Machado, um fazendeiro, comerciante e detentor do poder econômico e político do povoado, conhecido na época como “Coronel Alderico” (SANTOS, 2009). O Povoado é caracterizado, inicialmente, pela extração do babaçu e a exportação para São Luís, América do Norte e Alemanha, fato que enriquecia ainda mais Alderico Machado, que logo depois estaria entre os maiores proprietários de terra do Estado (mais um entre os latifundiários detentores do poder no Maranhão).

Figura marcante na política maranhense desde a década de 1940, nela permaneceu até o ano de 1983, integrante do grupo político de Vitorino Freire (senador), foi vereador de Caxias, presidente da câmara municipal, Deputado Estadual, presidente da Assembleia Legislativa do Estado e governador do Maranhão interinamente por três meses. Usufruindo deste poder, o comerciante mantinha uma relação próxima à população, concedendo pequenos desejos aos habitantes de Caxias e de seu povoado. Aliás, o povoado que veio a se tornar Aldeias Altas nasce da iniciativa privada desse latifundiário, ao construir uma casa coberta de palha e paredes de barro (hoje conhecida como casa de pau a pique), o ponto de atração para que começasse a ter novos moradores:

[...] Alderico de Novais Machado resolveu explorar sua propriedade denominada São João, constituindo a primeira casa do lugar, para onde se transferiu com a família. O local escolhido era constituído de terras férteis e banhado pelos riachos Barreiro e Cachoeira. Em seguida; passou o proprietário a desenvolver a agropecuária e indústria, trazendo o início do progresso para a região (IBGE, 2007, p.5)

Deste ponto, o povoado viria a crescer, consideravelmente, com a implementação de uma casa de comércio, com a primeira escola e novas estradas, incentivando a chegada de novos moradores, fator relevante para o crescimento demográfico nos anos iniciais. As atividades econômicas giram em torno da extração da semente do babaçu e a produção do óleo na fábrica conhecida, segundo Sousa (2016), como “Alderico Novais Machado – Comércio e Exportação S/A”, além da plantação de cana-de-açúcar. Segundo Costa (2008), após observar esse crescimento e com interesses individuais acerca de perspectivas econômicas, tomou início o interesse em transformá-lo em um município.

O povoado, segundo Costa (2005), tinha por volta de 1.000 (mil habitantes) quando foi inscrito o projeto de emancipação política do município, até esse momento esses habitantes eram em sua maioria funcionários de Alderico Machado, atraídos de Caxias para trabalhar com a extração da semente do babaçu e cuidados básicos em suas plantações.

Críticas foram realizadas, como essa destacada em uma edição do Jornal Nossa Terra, em 1962, apresentando uma fala de José Lemos, importante figura política caxiense na época, em tom de indignação, onde ele afirma que por ter uma população com menos de cinquenta pessoas, com alguns poucos armazéns, usinas, lojas com telha (propriedade de Alderico Machado) e o algumas casas de palha, o povoado não teria condições de se tornar uma cidade:

São João do Alderico Machado não tem condições para constituir-se em sede municipal, com população com menos de cinquenta pessoas, uns quatro prédios de telha (loja, usina, armazéns, etc.) da firma cujo-titular Alderico Machado, e outro tanto de casas de palha (JORNAL NOSSA TERRA, 1962)

Haviam questionamentos por parte da população caxiense, mas a figura de seu progenitor, seja politicamente ou economicamente, era dominante. Aproveitando de sua influência estadual e da guinada significativa de suas exportações da semente do babaçu, juntou-se a seu filho, João Elzimar de C. Machado (ex-prefeito de Caxias), para elaboração da proposta de emancipação em dezembro de 1961, processo rápido devida influência dos agentes envolvidos. Deste modo, foi apresentado à câmara municipal de Caxias, no dia 26 de dezembro, votada com nomenclatura de urgência pelos vereadores. Portanto, “tendo aprovação do pedido por unanimidade no dia 11 de fevereiro de 1962, tornando aquele povoado na mais nova cidade maranhense chamada Novo Horizonte” (Santos, 2009, p.54).

No entanto, o primeiro nome dado ao município foi negado ao passar para o próximo passo do processo de emancipação, chegando na Assembleia Legislativa do Estado, foi constatado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) que já havia uma

cidade com esse nome no interior do Estado de São Paulo, fato não permitido pela legislação brasileira na época e motivo da não aprovação do projeto. Segundo Santos (2009), os trâmites voltam para câmara municipal de Caxias, para a elaboração de uma nova proposta, os vereadores optaram por manter o nome do povoado que também culminaria em uma homenagem para seu idealizador, ato não visto com prazer por ele, que levou a optarem por Aldeias Altas, antigo nome da cidade de Caxias.

Com as ponderações acerca do nome, o processo foi, novamente, encaminhado ao governo do Estado, sendo aprovado e sancionado através do decreto da Lei nº 2.173, de dezembro de 1961, na gestão do governador Newton de Barros Bello (COSTA, 2008). Alguns meses depois da confirmação da emancipação, Alderico Machado indica Abílio Alves de Araújo para condição de prefeito do município recém-criado. Segundo os moradores que vivenciaram (uma parte aqueles que participaram das entrevistas dessa pesquisa e outros por meio de levantamentos da história oral e documental), os anos iniciais representaram o poder e as decisões resguardados aos interesses do idealizador Alderico Machado, isso até meados de 1980.

Os atos iniciais para manutenção de poder estiveram concentrados em doação de terras (300 hectares) como ato de atração para crescimento populacional, além da constituição de um perímetro urbano, como também para se reafirmar, como é percebido nas falas de vários dos moradores que vivenciaram esse início.

Ohh meu filho, antes o Coronel era dono de tudo, deu pra nós um pedaço de terra ali, para os outros pra aquelas outras bandas e assim foi. Vinha chegando gente de Caxias e do interior pra trabalhar, ficava alegre que via as coisas crescendo, naquela época tudo aqui era mato, só as varedas e vinha estrada, tinha como comprar feijão, arroz, farinha ali no armazém, ficou bom demais, era cidade né, cidade do coronel (Chico do Incra, 89 anos, aposentado)

Os moradores das pequenas vilas nos arredores da nova cidade receberam a notícia com alegria, em uma perspectiva que a partir disso iria melhorar de vida, que poderiam finalmente viver em uma cidade: “a gente desejava que isso acontecesse para nós”, afirma Maria do Carmo, de 78 anos, aposentada. Em contrapartida, uma parte da população caxiense não enxergou com bons olhos o desmembramento do povoado, no Jornal da Terra, principalmente nos artigos escritos por João Lemos, havia trechos que destacam que:

[...] algumas pessoas insensíveis à grandeza de Caxias, procurando criminosamente humilhar a terra de tão gloriosas tradições que lhes vem propiciando o pão de cada dia, desmembrando estupidamente o “torrão” onde nasceu Gonçalves Dias – Mata do Jatobá – do nosso município, com a insensatez da criação extemporânea do “município” de Aldeias Altas (São João do Alderico Machado). Infeliz ato maquinado à sombra de conclusos como sempre indecorosos, cuja concretização

deve-s à ambição a par do cabotinismo de uns e a covardia de outros A Câmara de Caxias arranca sem dó nem piedade, com a ilegal criação do município de Aldeias Altas (São João do Alderico Machado) desmembrado de Caxias (LEMOS, 1961, p.2)

O município de Aldeias Altas surge, desta maneira, em meio a questionamentos, porém como resultado do interesse econômico e político de um mandatário influente e com uma boa relação com os empregados e dono de todas as terras no perímetro municipal. Por um longo período, Alderico Machado foi, e é até hoje, a figura mais marcante na história dessa pequena cidade, não só por construir e delimitar boa parte das atividades que compuseram a vivência de seus moradores iniciais nas duas décadas após emancipação, como também pela fabricação dos lugares que nos possibilitam compreender a dinâmica de vida na cidade e as suas raízes até os dias atuais.

A figura do “coronel” Alderico Machado dinamiza de forma significativa as experiências iniciais de vida por parte de uma geração primária de moradores na cidade, seus atos e uma atitude coronelista em relação ao poder e gestão do território. Além da já destacada doação de terras para manutenção de um sistema de troca de favores, deram contornos singulares as experiências das pessoas e suas concepções acerca do espaço vivido na época, os movimentos em escala política partiam sempre de seus direcionamentos, como assinala Edson Alencar, de 88 anos, aposentado: “o poder era todo dele, mandava e a gente fazia, e tinha que ser assim, nada de confusão aqui, era a casa dele, tudo aqui”

A influência do mandatário reflete numa formação controlada da cidade, ao mesmo tempo se insere como uma figura de presença cotidiana para proporcionar construções, escolhas, controle de movimento, até mesmo o dinheiro para ações e contornos do dia a dia durante um período, uma vez que os pagamentos na cidade eram realizados por meio de vales que só tinham valor no perímetro urbano (SOUSA, 2016). Entre os anos de 1962 e 1973, Aldeias Altas teve três prefeitos: Abílio Alves, Belino Jamir de Costa Machado e Erasmo Marcelino Veloso de Carvalho. Nomeado como o primeiro prefeito da recente cidade, Abílio era o braço direito de Alderico, inclusive alguns moradores da época o apontavam como um pequeno fantoche para determinações do coronel (SOUSA, 2016).

No dia 13 de Fevereiro de 1962, Alderico Machado chamou o então prefeito para uma conversa, na qual teria dito que havia duas obrigações para este cumprir: 1ª – transportar para Caxias até o dia 30 de setembro, moradores que não tenham título de eleitoral, para tanto, “vou lhe entregar hoje um jipe abastecido” 2ª - limpar toda a área plana urbana da cidade para que o próximo prefeito as ruas (FERREIRA, 2010, p.11).

Esses mandos geram um impacto perceptivo por parte dos moradores da época, não só a afirmação de uma identidade com a cidade, como também a possibilidade de votar e ter o poder de escolha. Em tese, de mandatários que podem proporcionar uma vida melhor. Nesse momento, os relatos dos moradores apresentam um forte teor da construção dos lugares como naquele apontado por Relph (2012) em parceria com as atividades públicas, os lugares vão sendo feitos e significados pelas pessoas que vivem neles. As ruas, os armazéns, as praças, o trânsito e as escolas são construções que só ganham uma importância e, portanto, uso com as interações proporcionadas pelos moradores.

Em Aldeias Altas, até meados do ano de 1979, o Grupo Machado, constituído por Alderico e seus filhos, estiveram com o controle do município, providenciando boa parte do que era necessário, “com plantio de arroz, comércio de utensílios, tecidos e bens que não eram produzidos pela agricultura local” (Santos, 2009, p.58). É notório o impacto das ações dessa família no imaginário e nas memórias do lugar, bem como a influência do tempo e dos contornos históricos na percepção e compreensão.

Panorama que só veio a mudar quando uma parcela da terra foi vendida a Humberto Costa Pinto, outra figura que aparece, frequentemente, nos relatos dos moradores, por transformar uma imensa área em plantio de cana-de-açúcar, com a Companhia Costa Pinto, instalando um polo industrial que atraiu muitas famílias em busca de trabalho, fortalecendo o município economicamente e contribuindo com a expansão do perímetro urbano.

Logo, até nesse ponto deixamos que o poema que abre esse capítulo aparecesse como um guia, no entanto, cientes da contextualização histórica de uma figura marcante e das falas de moradores que trouxe essa pesquisa até um processo de exploração de eventos e transformações que moldaram e moldam o viver a cidade ao longo dos anos, optamos por destacar alguns trechos que apresentam uma historicidade enraizada na experiência com o lugar, assim como as narrativas compartilhadas numa conexão entre o presente com o passado nessa sedimentação de uma base para as experiências.

O poema intitulado “O sonho de Alderico”, que deu nome a esse capítulo, foi retirado de uma produção escolar de Samuel de Ouro Henrique (Aluno), Ana Márcia dos Santos da Silva e Adriana de Almeida Holanda (professoras), presente no livro *Aldeias Altas Nosso Viver* (2022, p.7). Trechos como “o sonho que parecia grande” são acompanhados por outros que enfatizam a construção, fluidez, prosperidade, influência e descontentamento, numa demonstração de como as narrativas acerca da história da cidade se concentram,

inicialmente, numa visão sobre as ações de Alderico Machado, ao passo que a própria historicidade de diferentes gerações “vivem esse sonho”, vivenciando e significando essas transformações.

O poema acaba marcando as razões que nos levaram a optar por descrever os caminhos históricos da cidade/moradores por aquele que é considerado a figura central, não somente pela geração que conviveu com o mandatário, mas também por aqueles que carregam em si, as narrativas, memórias repassadas e movimentos do vivido que afetam a dinâmica atual. Ou seja, a historicidade está enraizada na experiência do lugar, seja na escala subjetiva ou coletiva, é um componente essencial nas formações identitárias de Aldeias Altas. Nessa exploração, reconhecemos a história vivida e percebidas pelos habitantes transpassados em gerações, “tudo era diversão, missas, festejos e reza”.

Segundo Relph (1976), o lugar sobre os olhares fenomenológicos nos convida a investigar as múltiplas relações emocionais, os significados simbólicos e as camadas temporais que compõe a historicidade, permitindo-nos que compreendamos a interação complexa das experiências, vivências, os sujeitos e, nesse caso, o ambiente urbano ao longo do tempo. Há vida no banal, como houve em outros tempos, a árvore regada pelo avô, a casa deixada pelos pais, a cidade que outrora teve um dono e um certo sentimento de gratidão pela geração que vivenciou, isso tudo marca os compassos desse lugar.

As experiências significativas de lugar, segundo os habitantes da cidade, partem do centro e das suas raízes, resultados de um sonho imbuído na sua história e repassado tanto oralmente quanto na escola através de livros e produções que marcam o nascimento de Aldeias Altas:

Talvez só seja meu cantinho, não tem muito o que dizer, as vezes sinto falta daqueles tempos, mesmo que hoje seja bem mais fácil andar, tenho visto muita coisa aparecendo, também presenciei muita coisa morrer e eu vou ser mais uma... deixo essa casa, meu terreno, um monte de filhos, alguns netos e meu nome no lugar (Lúcia, 78 anos, aposentada)

Uma realidade geográfica viva e histórica, numa relação moldada pelas forças naturais e ações humanas ao longo do tempo, o espaço de vida em que a historicidade do lugar se manifesta na sua geograficidade, visível na paisagem com marcas do passado, reveladora de transformações que ocorreram e os diferentes modos de usar e significar os espaços ao longo do tempo (DARDEL, 2011).

Portanto, são inúmeras as experiências e vivências possibilitadas por essas ações, lugares construídos e ressignificados que também aparecem no caminhar de nossas entrevistas

e documentos. Muitos desses lugares foram apontados como fonte de início de vivências coletivas da geração que experienciou as primeiras transformações e a chegada do novo, uma geração que significou e construiu lugares, até que a própria cidade se tornasse um nessa capacidade de cada morador “aprender a partir da própria vivência” (Tuan, 2013, p.26).

2.2 Experiências e contextos da “modernidade” aldeias-altense: um aposto crítico para o lugar humanista

Em todas suas essências, o lugar tem expressões variadas e seria até pretensioso fechar perspectivas em apenas um nicho. Durante o período de observação sobre a cidade, houve apontamentos que destacam o contexto no qual estava inserido o “sonho de Alderico” e a relação da população com as mudanças ocorridas nas duas décadas pós-emancipação. É muito provável que esse tópico seja destoante (uma pretensão proposital), já que nossa interpretação do lugar passa neste momento por uma compreensão do contexto (serviços, agricultura, fábricas...) e daquilo que os moradores com mais tempo de residência destacam como contato com o moderno quando perguntados sobre a construção do lugar:

“Pra mim era lugar novo, me alembro que meu pai falava na sala sorrindo que era a chegada do moderno, luz, número nas casas, ruas com nomes, construção de estradas, não tinha nada antes, agora tem e muito por conta daqueles anos... até emprego novo, cheiros novos, zuada, mais espaço, lugares para resolver coisas e comprar comida” (Lúcia, 78 anos, aposentada)

A chegada da “modernização” está retratada nos poucos documentos produzidos acerca da cidade de Aldeias Altas, porém vive forte nas memórias daqueles que as vivenciaram e no imaginário de gerações posteriores como as histórias que ficam marcadas na vida e na estrutura cotidiana. A cidade, hoje, é definida como calma, pacata e de trânsito tranquilo, já passou por momentos em que seus pouco mais de 2 mil habitantes, no período de emancipação, estranharam a construção de galpões, estradas e a chegada do aumento de movimento de veículos.

Respondendo às necessidades de um mandatário em busca da acumulação e de uma mudança estética do espaço urbano, como forma de adequação com o processo de urbanização que ocorria no Brasil - entre os anos de 1960 e 1980 - (ROQUE, 2021), as grandes metrópoles se estabeleceram em um processo acelerado de urbanização com investimentos em indústrias e atração de mão de obra, principalmente para a região sudeste, ao mesmo tempo em que era pensado uma alternativa para interiorização e a introdução do “novo” para os espaços “vazios” do Norte e do Nordeste (BERNARDES, 2006).

No território maranhense ocorre, igualmente, mudanças significativas na expansão, porém com algumas particularidades que contextualizam os processos econômicos, movimentos sociais e os valores culturais expressos no cotidiano da atualidade. Segundo Trovão (2008), até que chegássemos aos anos de 1950 e 1960, onde adquiriu-se uma certa individualidade, o Estado esteve entregue à bases que remetiam a uma estrutura das frentes de expansão do processo de colonização, entre elas a frente litorânea (com atividades que envolviam a faixa litorânea, agro exportação, principalmente em São Luís), corrente de criadores de gado (projeto de expansão da pecuária e interiorização do Brasil) e a corrente de migrantes de outros Estados do Nordeste fugindo da seca.

No Maranhão, essencialmente desde os anos de 1960, o processo de modernização tem sido condicionado pelo crescimento das cidades já consolidadas e a criação ou emancipação de outras, provenientes em sua maioria do avanço de uma fronteira agrícola e das atividades desenvolvidas em torno da pecuária e de alguns produtos da agricultura- soja, cana-de-açúcar e eucalipto. O Estado constrói e disponibiliza condições básicas para a chegada de agentes que impulsionam o processo de transformação do território, sendo responsáveis pela implementação do “novo” e ampliar a produção. Nessa transformação, as vivências nos povoados emancipados ou nas pequenas cidades são, muitas vezes, desconsideradas por esses grandes produtores.

As estradas foram abertas, e diferentes temporalidades se misturaram, ao mesmo tempo em que a população de um antigo povoado, com moradores habituados com valores e atividades de subsistência, tinham uma vida dinamizada por pequenas roças e extração da castanha do babaçu. Uma realidade de transformação lenta e uma maior aproximação com a natureza é surpreendida pela necessidade de ocupação econômica, grandes empresas, plantações e o tempo rápido para suprir interesses de grandes latifundiários (RODRIGUES, 2014).

Ao observarmos os principais acontecimentos da década de 1960, no Maranhão, houve transformações que ocorreram em boa parte dos estados do Nordeste. O território que concentrava uma diversidade com práticas agrícolas dos povos tradicionais, agricultura camponesa e exploração maciça da pecuária, mudou para uma centralização em rede com a produção agrícola nacional e mundial (ALMEIDA *et al*, 2019). Fatores que influenciam em uma mudança estrutural de funcionamento do Estado e sua dinâmica econômica, como parte de uma área extensa de expansão, prioriza políticas públicas que ofereçam base para produção agrícola e aos grandes agentes que chegam com cada novo ciclo de produção.

Historicamente, o Maranhão é constituído por muitos latifúndios, com a chegada desse novo ciclo econômico, a partir de 1960 e, principalmente, com a implementação de Lei de Terras pelo governo Sarney (1966 e 1970), criou-se um mercado de terras com preços baixos e atuação constante de grileiros, atraindo, fortemente, grupos econômicos nacionais (principalmente do sul do país) e internacionais (ALMEIDA *et al*, 2019). Além das influências de processos gerais que eclodiram em boa parte do país, “dentre eles a consolidação das indústrias, a ampliação do crédito rural subsidiado, a internacionalização do pacote tecnológico, a materialização do meio técnico científico informacional e a constituição dos complexos agroindustriais” (Mota, 2011, p. 15).

A década de 60 é caracterizada pela emancipação de outros 29 municípios (figura 4), segundo o último levantamento do Instituto Maranhense de Estudos Socioeconômicos e Cartográficos (IMESC, 2021). É evidente que existem certas particularidades no processo de desmembramentos em vários desses municípios, o de Aldeias Altas, como destacamos anteriormente, nasce como um imenso desejo individual de um mandatário com grande influência política em se antecipar no quesito de estrutura e atração de mão de obra, para os primeiros investimentos governamentais nessa região, além de aumento de patrimônio e manutenção da influência política (COSTA, 2008).

Essa configuração apresenta um plano que proporciona um olhar mais atento às mudanças posteriores em boa parte do território maranhense, o ponto inicial que podemos nomear o plano agrícola, abrindo espaço para a chegada massiva da soja, manutenção e aumento da produção de cana-de-açúcar, eucalipto e reconfiguração da pecuária. Frentes que para serem instaladas necessitam de fatores que transcendem apenas a terra, como a abertura de estradas, ampliação do acesso à energia, água tratada, meios de comunicação, serviços básicos para manutenção e implementações de bases de controle da produção.

No plano do vivido, extrativistas, camponeses e trabalhadores tradicionais se encontram como personagens dessa dinâmica modernizadora, percebendo uma aceleração das estruturas urbanas, onde começam a se enxergarem como integrantes de cidades. Sendo assim, ao mesmo tempo que os agentes hegemônicos controlam as forças de transformação em grande escala, provocando emancipações e modificando ritmos e características dos lugares, o cotidiano em um próprio ritmo angaria significados pelas pessoas que as vivem, de maneira subjetiva e intersubjetiva, as novas possibilidades e manutenção de valores específicos os dirige e os distancia, o que configura o processo de construção dos lugares (RELPH, 2012), ao mesmo tempo que destrói outros.

Um povoado que era, até então, compreendido e percebido por seus moradores numa conjuntura de vida rural, se encontra em um processo de aceitação da noção de cidade e iniciam uma gama de experiências que podem ser encontradas em documentos, relatos nas entrevistas realizadas em campo e em pesquisas monográficas que destacam as aventuras da modernidade na cidade de Aldeias Altas nas primeiras décadas pós-emancipação.

Figura 4: Emancipações municipais na década de 1960

MARANHÃO – EMANCIPAÇÕES NA DÉCADA DE 1960

Santa Rita* Lei Estadual nº 2.159 19/04/1961	Lago do Junco* Lei Estadual nº 2.151 26/10/1961	Olho D'água das Cunhãs* Lei Estadual nº 6.168 30/11/1961	São Mateus do Maranhão* Lei Estadual nº 2.170 26/12/1961
Mata Roma* Lei Estadual nº 2.182 30/12/1961	Igarapé Grande* Lei Estadual nº 2.184 30/12/1961	Santo Antônio dos Lopes* Lei Estadual nº 6.179 30/12/1961	Poção de Pedras* Lei Estadual nº 2.181 30/12/1961
Nina Rodrigues* Lei Estadual nº 1961 30/12/1961	Lima Campos* Lei Estadual nº 2.180 30/12/1961	Presidente Vargas* Lei Estadual nº 2.376 09/06/1964	Mirinzal** Lei Estadual nº 1961 26/12/1961
Bacuri** Lei Estadual nº 2.154 16/11/1961	Altamira do Maranhão** Lei Estadual nº 2.178 30/12/1961	Lago Verde** Lei Estadual nº 2.157 29/11/1961	Cedral** Lei Estadual nº 2.378 09/06/1964
Bom Jardim** Lei Estadual nº 2.735 30/12/1966	Santa Inês** Lei Estadual nº 2.723 19/12/1966	Paulo Ramos** Lei Estadual nº 2.949 10/12/1968	Presidente Juscelino*** Lei Estadual nº 2.372 09/06/1964
Sucupira do Norte**** Lei Estadual nº 2.153 16/11/1961	Fortaleza dos Nogueiras**** Lei Estadual nº 2.135 22/11/1961	Sítio Novo**** Lei Estadual nº 2.166 15/12/1961	Joselândia**** Lei Estadual nº 2.169 26/12/1961
Aldeias Altas***** Lei Estadual nº 2.173 26/12/1961	Governador Eugênio Barros ***** Lei Estadual nº 2.174 26/12/1961	Anapurus***** Lei Estadual nº 2.378 09/06/1964	João Lisboa***** Lei Estadual nº 2.167 15/12/1961
Luís Domingues# Lei Estadual nº 2.176 26/12/1961	Tasso Frangoso## Lei Estadual nº 2.168 19/12/1961		

Fonte: IMESC (2021)

- * Municípios desmembrados de São Luís
- ** Municípios desmembrados de Alcântara
- *** Municípios desmembrados de Icatu
- **** Municípios desmembrados de Pastos Bons
- ***** Municípios desmembrados de Caxias
- # Município desmembrado de Imperatriz
- ## Município desmembrado de Alto Parnaíba

Promovendo uma interação entre a geografia e a história nessa valorização da historicidade, encontramos fragmentos da construção de lugares promovidos pelas experiências com a modernidade urbana. É necessário que se tenha clareza que o “moderno” é um amontoado de chegadas que vão desde abertura e construção de vias públicas, instalação de luz elétrica, chegada dos correios, posto telefônico, nomeação das ruas e numeração das casas, ritmo de transportes e estruturas de lazer que promovam a coletividade e as construções identitárias com a/na cidade.

Segundo Roque (2021), entre os anos de 1960 e 1980, as diversas transformações provocadas pela chegada das características do urbano seguem, essencialmente, um modelo exportado das cidades europeias e em solo nacional, o exemplo de São Paulo como referência inicial para um modelo de urbano brasileiro. Um embate de estruturas que foram mudando as características da vida cotidiana aos poucos nessa pequena cidade, representadas, principalmente, pela continuidade e hibridismo de uma vida com traços rurais e adesão de tecnologias da urbanização.

Nas últimas décadas, poucos foram os estudos dedicados às transformações e aos movimentos vividos nas pequenas cidades no Brasil, houve focos mais concentrados a mudanças urbanas nas grandes cidades, metrópoles e, mais recentemente, para as cidades médias, nesse último caso, nas últimas duas décadas houve o desenvolvimento de um novo olhar sobre os centros urbanos intermediários que tiveram grande contribuição de Sposito (2005, 2006, 2007, 2010) e as recentes pesquisas desenvolvidas em parceria com FASPESP, Amorim Filho (2001, 2007), Corrêa (2007), dentre outros que destacam os movimentos mais latentes da geografia na atualidade. As mudanças em um ritmo mais lento e dinamizada por agentes com menos impactos são, por vezes, ignoradas pelas pesquisas, já que segundo Wanderley (2001, p. 1)

Quando se fala em processo de urbanização e desenvolvimento urbano, a imagem que vem à mente da maioria das pessoas é, provavelmente, a das cidades metropolitanas. Vistas como pólos do progresso e da civilização, estes grandes centros concentram as atividades econômicas dinâmicas e as oportunidades de acesso a bens e serviços de toda ordem, que atraem a população dos pequenos centros e das áreas rurais.

A cidade de Aldeias Altas como uma pequena cidade aparece em um aglomerado de municípios nordestinos que nascem sem uma estruturação básica e sem planos que as impulsionam para o crescimento urbano acelerado, nesse caso em específico, apenas como uma ponte para o crescimento de patrimônio individual e aumento da produtividade dos negócios individuais do seu progenitor até meados dos anos 1980.

A urbanização foi pautada pelo Estado e suas ações e, principalmente, pelas benfeitorias e melhorias estruturais propostas por Alderico Machado e boa parte daqueles que assumiram o poder na cidade nas três primeiras décadas de uma cidade emancipada. As modernizações, a partir de 1980, sofrem uma alternância entre a chegada do Grupo Costa Pinto (focado em trabalhos envolvendo a cana-de-açúcar) e as necessidades requeridas por essa grande empresa, e os movimentos do governo municipal para se adequar a elas e as outras características necessárias para adequação ao ritmo do moderno que chegavam a todo momento, como por exemplo: energia elétrica, água encanada, saneamento básico, melhoria nas estradas, dentre outras.

Ser moderno é viver uma vida de paradoxo e contradição. É sentir-se fortalecido pelas imensas organizações burocráticas que detêm o poder de controlar e frequentemente destruir comunidades, valores, vidas; e ainda sentir-se compelido a enfrentar essas forças, a lutar para mudar o seu mundo transformando-o em nosso mundo. É ser ao mesmo tempo revolucionário e conservador: aberto a novas possibilidades de experiência e aventura, aterrorizado pelo abismo niilista ao qual tantas das aventuras modernas conduzem, na expectativa de criar e conservar algo real, ainda quando tudo em volta se desfaz (BERMAN, 1986, p. 12-13).

É importante pensar nessa sobreposição de significados provocada pela chegada da modernização desordenada, uma vez que é característico nas várias escalas das modernizações das cidades brasileiras. O processo de adequação da realidade urbana do país para o “novo” e um distanciamento das características coloniais acontecem desde a república, tendo o Rio de Janeiro como condutor desse processo que iniciaram as aberturas de estradas, a implantação de iluminação pública e a criação de um sistema de saneamento básico que possibilitasse a diminuição de doenças (NUNES, 2014).

As versões iniciais de uma ideia de modernização das cidades brasileiras estavam elencadas na visão do moderno de uma elite do país, com premissas que remetiam a uma ideia de construir um país civilizado, possibilitando o progresso como uma imagem importada, com padrões e estética pré-estabelecidas de como deveriam ser as cidades.

Construídas sobre uma base de pesquisa documental e campo, entre a história e o contato direto com a realidade vivida, encontramos algumas fabricações que marcam o nascimento da cidade, não apenas como um perímetro urbano, como também as raízes de um processo de ligação com uma nova realidade que se apresenta pelos moradores. O estranhamento inicial ao processo de modernização que mudou ritmos e rotinas foi percebido de maneira singular por uma geração inicial de moradores pós-emancipação, reflexões e sentimentos que permeiam a construção do lugar na cidade de Aldeias Altas.

2.3 Construção do lugar e a perspectiva da experiência

Como resultado dessa abordagem histórica, são evidenciados pontos que nos remetem às construções identitárias da cidade, as formas iniciais, o impacto dessas no modo de vida e as mudanças no ritmo cotidiano na primeira década pós-emancipação política. O que nos leva a compreender a construção dos lugares de uma população que intensifica a afetividade, os sentidos vão sendo atribuídos, enquanto diferentes esferas da vida aldeias-altense dão personalidade, criam raízes, apropriam, experienciam e fabricam lugares.

Há nos relatos dos moradores a referência constante a algumas formas que marcaram o início dessa “construção”. Enquanto, segundo Roque (2021), o poder público buscava se adequar a realidade urbana da época e possibilitar usos de serviços básicos, como comunicação e transporte. Em 1964, foi construída a Agência Postal Telegráfica (figura 5 A), um marco na história da cidade, considerando o nível de analfabetismo na década de 1960, poucos moradores conseguiam usar de forma efetiva.

Figura 5: Mosaico com fotos da chegada de características modernizadoras, apontadas pelos moradores que vivenciaram os primeiros anos da cidade. A – Construção da primeira agência postal dos correios. B – Primeira agência postal da cidade. C – Avenida João Rosa em 1980. D- Antigo mercado central.



Fonte: ROQUE (2021)

Ao mesmo tempo que as modernizações fogem às características de uma população com acesso reduzido à educação, também é um mecanismo por parte do poder público para adequação ao urbano, exigindo que os cidadãos se adequem à nova realidade. É esperado que eles se esforcem para apreender as habilidades necessárias para esse “novo mundo”, e se afastem das características rurais de um povoado. Na figura 5 B, também na década de 1960, foi criado o primeiro posto telefônico com o objetivo de facilitar as comunicações, principalmente aquelas necessidades ligadas aos serviços que chegavam na cidade.

A cidade nascia para os moradores, implementando serviços básicos, obras e melhoramento do espaço urbano. Entre os anos de 1979 e 1985, os habitantes ampliaram suas relações com diferentes esferas da cidade, pontos de coletividade surgiam enquanto forma agregadora de sentimento, pela novidade, enraizamento e pela adesão daqueles que chegavam.

Nesse processo de expansão, o vai e vem se torna característico na vida dos moradores, estradas e avenidas começam a ser construídas, carros se sobressaem na paisagem. Em meio aos galpões de Alderico, as andanças eram marcadas pela presença de caminhões. Alderico Machado ampliava os recursos da cidade, ao mesmo tempo em que duplicava suas relações com o comércio. Nesse contexto, a avenida João Rosa foi construída (figura 5 C). Essa que representa uma guinada perceptiva da mudança de vida na cidade, não apenas pela facilitação do movimento e a ampliação da presença de veículos, mas pela sensação de melhoria e proximidade com os familiares que continuavam na zona rural, além de uma concepção de desenvolvimento, já que a partir dali a chegada de serviços foi massificada.

Haviam também problemas, segundo os moradores, principalmente envolvendo atolamentos, especialmente no período de chuva, o que levou a população a iniciar reivindicações ao poder público. A sede por melhorias estava presente também nos desejos dos mandatários políticos da cidade, havia pedidos por verbas que compreendiam pedidos por melhoria de estradas, higiene pública, colocar placas nas ruas e numeração nas casas (ROQUE, 2021).

Com melhorias pontuais na infraestrutura, preocupações sobre a qualidade de vida crescem, consideravelmente, com significações cada vez mais vívidas em um ambiente de formação urbana, a identidade com a cidade de uma população tradicional sobressai o campo da imaginação.

Com o cotidiano em processo de concentração, os lugares sobressaem como lugares com fortes representações, angariam sentimentos e aparecem com frequência em memórias marcantes, entre esses lugares, os relatos sobre a convivência no mercado central (figura 5 D), a piscina pública (figura 6) construída para ser a principal área de lazer e até mesmo, segundo Roque (2021), uma tv colocada na praça, local de reunião para grupos de moradores que não dispunham de televisão, já que era incomum a presença de televisores em casas de pequenas cidades, nos anos iniciais de Aldeias Altas não era diferente, apenas aquelas famílias com maiores ligações com os poderes públicos e os familiares dos antigos mandatários.

Figura 6 – Piscina pública em 1976



Fonte: SILVA (Arquivo Pessoal)

À luz da literatura e compreendendo o lugar por uma lente de construção e sentido atribuído por meio das experiências (TUAN, 1983, RELPH, 1980), Aldeias Altas constrói sua base de valores sobre uma tradicionalidade e costumes de uma vida rural, modificado de maneira mais lenta por impactos da urbanização e modernização. Essa volta ao passado surge como uma necessidade de profundidade da fabricação do município enquanto lugar.

Em uma sobreposição de significados que perpassam o tempo, as diferentes gerações concebem a cidade enquanto um lugar, por vivê-la por completo e se sentirem seguros em meio a esse emaranhado de significações, valores, experiências individuais e coletivas, ainda que em meio a mudanças e diferentes maneiras de experienciar a cidade em

razão dessa aproximação com aspectos do urbano e um afastamento que ocorre aos poucos de características da natureza (TUAN, 2013).

Hoje, para a maioria dos humanos, se somos seres-no-mundo somos na cidade. Cada um em seu mundo. Cada mundo em cada um de nós. Muitos em nosso mundo, muitos mundos em nós. Na cidade por mais que tentemos seguir objetivamente o caminho em linha reta, somos desviados pelos artefatos, nos tornamos caminhantes ao sabor dos corpos e objetos que insistem em resistir à nossa trajetória e nos empurram como ao sabor do vento ou das águas (HOLZER, 2017, p.30)

O que nos leva a considerar a cidade de Aldeias Altas como um fenômeno que ao mesmo tempo se adequa à nova realidade, com um modo de vida atrelado às tecnologias, há ainda aqueles moradores que por ligação e identidade expressão em suas ações cotidianas e nos lugares, como no lar e em seus quintais, uma forte ligação com a natureza que nos remete a uma estrutura tradicional: o plantio de hortaliças, frutas e legumes, a criação de animais, a manutenção de uma pequena roça, mesmo em um contexto municipal.

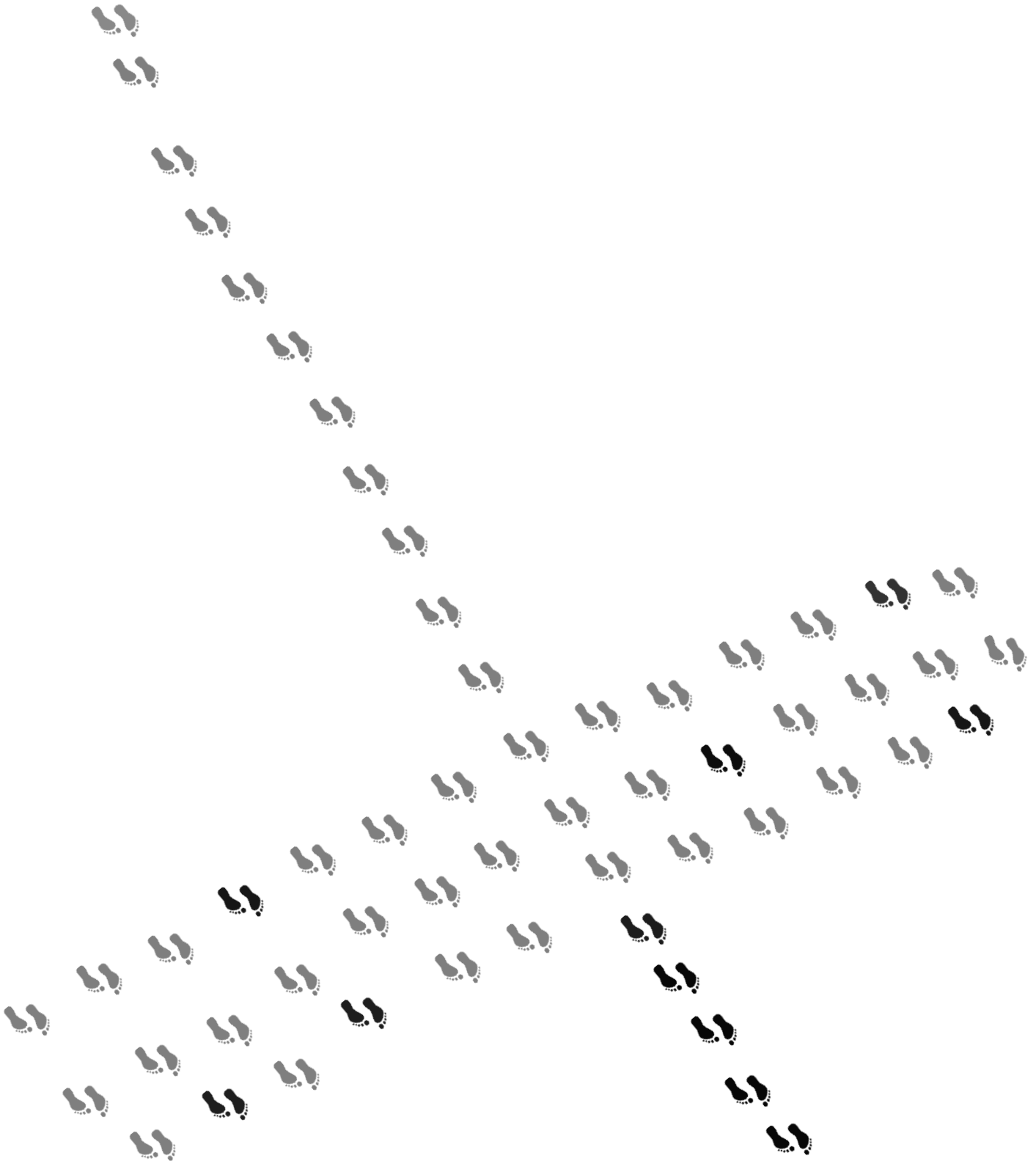
A vida urbana na pequena cidade é, assim, um lugar construído sobre bases híbridas, não muito diferentes de várias de suas cidades vizinhas, o que lhe torna única são as experiências de seus moradores com os aspectos que continuavam e com a chegada de novas características:

“sentimos que aqui era nosso, nossa cidade, agora tinha uma casa e um quintalzinho para de chamar de meu, nem queria mais trabaia com roça sabe? Mas não conseguia deixar de plantar uns negócios, ter o porco, as galinhas. Tinha tudo novo, até o dinheiro que era em forma de vale, só funcionando aqui dentro lá no comecinho, essa Aldeias veia já viu coisa, mas é meu lugarzinho, conheço todo mundo e converso muito, não tem pra quê morar em outro lugar” (Sr. Luiz, 72 anos, aposentado)

Uma “modernidade” atrelada a mudanças nos modos de vida e uma reconfiguração do trabalho, criação de formas com significados pelas experiências, ruas ganhando nomes e casas que antes eram isoladas são numeradas possibilitando ainda mais uma simbologia de identidade por parte daqueles que ali viviam, ao mesmo tempo, as gestões possibilitaram a construção de lugares coletivos, proporcionando lazer e uma continuidade em condições que se adaptam às necessidades de uma cidade em construção.

O processo de fabricação dos lugares e a percepções sobre o lugar como uma cidade são, atualmente, proporcionadas por atos experienciais de diferentes gerações de Aldeias-altenses, em um mundo que se difere de 62 anos atrás, mas com um cotidiano ainda muito atrelado aos costumes e valores culturais de outros tempos. Um pequeno município ainda com dificuldade de separação do que seria rural e urbano, mas uma cidade que se torna passível de interpretação quando as investigações compreendem os habitantes enquanto

construtores desse lugar. Para a interpretação geral dessa caminhada, é necessário voltar para os dias que construíram essa pesquisa.



CAPÍTULO 3

EXPRESSÕES DO VIVIDO: LUGAR

Olho o mapa da cidade
Como quem examinasse
A anatomia de um corpo...
(O Mapa, Mário Quintana)

Comprei uma propriedade
E destinei a trabalhar
Foi assim a minha trilha
Casei construí família
Ainda eu habito lá.

(Autobiografia do poeta Zé Bona, Zé Bona do Jatobá)

Não importa que a tenham demolido:
a gente continua morando
na casa em que nasceu.

Mário Quintana

3.1 A geograficidade da vida Aldeias-altense

A geograficidade é a essência do espaço geográfico (DARDEL, 2011). Nessa construção, são variadas as experiências e os anseios do ser-no-mundo em meio a cumplicidade inseparável do homem com a terra. São trocas, situações, desejos, curiosidades e vontades, outras que formam, antes de qualquer conceito, uma inquietude geográfica (BRANDÃO, 2021; HOLZER, 2013).

Corroborando as premissas desse conceito, em meio às vivências e das relações subjetivas e intersubjetivas, os homens vivem sua cotidianidade a partir da terra e se relacionando com ela. Inseparáveis, o ser e a terra não podem ser compreendidos sem considerar suas ações e características, entre elas a paisagem, as memórias, o imaginário, as identidades e o lugar (MARANDOLA JR; GRATÃO, 2011). Esses seriam os fenômenos responsáveis pela revelação da geograficidade, portanto, nesta pesquisa, caminhamos pelas ruas, observando culturas e valores em uma paisagem que revela o processo de construção em marcas, mãos e memórias de moradores que encontramos pelo caminho.

Nesse desvelar de uma geograficidade, essa parte da pesquisa é essencialmente composta pelos relatos e registros dos trabalhos de campo, dando voz às pessoas com quem conversamos e das sensações e informações que o fenômeno revelou durante a imersão. Além de promover uma discussão entre as narrativas e os conceitos que apresentamos em capítulos anteriores, em um diálogo que ora confirma, mas em vários outros também se nega ao encaixar-se em uma perspectiva, é uma geograficidade, revelada por moradores de uma cidade ainda jovem aos olhares quantitativos, mas viva em uma relação ainda muito íntima com a terra e seu próprio tempo. Em uma das entrevistas foi afirmado que:

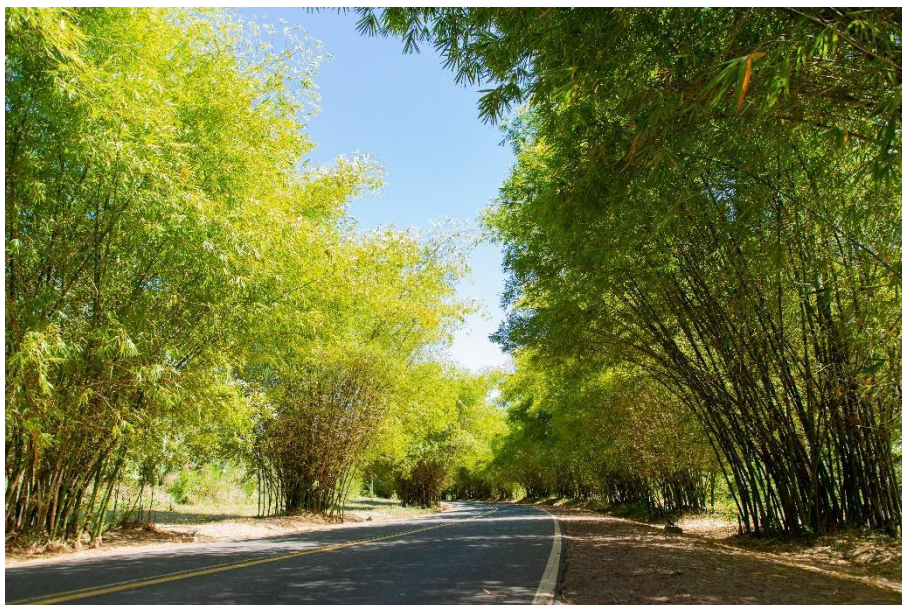
“Sobre a cidade acho que eu não sei nada, só moro aqui [...] só que às vezes é difícil, se precisar de dinheiro nem sempre o banco vai ter, saúde algumas vezes é complicada também, emprego nem se fala, tudo difícil, mas fui criada nessas bandas, vim da roça, hoje tem casa boa, as ruas melhorando, meus parentes tudo perto, minhas galinhas, um quintal, minha novela, tem até comércios melhores, a possibilidade de comprar uma carne, dependendo do homem que tiver no poder, os filhos com emprego, a limpeza para banhar quando vou, tudo pertinho [...] é talvez eu saiba das coisas que eu vi, nem pensava nisso...” (Arlete, 36 anos, autônoma)

“A gente vive”. Essa sequência de falas marcam o início do nosso processo de imersão na cidade de Aldeias Altas. Como apontado no trecho da entrevista acima, os moradores não estão habituados a refletir sobre o lugar, nem tampouco pensar sobre suas atividades diárias. E nos primeiros momentos, nós também não tínhamos refletido sobre essas questões.

Entre os meses de setembro e dezembro de 2021, foram realizadas diferentes incursões, sempre em dias distintos, a fim de conhecer os ritmos da cidade. Usando os diferentes tipos de transportes para adentrar, entre eles o habitual ônibus de pequeno porte para viagem mais baratas e possibilitador de estar como ouvinte de histórias sobre as relações banais do dia a dia dos moradores que se deslocam de Aldeias Altas para ter acessos a serviços na cidade de Caxias (saúde, serviços bancários, compras em geral), e os momentos de retorno que marcavam um misto de sentimentos de alegria pelas novas aquisições e dúvidas sobre a possibilidade de ter esquecido de algo; outras vezes, em carros que fazem esse traslado durante o dia inteiro, principalmente com pessoas de Caxias que vão trabalhar em Aldeias, ou o contrário; outras tantas vezes, fazendo o uso de transporte particular, no caso, motocicleta, potencializador de mais pausas e movimentos de mergulho sobre trechos da cidade que não estavam previstos.

Na figura 7, temos a representação de uma dessas pausas. O primeiro contato, a primeira paisagem, a presença do verde e essa chamada que a própria cidade impulsiona, quando resguarda em sua entrada a sombra em meio ao sol intenso característico da região. E se como geógrafos procuramos estudar os lugares que as pessoas vivem e habitam (SEAMON, 2013), é importante reconhecer esses movimentos dos corpos e das sensações que moram nesse emaranhado verde, dentro do transporte, pessoas começam a se movimentar, reparam nas janelas, consertam a postura, respiram com potência numa demonstração natural de que chegaram em seu lugar.

Figura 7: Árvores popularmente conhecida como “tabocas” na entrada da cidade



Fonte: GOUVEIA, 2022

Em ligação com essas percepções, a descrição do lugar em Aldeias já surge nessa pesquisa, nas conversas despreziosas, nesses trajetos e numa paisagem que se apresenta como um resultado singular da relação ser e terra. Nosso primeiro contato com a cidade marcou um desencontro proposital, já que o intuito era conhecer, possibilitar aproximações, estabelecer alguns contatos e deixar que, por consequência, o fenômeno se revele. Nesse despreendimento de nossas convicções e certezas, buscamos um aprofundamento e proximidade com as pessoas e com os lugares, acompanhados de uma sonoridade que só mudava de endereço, mas o ritmo do forró era quase sempre o mesmo.

A paisagem urbana é retratada em imagens do vivido em diferentes camadas, a zona central com ruas pavimentadas, marcadas por lojas e aglomerações de órgãos públicos e atividades de serviços, além de ser a área que concentra a população com o maior tempo de moradia, uma zona intermediária mista entre partes pavimentadas, porém, majoritariamente, composta por ruas de paralelepípedo e uma zona “verde”, onde as casas são mais distantes, grande quantidade de árvores, rua de terra e até mesmo “roças” feitas pelos moradores como apoio para alimentação diária e, principalmente, segundo esses, a manutenção de identidades.

“Nós estamos aqui há alguns anos, antes a vida toda foi na Taboca, trabalhando na roça mesmo com meu pai, mãe e irmãos, tenho meu emprego no mercado, mas não consigo deixar de fazer isso aqui, a terra permite né? Por isso escolhi essa área, canteiro, roça e não ficar parado, plantar é viver, mesmo dando muito trabalho..., mas o que é que não dá? Meu corpo tá acostumado já! Nasci fazendo” (Emanuel, 40 anos, empresário)

No entanto, essas camadas muitas vezes se misturam, numa sobreposição de ritmos de vida e manutenção de características e até significados em alguns espaços. Em poucos minutos de caminhada, é possível ter contato com essas diferentes imagens da cidade, conversar com quem trabalha no centro e ao mesmo tempo acompanhar os moradores que carregam suas sacolas até suas casas, numa proximidade que em vários momentos tem uma conjuntura familiar, numa conversação que dificilmente haverá contatos com pessoas fora do seu convívio diário, mesmo quando optam por quebrar a rotina e visitar novos espaços.

Nesse período de observação e estreitamento com os moradores, acontece nos meses em que a vacina para Covid-19 já era realidade, ainda que em Aldeias Altas, principalmente em dezembro de 2021, a cidade tenha sido fechada duas vezes em razão de surtos de contágio, tentamos interpretar a percepção dos habitantes em relação ao seu provável retorno à “normalidade”, ao passo que boa parte deles, principalmente adultos, não consideraram que houve uma grande parada em seu cotidiano, “por aqui continuou do mesmo

jeito, tinha que trabalhar, só o auxílio não dava, a gente não parou, não! Aqueles que tu ver (aponta na direção a um grupo de pessoas), estavam direto no forró do interior”.

O lugar se apresenta passível de uma interpretação que, agora, se tornava palpável e se organizava aos sentidos de uma inquietação com premissas fenomenológicas. Essa formação de lugar que independe de agentes concretos, é constituída por uma percepção do viver por aqueles que ali habitam, uma “imersão” na atitude natural, as pessoas, normalmente, não examinam o mundo vivido ou mesmo reconhecem sua existência; isto é ocultado como um fenômeno (SEAMON, 2013, p.06). Como apontado em nossas discussões teóricas, a fenomenologia, segundo Holzer (1998, p.12), [...] é um procedimento útil na descrição do mundo cotidiano da experiência humana, tendo como base ‘a base das coisas mesmas’ ”.

A cidade conta suas próprias histórias, em sua maioria distintas das imagens que criamos anteriormente sobre ela e sobre as pessoas que habitam. Nessas caminhadas iniciais em Aldeias Altas, em diversos momentos, nos atentamos ao fato de muitas vezes não percebermos as banalidades, aspectos que próprio fenômeno se proponha a revelar, como um trânsito calmo, composto, majoritariamente, por motocicletas, além dos destaques em que uma parte dos trabalhadores braçais da cidade passam meses do ano em trabalhos temporários, enquanto aguardam para estar na outra metade do ano no corte de cana, ou o fato de todas as famílias ter um irmão, filho, primo ou tio que se mudou para o centro-oeste em busca de trabalho, e que todos os habitantes com quem conversamos estão, constantemente, em contato com a zona rural do município, o centro da cidade é marcado pela presença e troca entre as ruralidades e as urbanidades.

Figura 8: Avenida João Rosa, área de maior concentração de lojas



Fonte: GOUVEIA, 2021

Detalhes que afirmam muito sobre o lugar e a forma em que se apresentam para uma interpretação de seus significados, signos, simbologias, valores e estrutura cultural, nascente de diversas subjetividades, demonstradas em suas ações de organização de casas, ruas, bairros e a continuidade em aproximação da natureza, além dos encontros de intersubjetividade que marcam não só as suas passagens históricas, como a televisão na praça para acompanhar a novela nos anos de 1980 (ROQUE, 2021), ou a comum gincana entre diferentes grupos de moradores (Gincana Municipal do Povo) que incentivam a criatividade em fazer paródias de músicas, temática em alta na atualidade, referências a cultura pop ou acontecimentos marcantes na própria cidade.

“A gincana é um marco para gente, acontece de maneira mais organizada desde 2017, atrai boa parte da juventude e mexe com toda cidade, quem não participa diretamente com certeza vai estar na porta quando o desfile passar ou vai contribuir com alimentos que os meninos arrecadam todo ano, é nossa festa, acontece aqui e temos orgulho das nossas brincadeiras, uma geração se forma em volta dela, uma pena ter tido uma pausa depois desse ano (2021), mas logo volta, é nossa gente, na nossa casa, veja as fotos (mostra as fotos no facebook da gincana) e tenha noção que de nossa casa fazemos coisas grandes também, com as pessoas daqui, construímos os lugares na nossas coisas” (Ricardo, 24 nos, estudante)

Figura 9: Carro temático feito em um dos tradicionais desfiles da Gincana municipal do Povo



Fonte: GIMP - Facebook, 2019

Nesse sentido, interpretando o lugar como [...] “aquilo a partir de onde e através do que algo é, o que ele é e como ele é” (HEIDEGGER, 2010, p.35). Uma cotidianidade singular, uma construção existencial que envolve até mesmo provas com potes na cabeça, corridas de jabutis e futebol com vassouras em uma poética própria da cultura da cidade

Figura 10: Mosaico com fotografias da Gincana Municipal do Povo em Aldeias Altas, destacando provas em diferentes edições.



As imagens, apresentadas na figura 10, conversam com uma parte muito sensível dos habitantes, várias das falas que nos trouxeram desvelar esse lugar de coletividade são relatos que dão vida a banalidade em suas diversas dimensões, entre os pequenos afazeres, todos os detalhes construídos pelas mãos dos próprios moradores, a participação de diferentes gerações, a inclusão da grande maioria das pessoas e possibilitação de criar uma simbologia própria, com seus significados, valores e identidade em provas que adentram as madrugadas.

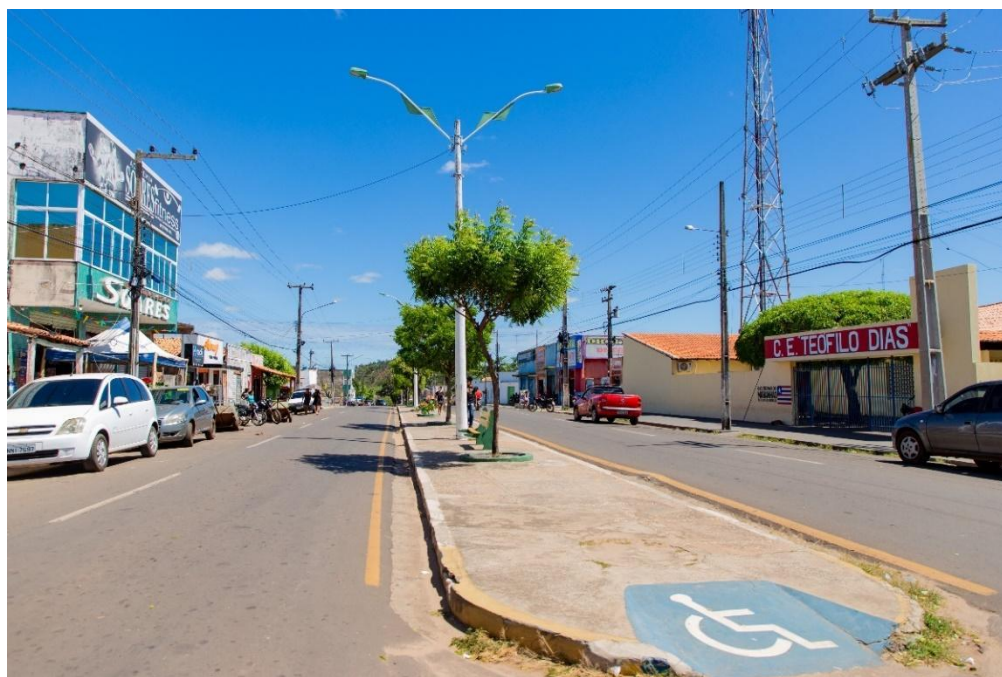
Durante nossas conversas intercaladas, em que descobrimos o melhor dia para comprar verduras (sábado), as duas únicas pousadas, a grande quantidade de casas para alugar, a calma do mercado central, a existência de uma casa cultural que nunca está aberta, a urgência de jovens por pontos de encontros diversos e atividades culturais, o sorriso estampado no rosto dos trabalhadores com a aproximação do final de semana e as expectativas com alguma festa de forró na zona rural, os diálogos centrais sobre plantações e roça que são ouvidos por todos os cantos da cidade, o apego identitário dos moradores com as vaquejadas e as festas que, em geral, acompanham o entorno do evento.

Nesse sentido, se revela a autenticidade do lugar, o entendendo como existencialmente vivido, resultando de uma gama de conexões de pessoas com pessoas e delas com a terra em um emaranhado de vivências que antecedem uma formação organizada de ideias ou reflexões posteriores. Mesmo em uma conjuntura geral de mundo que busca uma manipulação e padronização, os fenômenos de lugar sobressaem em meio as experiências possibilitadas e potencializadas por uma relação com a terra que só existe nesse recorte, que é vivo e pulsante em suas diferenças, apresentando distintos modos de ser e uma maneira única de leitura de mundo e resposta a ele (RELPH, 2010; MARANDOLA JR, 2016).

Segmentando esses argumentos, conversamos com moradores do centro e áreas periféricas, com diferentes profissões, entre elas: pedreiros, autônomos, professoras, donas de casa, aposentados, estudantes, empresários, servidores públicos e até com o prefeito. Em um limiar que buscava um aprofundamento no mundo vivido e que o próprio lugar apontava os habitantes que representam suas essências nesse recorte. O resultado aparece em cada trecho exposto neste trabalho, ao mesmo tempo em que estávamos concentrados nas vivências, experiências individuais e percepções em um mapeamento vivido em momentos de intersubjetividades em que o lugar se sobressaísse, exaltando sua geograficidade, espacialidades e mundos interiores.

Nesse entrelaço entre as escolhas metodológicas e a geofricidade dos moradores, o lugar brota em detalhes que, agora, sobressaem aos olhares atentos e desnudados, as danças dos corpos no lugar em movimentos lentos, segundo suas próprias temporalidades, mesmo quando uma lógica mundial tenta acelerar, os habitantes conversam nas portas de casa, em ruas que apenas eles frequentam, tendo suas geofricidades como sinônimo de ação humana (SILVA, 2017). Um modo próprio de existir, numa linguagem muito singular como as imagens diárias das senhoras que movimentam suas vassouras logo cedo, como se preparasse a casa para mais um dia, com seus cachorros que impedem aproximação de qualquer um que não seja do convívio, além dos fortes aromas de café e os diálogos mais exaltados com as crianças que se preparam para mais um dia de escola.

Figura 11: Centro de Ensino Teófilo Dias, a principal escola de ensino médio do município



Fonte: GOUVEIA, 2022

Ao interpretar o corriqueiro, se revelam as experiências. Nas nossas entrevistas com diferentes gerações, essa escola (figura 11) surge como grande âmbito de muitas delas para os habitantes que frequentaram ou até mesmo para os pais que não tiveram acesso ao ensino escolar quando jovens e agora aderem aos programas, e expressam em seus relatos a felicidade de proporcionar essa abertura para o mundo que, para eles, é ainda muito fechado. Uma ação que promove aos poucos a resignificação de uma comunidade que ainda se entende enquanto distante dos elementos gerais, algumas vivências e experiências passam a ser possibilitadas, como também a possibilidade de desenvolver competências e potencializar

habilidades, e a maior amostra disso é o lançamento de um livro “*Poemas do Zé Bona do Jatobá um mestre do cordel aldeias-altense*” (figura 12), de autoria de José de Sousa Lima, “O Zé Bona”, de 83 anos, que por muitos anos alimentou o sonho de publicar seus textos em forma de livro e a adesão de uma estrutura por parte da cidade possibilitaram a sua publicação em 2021.

Figura 12: Capas e Sumário do livro de Zé Bona



Fonte: SEMECTI, 2021 (organização própria)

É notório o fato de que boa parte dos poemas de Zé Bona estão preenchidos por temáticas que competem a geografia, principalmente destacando fenômenos e descrevendo outras realidades, em referências que partem de sua presença física e ligação emocional com seu mundo vivido. Destacando, essencialmente, experiências que teve com o entorno, ambientes naturais ou construídos, numa referência a materialidade desses espaços e as relações individuais ou coletivas possibilitadas por elas, fatores que também se apresentam nos nossos dias enquanto moradores da cidade. O lugar se manifesta pelas ações e compreensão das significações dadas pelos moradores.

[...]

Na hora em que Saturno
E Marte passou por cima
Por causa disso o poeta
Nasceu dotado da rima.

[...]

Na arte de ser professor
Nunca que fui capaz

Não trabalhei com aluno
Só que conheço demais
É Z Zé e B Bona
Sou poeta e nada mais.
[...]
Um poeta de primeira
Cheio de inspiração
Conheço trechos geográficos
E da terra rotação
Água que banham o Brasil
Por mais que tenha extensão
Eu conheço as dimensões
Do astro ao globo solar
Constelações planetárias
Meteorito do ar
Cordilheiras Neotlânticas
Das profundezas do mar.
[...]
Foi então neste lugar
Que eu fiz minha residência
A mais de 40 anos
Terra que o poeta ama
Aonde a lua derrama seus
Raios de refulgência

(Autobiografia do poeta Zé Bona, Zé Bona do Jatobá)

Esse contraste de uma geograficidade que uma hora se inicia como subjetiva, outrora se apresenta nos diferentes momentos de intersubjetividade, como as cavalgadas, o festejo de São João Batista, as feiras familiares, as reuniões na frente de casa aos finais de semana e os grupos que se reúnem aos redores dos paredões de som para adentrarem as madrugadas. Destacam, essencialmente, uma relação homem-terra, poética como os trechos de Zé Bona, preenchidas por afetividade resguardada na existência humana e suas ações, uma geografia que antecede qualquer fala e as construções futuras, um retrato do hoje e do ontem marcados nas vivências dos moradores em uma dimensão ontológica.

Resistindo ao espírito do pensador que, em nome de uma razão muito rígida e muito imperiosa, entorpece nossa liberdade espiritual, salvaguardamos, com a poesia ou simplesmente com um pensamento livre, a fonte em que se revigora sem cessar

nosso conhecimento do mundo exterior. A vida se encarrega, apesar de todas nossas barreiras intelectuais e de todas as precauções de um positivismo de visão estreita, de restituir aos espaços terrestres seu frescor e sua glória, por pouco que aceitemos recebe-los como dom (DARDEL, 2011, p. 97).

Sem restrições, a cidade enquanto vivida, nessa interpretação, é pensada livre, assim como as entrevistas sem estruturas, guiadas por questões teóricas, mas só encontrada na existência. Singular enquanto ainda resguarda outras temporalidades, intensa em criação de vínculo com vizinhança e com constante manutenção de comunidade, expressa em atos rotineiros, uma distância de outras realidades (pensando em metrópoles, grandes cidades). A vida, ainda em dias de trabalho, está longe de se resumir a função de ir e vir, envolvem paradas para conversar até mesmo na rua, o futebol do fim de tarde, além de uma certa calma em pensar que mesmo longe podem deixar os filhos brincarem no bairro, que sempre haverá um vizinho para olhar, numa relação sem contrato, sem regra e sem conceito, mas subentendida nos significados diários e em ações que sequer passaram por uma reflexão. São aprendizados no corpo, refletidos em ações que expressam valores e cultura própria de uma cidade que é lugar, antes mesmo de ser cidade, nascida de uma profusão de geograficidades. É assim portanto, que as portas das casas se abrem para desvelar o lugar.

Figura 13: As portas que se abrem



Fonte: GOUVEIA, 2022

Portanto, são portas que nos foram abertas para vidas que se constroem em relações com a terra, em características que ainda remetem a práticas tradicionais, principalmente em valores de uma comunidade concebida em meio a quebradeiras de coco e

agricultores de subsistência, em uma proximidade com a terra que significa “vida” para suas gerações mais experientes, os relatos das dificuldades de outras épocas e como isso implica na maneira de visualizar os problemas urbanos vivenciados pelos habitantes.

“Vejo isso aqui como um pequeno sonho realizado, já se foi os problemas, a gente cresce em meio a tanta coisa, agonia, sol, que a vida aqui agora, parece muito boa. Vocês devem ver o tanto de problema ai na internet e televisão, aqui é um roubo aqui, outro aculá, toda vez que penso em reclamar, vejo que já quis tanto isso, uma casa maiorzinha, filhos criados e ainda poder andar por ai, sabe se lá se eu seria assim em outros lugar, não é?...” (Sr. Luiz, 72 anos, aposentado)

É história comum entre os moradores a de imaginar vivendo em outra cidade, já que são os inúmeros os casos de pessoas que saem em buscas de mais oportunidade, assim como existem também aquelas que vivenciaram por alguns anos outras realidades e por motivos diversos tiveram que voltar, tudo isso são experiências e desejos que compõem a lugaridade.

“Nasci aqui e vivi quase toda minha vida aqui também, mas fui viver em Brasília por alguns anos e agora acho aqui muito parado, mesmo que eu seja acostumada a tudo que tem aqui dentro, eu vi o movimento lá, agora volto em outra velocidade e minha vida aqui tem um pouquinho de sempre pensar em como seria se tivesse mais gente” (Maria Lurdes, 39 anos, autônoma).

“Cara...Acho que a resposta que todo mundo espera de mim, é que eu vá dizer que quero sair daqui, seja para trabalhar ou fazer faculdade e na verdade não é minha vontade, sei que seria importante e muita gente sonha, mas talvez pelo menos alguns precisem dizer que gostam de casa como eu, quero construir minhas coisas aqui e se possível ajudar que a cidade tenha um pouquinho de arte, música, dança, cultura, fazer as coisas daqui, da minha terra, nas palmeiras” (Gabriel, 18 anos, estudante).

As maneiras de vivenciar a cidade são distintas, ainda para pessoas de uma mesma casa, como é o caso dos irmãos dos relatos anteriores. O que retrata a maneira subjetiva de como perceber as ausências e a ordenação das coisas no emaranhado de significados coletivos e próprios, além de como as experiências de cada indivíduo permitem que mesmo através de uma base de valores e simbólica muito similar, as percepções são constituídas por inúmeras situações e trajetos de um corpo que experiencia o mundo conforme um conjunto de comportamentos e deslocamentos, numa rotina expressa na dança-do-lugar (SEAMON, 2013).

Os relatos da maioria dos habitantes apresentam lugares de vivências da infância e juventude, em experiências familiares e comunitárias, apontando as particularidades e as modificações sofridas no decorrer dos anos, assim como aqueles que perderam sentido ou adquiriram novos significados com o tempo e as percepções sobre esses. Nosso trajeto até

chegar a esse ponto da interpretação, passou por pequenos riachos, rios, até desaguar no mar, que são as percepções dos habitantes da cidade.

Nesse sentido, em correlação com as interações enquanto observadores, é relevante esclarecer as dimensões de lugar que acessamos nesse caminhar, assim como as percepções que os entrevistados têm dele. Com respaldo em Marandola Jr (2012, p.234), quando afirma que o lugar “está associado a um âmbito mais visceral de relação simbólica entre as pessoas, a cultura e os grupos sociais”, uma afirmação em um contexto em que se discute as ideias de Giddens, porém que se encaixam em uma proposta descritiva da relação também visceral dos habitantes de Aldeias Altas.

3.2 O que um dia foi sonho, hoje é lugar: percepções

Nas ruas de Aldeias Altas, há diversos lugares íntimos relacionados diretamente à importância que seus moradores dão a eles. Portanto, acessando camadas dessas intimidades, esta seção reúne as dimensões de lugar acessadas por esta pesquisa por meio de um diálogo literal com o lugar, transcrito através das falas, momentos e vivências cotidianas observadas durante nosso tempo de imersão no campo.

Em nossa experiência, enquanto “moradores”, outros contornos do lugar surgem com mais notoriedade. Em lugar de entrevista, ficam as conversas naturais e rotineiras, em perspectivas só acessadas de dentro, como os problemas envolvendo agências bancárias e grande dificuldade da população de realizar saques bancários, já que são raros os momentos em que há dinheiro suficiente (o banco mantém circulação baixa por Aldeias Altas já ter sido palco de assaltos a banco com frequência).

Os serviços de correios também era uma preocupação dos moradores, em tempos de compras em massa pela internet, os habitantes mais jovens apontavam a dificuldade de ter que enviar seus produtos para suas casas em Caxias, necessitando de mais uma etapa em que era necessário pagar ou pedir para que alguém trouxesse até Aldeias, um problema já resolvido pela prefeitura do município em 2023, mas naquele momento, em 2022 e por alguns anos, gerou inquietações em relação às características da cidade e dos acessos impossibilitados.

Há, também, dificuldade de manutenção de renda das cozinheiras do mercado central, que viram sua clientela cair, consideravelmente, após a chegada do restaurante popular, no qual a refeição estava por apenas 1 real, mesmo assim optam pela continuidade, resguardadas em um sentimento difícil de descrever, porque relaciona uma convicção que

mesmo com preços muito acima da concorrência, há uma clientela acostumada com a experiência e tudo que envolve as refeições no mercado, os diálogos, a relação de amizade e até mesmo a possibilidade de poder deixar apenas o nome no “caderninho” para um pagamento posterior, essas são as características que resguardam nas falas dessas trabalhadoras, denotando uma certa calma com a situação.

O convívio direto com as pessoas permite esse acesso as faces do lugar que não aparecem nas entrevistas, muito menos nas pesquisas e documentos sobre a cidade. São preocupações do vivido, vivenciadas enquanto presença física em um lugar, envolvendo uma participação emocional com ele, desvelando uma identidade compreendida enquanto “internidade existencial” em que Relph (1980) afirma ser aquela em que o lugar é vivido, dinâmico e carregado de significados.

A cidade de Aldeias Altas existe como experiência, ou ideação dela, nas suas mais diversas dimensões, afirmação que se apoia nos contornos históricos e no processo de construção de lugar contido nas falas e na relação diferente, porém, interligada das pessoas com a cidade.

Há uma cidade diferente para cada pessoa em que nela vive. Porque a cidade é um conjunto de memórias e de experiências, uma reunião de lugares de significado em constante processo de re-construção – que o são para sujeitos ou pequenos grupos, cujos membros, por sua vez, podem significá-lo segundo uma perspectiva estritamente pessoal além daquela coletiva compartilhada com o grupo. Ou, ainda, pode ser que a perspectiva tida como coletiva, se investigada, verificar-se-á que é um mosaico composto de olhares distintos com alguns pontos de interseção ou alguma convergência de valores (BRANDÃO, 2016, p.156)

É na “manifestação do seu ser com os outros” (DARDEL, 2011, p.32) que o lugar acontece, em seu sentido mais fenomênico, subjetivo e compartilhado, resultado de uma gama de experiências e vivências com o ambiente em que essa vida te insere. Esse “mosaico de olhares distintos”, apontado por Brandão (2016), pode em alguns casos ser demarcado por gerações de habitantes com valores e vivências diferentes, um exemplo encontrado em campo é que uma parte considerável dos idosos apresentam uma carga sentimental bem mais demarcada, assim como uma maior presença de referências dos elementos naturais e o uso deles no dia a dia.

“Daqui desse sofá, é até bom de pensar, minha vida teve muitos acontecidos, vim do interior, acostumado a trabalhar na roça e vim ajudar nos plantios que tinham por aqui, é aquela coisa, fui construído a vida aos poucos, no começo era casa de taipa, igual aquela pequenininha do quintal, o barro era daquele moro do outro lado da rua, as palhas eu saia cortando por ai, os talos do mesmo jeito, só comprava os pregos, o resto a terra dava, assim morei por anos e criei filhos e agora já estou velho...Aldeias

tá grande, mas nosso lugar de viver para mim continua o mesmo” (Antônio Carlos, 81 anos, aposentado)

“Eu gosto muito daqui, é normal para mim essa vida, não vi uma diferente, por isso eu gosto, já acostumada com as coisas, tudo se repete, na manhã é café na mesa, limpar o terreiro, uma olhadinha lá no canteiro, o que não tiver ali, a gente vai no seu Domingo, compra e volta para fazer. Sempre papeando um pouquinho com os amigos e amigas né, vendo como está os netos, correndo por ai, depois molhar minhas plantinhas, correr para almoçar e ficar descansando até a novela e ficar ali [...] Essa cidade ainda deixa a gente andar, então a gente bota a cara no sol quando precisa resolver outras coisas, até essa velha cansada (risos) é só meia hora até o centro e voltar, a gente ainda faz tudo, como tu ver, nada de parar porque mesmo com o dinheiro do aposento, tem coisa para capinar, inventa o que plantar, limpa casa e assim a gente aproveita os dias, já conheço tudo aqui e o que fazer é continuar vivendo” (Dona Lúcia, 58 anos, aposentada)

As percepções de lugar para idosos, como as transcritas acima, alcançam escalas de uma intimidade que envolve tempo e uma gratidão a terra e aos aspectos naturais, quase alcançando uma escala mística que os permitiram crescer, se desenvolver, criar seus filhos, proteger e alimentar sua família, construir suas casas e manter seus movimentos, mesmo depois de uma idade mais avançada. Exatamente nessa fase, direcionam seus momentos ociosos para atos de manutenção dessa relação, construindo hortas no quintal, criando animais, plantando árvores frutíferas ou plantas simbólicas com significados, sejam contra mal olhado, manutenção da saúde para família ou proteção divina, dentre outras.

“Vivo essa cidade desde quando era um monte de mato, fui o primeiro topografo daqui, vim para trabalhar bem no comecinho, amigo do velho Alderico, fui construído minha casa, enquanto ajudava a cidade a se construir e se organizar também, todo mundo aqui e das redondezas me conhece, só falar do seu “Chico do Incra”. Desde quando cheguei, tenho minha casinha que vivi por muitos anos com a minha mulher, meus filhos estudaram e tem uns aqui e outros pelo mundo, já com netas. Vi muita coisa mudar meu filho, tem nem ideia, não tinha quase nada antes, era tudo mais trabalhoso e uma poeira danada nessas ruas. Vi cada uma ganhar nome, gente chegando, antes era tudo concentrado aqui no centro, agora tá grande, mas também mais difícil, os comércios e até lojas de móvel ajudam, além dos açougues porque antes era tudo na porta, tiveram até que proibir... o difícil que eu falo é que tem mais crime, mataram o locutor bem ali na porta e um movimento danado, mas mesmo assim, todo dia eu vou tá aqui sentado na porta, esperando o dia de se juntar com minha mulher e cuidando das netas e daquilo que nós construímos” (Chico do Incra, 89 anos, aposentado)

Figura 14: “Seu Chico do INCRA”, morador da cidade de Aldeias Altas



Fonte: GOUVEIA, 2022

As experiências e vivências em profusão destacadas pelos idosos apresentam uma forte ligação com o sentido de construção do lugar, como também enriquecem as possibilidades de acesso aos lugares de memória. Ao mesmo tempo em que esses moradores também são tidos como simbólicos, as gerações mais novas compreendem essas figuras como representativas, por memórias repassadas sobre suas ações e feitos. Em nossa conversa com seu Chico (figura 13), todas as pessoas que transitavam naquela rua faziam gestos ou o cumprimentavam, os mais jovens pediam “bença” mesmo não havendo parentesco. Há em Aldeias uma familiaridade com essas figuras centrais do lugar, existe uma sensação de ligação familiar que não é objeto de reflexão por parte dos habitantes, no entanto, aparece no vivido enquanto um valor cultural de uma experiência familiar com pessoas da comunidade, pilares das relações intersubjetivas e de uma segurança para moradores que permanecem na mesma rua e, muitas vezes, na mesma casa durante toda a vida.

As vivências em conjunto com as percepções trazidas pelos mais velhos desvelam os movimentos silenciosos de uma rotina construída em paralelo com a (re)construção da cidade. O lugar é formado por um mosaico dessas gerações que conversam entre si, transitando entre o ontem, hoje e os desejos do amanhã, enquanto os mais velhos têm em seus corpos movimentos com a terra que expressam sabedoria e cuidado, já os mais novos prezam por novidade, velocidade, adesão de características globais, além de anseios por mais oportunidade de lazer.

Seguindo esses meandros durante o campo, os dias passavam rápido, acompanhado de percepções de lugar que ganhavam nomes e estrutura, através de conversas com as figuras que a cidade nos apontava enquanto representantes do lugar, transcorriam diálogos sobre a vida, almoço em diferentes casas, o café sempre a disposição e a escolha de horários bem delimitados para nunca atrapalhar a hora das novelas.

No entremeio, nossos questionamentos sobre o lugar se encaixavam em conversas que muitas vezes duravam horas, enquanto acompanhava movimentos do cotidiano, como os moradores com bananas na mão, descendo em direção ao restaurante popular quando optavam por não fazer a refeição em casa. Os hábitos de cuidado com a aparência das casas e a integração de elementos urbanos e rurais que fazem parte da paisagem das ruas, enquanto as narrativas carregam histórias de vida, as diferentes atividades que preenchem e preencheram essas pessoas “é parte mesmo daquele habitar construído a partir da peculiar geografia do lugar” (BRANDÃO, 2021, p.96).

O lugar é um espaço importante para nós. É um espaço que nos dá um senso de segurança, de conforto e de pertencimento. É um espaço que nos faz sentir em casa (TUAN, 2013). Esse sentir-se em casa, na cidade ganha escalas que para outras realidades seriam motivos de estranheza, já que a cidade é bairro, os bairros são considerados ruas, as ruas ganham vivências de casa, os espaços são vividos e aproximados, em que os ambientes são sentidos desde o toque na terra, as andanças e o tráfego em duas rodas, os sons de pássaros, latidos, forró e, o sempre corriqueiro, elevado tom de voz convivem juntos, acompanhados pelo “cheiro de mato”, diferentes temperos sendo refogados e perfumes generalizados que tomam conta de uma realidade que ainda se distancia das grandes poluições.

Figura 15: retratos cotidianos em Aldeias Altas



Fonte: GOUVEIA, 2022

Compreendendo que as percepções sobre os espaços vividos são concebidas através dos sentidos e das interações e que “no universo fenomenológico as pessoas formam uma realidade complexa com diferentes manifestações, como o corpo, o conhecimento, a vontade, a linguagem, a sociabilidade, a cultura, o trabalho, o jogo e a religião”

(MALANSKI, 2014, p.33), descrevemos as respostas dos habitantes aos estímulos sobre o lugar, contidas em suas percepções que envolvem essas diferentes manifestações, enquanto ser-na-terra.

“Viver aqui para mim sempre foi muito tranquilo, porque a gente vive na realidade que é possível, para quem gosta de estar mais perto de casa, é o melhor lugar. Mesmo aqueles que mais precisam, conseguem viver “tranquilos” pelo apoio que as pessoas daqui oferecem, sempre tem um pouquinho de farinha, arroz, feijão, o que tiver estão usando para ajudar, assim como existe e a facilidade de produzir os próprios alimentos, tem muita terra [...] minha vida, como ainda sou uma estudante, não tem tantos acontecimentos, na maior parte do tempo estou conversando com os amigos e pessoas da rua, bebendo um pouquinho, saindo por aí, tudo é “muito fácil” quando se tem vontade de sair, claro que não temos muitas opções, mas no geral o que me faz bem é está perto dos meus, então é aproveitar essa calma e viver com o que tem” (Fernanda, 22 anos, estudante)

“Tirando o tempo em que estou cortando cana, sempre fico por perto de casa e essa é a cidade para mim, é minha casa. Muita gente quer sair, eu mesmo já quis, até perceber que aqui tem suas belezas também, e nem precisa de muita novidade é aproveitar dos riachos aqui pertinho, está sempre com os amigos, já que praticamente todo mundo mora perto, jogar uma bolinha, aqui os campeonatos são pesados... o que a gente precisa hoje já tem, então é aproveitar, porque direto tem festa de graça, segura e boa... além de uma vida boa que permite que a gente se vire, a gente faz com pouco, sempre foi assim, meu pai e mãe fizeram isso, por isso é bom ainda tá perto da natureza, que é vida, meus meninos estão sempre brincando de bicicleta, correndo, jogando bolas nas ruas tranquilas, mesmo com esses “doidos” que passam correndo de moto, numa zoada danada [...] viver aqui é poder aproveitar da comida e do nosso jeito que eu sempre amei, eu gosto” (João, 38 anos, pedreiro)

Interpretamos o lugar percorrendo as paisagens e os lugares de pessoas como dessas das falas anteriores, em vários momentos cometemos erros em achar que precisávamos encontrar grandes problemas, até finalmente ficar conscientes que o corriqueiro tem uma voz e a organização de uma vida considerada simples, mas que é muito provável que nela que nasceu o lugar.

“Eu quero conhecer outros lugares, mas até agora eu já vivi muita coisa aqui, dar para brincar muito depois que chego da escola, a gente corre para o mato, brinca de polícia e ladrão, também outras tantas brincadeiras até chegar a hora de jogar bola, sempre conversando e inventando coisas para fazer [...] é com o pé no chão, tem horas que eu penso que a gente está em um daqueles vídeos do youtube, damos um jeito de fazer aventura até dentro de casa” (Wesley, 13 anos, estudante)

“Daqui da minha barraca eu vejo essa cidade se mexer todo dia, toda hora alguém diferente, é gente feliz, gente triste e reclamando, tudo normal... ahh naquela praça, quase sempre vejo alguns casais se encontrarem, outra geração né, já vem marcado. Enxergo o mundo daqui mesmo, organizo minha casa e venho vender minhas coxinhas, a gente conversa de roça, reclama dos preços e as vezes da prefeitura, mas está tudo muito bom, mas acho que a gente precisava de mais uns lugares para poder ir, depois de uma semana cansada, no geral é interior e curtir do jeito que nós estamos acostumadas, dançando e com uma cervejinha” (Dona Maria, 57 anos, autônoma).

Os habitantes aguçam seus sentidos com as vivências, experiências e memórias. Um momento enquanto crianças em que lembram que sempre foi trabalhoso já ter responsabilidades na infância, mas que também era instigante criar suas próprias “armas” de madeira, fazer “capemba” virar carro ao descer encostas, se imaginar enquanto heróis quando pulava das árvores direto no riacho, balançar em redes enquanto acompanhavam a paisagem mudar. Logo, donos de casa, com vida corridas e acompanhados quase diariamente de um sol intenso, o lugar não é romantizado, mas meramente vivido e humano, numa proximidade com o verde resguardada em movimentos e atitudes diárias sequer refletidas: “me acostumei a viver e fazer assim”.

Nesse emaranhado de valores e costumes, as pessoas dão sentido aos seus lugares nessa escala de experiência corpórea de significados densos e abundantes, como afirma (RELPH, 1976). Os indivíduos se envolvem com o espaço vivido, desenvolvendo relações que, com o passar do tempo, adquirem uma estrutura sentimental, envolvendo apego, segurança, criticidade, identificação e afetividade. As formas físicas de uma cidade, que nasceu rodeada pela natureza e ainda se encontra distante de desfazer dela, é preenchida por atividades comuns, trabalhos braçais, vendas, instituições públicas, uma fábrica de óleo de cozinha e derivados da cana-de-açúcar, ao mesmo tempo em que sua escala simbólica é cheia de significados religiosos, como as fitas nos braços e pernas, as flores na porta de casa, o santo padroeiro que olha para seus fiéis de um ponto alto.

O lugar é carregado dentro dessas pessoas, com suas características próprias e para a compreensão acerca dos contornos da cidade, cada movimento de ir e vir, sentar-se na praça, esperar em filas, observar as construções de outras casas, cuidar de plantações e animais, tudo isso carrega ligações e experiências de um lugar híbrido, que possibilita vivências urbanas e rurais sem distanciar um do outro.

Figura 16: Praça central e o uso de bonés



Fonte: GOUVEIA, 2022

Figura 17: Bairro Capivara, Aldeias Altas



Fonte: GOUVEIA, 2022

A proteção do sol (figura 15) transforma a paisagem da cidade através de indivíduos que estão sempre usando bonés, essa é uma dentre as características visuais de vestimenta, já que essas peças viram, praticamente, parte do corpo dessas pessoas, uma adaptação à realidade climática da cidade, além de se tornarem um objeto de existência.

Nas figuras 16 e 17, apresentamos uma visualização acerca dos bairros com maior proximidade com características rurais, não apenas em aparência visual, mas em atividades que compõe a vida dos moradores desses bairros, compondo uma sinergia entre os indivíduos e o ambiente, que promovem a vida em um ritmo próprio e com características singulares, ao mesmo tempo em que acompanham as mudanças e transformações com a chegada da pavimentação e adequação do mundo urbano.

Figura 18: Construção da nova avenida da cidade, “novo cartão postal”



Fonte: Prefeitura de Aldeias Altas, 2023

A familiaridade dá nomes aos lugares, assim, esta pesquisa testemunhou as inúmeras versões e dimensões desse lugar, vivendo com as pessoas, visitando suas casas, ouvindo suas histórias, acompanhando seus movimentos, resgatando memórias e revisitando uma historicidade, além de compreender suas críticas, dificuldades da vida em meio às essas condições. Portanto, essa leitura acerca das pessoas, expõe o sentir dos habitantes em diferentes temporalidades e gerações, existindo maneiras diversas de ver, viver e conviver com seu lugar.



CONSIDERAÇÕES FINAIS



“Um dos dramas do mundo contemporâneo é que a terra foi ‘desnaturada’, o homem só pode vê-la através de suas medidas e de seus cálculos, em lugar de deixar-se decifrar sua escrita sóbria e vivida” (Dardel, 2011, p.96)

O lugar é vivido e experienciado, essa é, provavelmente, a frase que guia os primeiros passos daqueles que direcionam suas inquietações e olhares através deste conceito. Muitas vezes em conjunto com uma escolha metodológica guiada por premissas fenomenológicas, o que acarreta uma gama de reações iniciais: estranhamento, dúvidas, questionamentos sobre a validação ou postura “correta” em se fazer geografia, durante um bom tempo. Até que os caminhos se abrem, através de imersões em mundos escritos e interdisciplinares, marcados por mergulhos em filosofia, arquitetura, psicologia e, principalmente, geografia humanista e cultural, até finalmente desembarcar no vivido, convidado a se lançar no desconhecido e com uma forma diferente de enxergar o mundo, focado nas pessoas e em suas diferentes dimensões de viver, significar e experienciar suas vidas.

Portanto, como proposta desta pesquisa, vivenciamos o dia a dia da cidade de Aldeias Altas no Maranhão, observando o ordenamento espacial, as danças-do-lugar, as atividades e ações predominantes, as memórias, os símbolos, significados, atividades culturais e as percepções das pessoas enquanto singularidades subjetivas e intersubjetivas, objetivando, a partir desse arcabouço, interpretar o lugar e as percepções dos habitantes sobre ele, embasados, majoritariamente, nas premissas fenomenológicas de Heidegger (2012), a geograficidade de Dardel (2011), o lugar de Tuan (2012, 2013); Relph (1980, 2014) e as variações sobre perspectivas; bases e caminhos para pesquisa em geografia humanista de Holzer (1999, 2016) e Marandola Jr (2012), como foram delineados durante toda esse trabalho.

Com apropriação dessas categorias, assumimos a postura investigativa fenomenológica, desenvolvendo uma relação de aproximação com o mundo vivido, entrevistando e, principalmente, conversando com os moradores que habitam a cidade por longos períodos, além de frequentar as faces culturais, as principais áreas de lazer, prefeitura, escolas e, principalmente, a casa das pessoas. Andamos pelas ruas durante dias, vivenciando os atos corriqueiros, acompanhando rotinas dos entrevistados. A partir dessa relação, a

pesquisa se estruturava, os moradores apontaram as necessidades, como uma revisitação da historicidade e dos confortos que envolveram a emancipação da cidade, para que houvesse a possibilidade de interpretação do lugar que é construído e significado independente dessas ações de mandatários.

Nesse viés, compreendemos que o lugar/cidade apresenta uma multiplicidade de tons e matrizes, fator que, assim como afirma Vargas (2018), amplia a dificuldade de descrever um sentido ou dimensão que corresponda corretamente com as afinidades, vivências e experiências das pessoas. Foi necessário compreender que o lugar é fundamentado no corpo (Seamon, 2013), nos objetos que compõe o seu habitar, nos ambientes que se relacionam e as experiências que essas composições possibilitam, como a segurança ao chegar no bairro, a liberdade em transitar pela cidade, a maior aproximação com a natureza, o hibridismo e a presença simbólica do rural no urbano enquanto elementos que fazem parte do lugar e potencializam o “viver bem” segundo os valores dos habitantes.

O que resulta dessa imersão, é uma interpretação que tenta alcançar o lugar e seus sentidos, em um mosaico de subjetividades (afetos, comportamentos, ritmos, memórias, historicidade, percepções) e intersubjetividade (relação com o ambiente físico, social e movimentos culturais), além de uma conversa entre percepções e compreensões acerca do lugar por diferentes gerações, o estabelecimento de vínculos, o autoconhecimento, a recorrência de ações, o usufruto da natureza, admiração e criticidade do entorno, estabelecimento de vínculos com lugares específicos, admiração pelas paisagens, aquinhoar visões de mundo, maneiras de apreender os ritmos da natureza e usufruto dela.

Um mosaico que se apresenta como fruto de uma leitura imersiva no lugar e, portanto, na vida das pessoas, apresenta-se como um ponto de partida para quem deseja enveredar por esses caminhos, já que podemos considerar que nossa pesquisa é mais um exercício inicial que se debruça sobre uma cidade, interpretando-a como lugar, está longe de esgotar o tema, mas abre caminho para interpretações que desejem se aproximar de uma realidade vivida em que problematiza diretamente a vida, buscando desvelar a atitude natural e promover reflexão dos habitantes acerca do corriqueiro, daquilo que consideram comum, numa captura do lugar nesse recorte de tempo e de gerações.

Portanto, também se apresenta como uma descrição de vida na cidade, alcançado dimensões de saberes e críticas acerca de recursos não promovidos por instituições responsáveis, ao mesmo tempo que é, principalmente, uma pesquisa que olha para Aldeias Altas de um modo distinto, já que segundo seus próprios moradores ela só aparece em

destaque para alguém de fora, quando estampa veículos de notícias sobre as situações envolvendo desvio de verba do lanche escolar ou assalto a bancos. Construímos um caminho que se distanciava desses estigmas e de uma ciência geográfica quantitativa ou focada em acontecimentos destoantes, essencialmente destacando o lugar do seu Chico, da dona Lúcia, do Wesley e outros tantos habitantes que compartilharam seus costumes, rotinas e memórias, se tornando as raízes, tronco, folhas e frutos deste trabalho.

As fragilidades apontadas giram em torno da ausência de poder público em algumas instâncias, como os serviços básicos de saúde e educação, a escassez de oportunidade de formação e, conseqüentemente, a baixa porcentagem de empregos disponíveis, e a cobrança por gestões participativas para melhoria de qualidade de vida e manutenção de características como segurança e conservação da natureza.

Se pensarmos em termos comparativos com outras realidades do urbano, podemos elencar potencialidades, como a relação aproximada com a ruralidade e como esse fator influencia na manutenção da natureza, na alimentação mais saudável, no ritmo temporal mais lento, que proporciona maior aproximação com a comunidade e sentido de pertencimento, além de potencializar atividades ao ar livre.

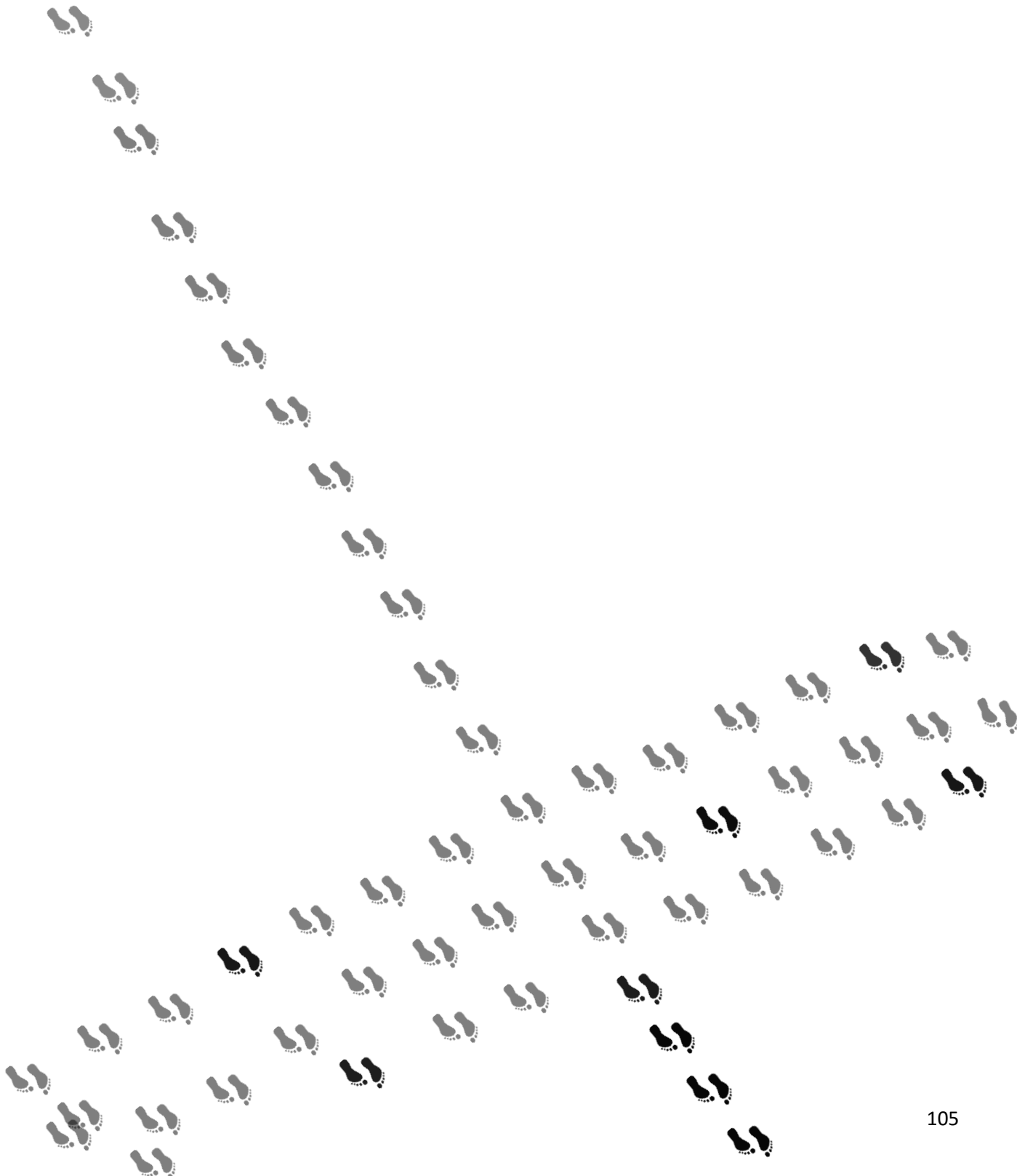
Inspiramo-nos, sobretudo, em assumir uma postura que se negasse a “apequenar” lugares e vidas, caminhando entre as dimensões da geograficidade de cada esquina, rua e bairro de uma cidade construída sobre as raízes e valores das comunidades de quebradeiras de coco babaçu e os agricultores de subsistência, sem proibições ou suposições sobre o pensar e o agir, uma geografia do que é vivido e das experiências que deram significados aos lugares, uma geografia das calçadas, das brincadeiras de criança, das plantas espalhadas pelas portas e das poéticas do lugar que emergiu, independente das razões que outrora lhes foram impostas.

Essas questões são relevantes como valorização do desvelamento de atitudes naturais em uma realidade tão singular, como também dos saberes de diferentes gerações de moradores, que pode contribuir com uma melhor gestão de recursos e criação de novas políticas públicas que conversem com os interesses e desejos da população.

O que esperamos é que, humildemente, tenhamos provocado ruídos, reflexões, sentimentos e problemáticas para que outras inquietações com um olhar fenomenológico sobre lugar urbano sejam construídas, principalmente no Maranhão e sua ainda marcante presença de ruralidade em distintas variações do viver. Caminhamos com muitas pessoas enquanto aprendemos sobre seus mundos, pousando em vivências que nos ensinaram a ler, andar e mergulhar no vivido, que esse fim seja apenas a escala de uma viagem que inicia

outra, em busca do que é sempre vivenciado e, hoje, precisa ser visto, que possamos refletir sobre os nossos lugares e enxergar lugares nos outros. É o lugar trilhamos.

Sabia pouco, mas pelo menos sabia isso: que ninguém fala pelos outros. Que, mesmo que queiramos contar histórias alheias, terminamos sempre contando nossa própria história
(Alejandro Zambra, *Formas de voltar para casa*)



Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Juscinaldo Goes; SODRÉ, Ronaldo Barros; DE MATTOS JÚNIOR, José Sampaio. O MATOPIBA nas chapadas maranhenses: Impactos da expansão do agronegócio na microrregião de chapadinha/. **Revista Nera**, n. 47, p. 248-271, 2019.

ANDRADE, Ana Karina Nogueira de. **O lugar em Aldeia:** significados, valores, percepções e atitudes dos moradores em condomínios residenciais de Aldeia Camaragibe-PE. Recife, Pernambuco. 300f, Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. 2006.

ATLAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO NO BRASIL - ADHB (2010). **Índice de Desenvolvimento Humano Municipal e seus componentes do Município de Aldeias Altas - MA.** PNUD, Ipea e FJP. 2010.

BRANDÃO, Gabriela Gazola. **Naturezas do habitar:** da metrópole à pequena cidade. 2016. 183p. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016.

BRANDÃO, Gabriela Gazola. **Ser e terra:** casa e paisagens do café da Mantiqueira das Minas Gerais. 143 f. Tese (doutorado) apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo – Universidade Federal Fluminense. 2021.

BUTTIMER, Anne. Apreendendo o Dinamismo do Mundo Vivido. *in:* CHRISTOFOLETTI, A. **Perspectivas da Geografia.** São Paulo: Difel, 1982.

BUTTIMER, Anne. Geography, humanism and global concern. *Annals of the Association of American Geographers.* 80 (1) : 1-33, 1990

BUTTIMER, Anne. Lar, horizontes de alcance e o sentido de lugar. **Geograficidade**, v. 5, n. 1, p. 4-19, 2015.

CALLAI, H. C. **O estudo do Lugar como possibilidade de construção da identidade e pertencimento.** Anais do VIII Congresso luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais. Coimbra, 2004.

COSTA, Vilma Maria Viana de Oliveira. O processo de emancipação política de Aldeias Altas-MA. 2005, 76 fls. **Monografia** (Licenciatura em História). Universidade Estadual do Maranhão. Caxias-MA: CESC/UEMA, 2005.

COSTA, Vilma Maria. A imagem de um político: coronel Alderico Machado e o surgimento de Aldeias Altas. 2008. 13 fls. Artigo Científico (Especialização). Universidade Estadual do Maranhão. Caxias-MA: CESC/UEMA, 2008.

CISOTTO, Mariana Ferreira. Sobre Topofilia, de Yi-Fu Tuan. **Geograficidade**, v. 3, n. 2, p. 94-97, 2013.

DARDEL, Eric. **O homem e a terra:** natureza da realidade geográfica. Tradução de Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.

DORNER, Stefan Hubertus; DE LIMA, Jandir Ferrera. A indústria canavieira em Aldeias Altas e São Raimundo das Mangabeiras. **Acta Tecnológica**, v. 10, n. 1, p. 66-72, 2015.

FAVARETO, Arilson et al. Há mais pobreza e desigualdade do que bem esta e riqueza nos municípios do MATOPIBA. **Revista Nera**, n. 47, p. 348-381, 2019.

- GRATÃO, Lúcia H. B. A Poética d' "O Rio" – ARAGUAIA! De Cheias...&...Vazantes...(À) Luz da Imaginação! 2002. 354p. Tese (Doutorado em Ciências: Geografia Física) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- GRATÃO, Lúcia Helena Batista; MARANDOLA JR, Eduardo. Sabor da, na e para Geografia. **Geosul**, v. 26, n. 51, p. 59-74, 2011.
- FERREIRA, Luis. Iluminando o lugar: três abordagens (Relph, Buttimer e Harvey). **Boletim Goiano de Geografia**, v. 22, n. 1, p. 3, 2002.
- FERREIRA, Rafael Bastos. Husserl, mundo-da-vida e geografia. **Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies**, v. 22, n. 2, p. 119-126, 2016.
- FRÉMONT, Armand. **A região, espaço vivido**. Coimbra: Livraria Almedina, 1980.
- GONÇALVES, Leandro Forgiarini de. **O estudo do lugar sob o enfoque da Geografia Humanista: um lugar chamado Avenida Paulista**. 2011. 267p. Dissertação de mestrado (Pós-Graduação em Geografia humana da USP).
- HEIDEGGER, Martin. **A origem da obra de arte**. Trad. Idalina Azevedo e Manuel Antônio Castro. São Paulo: Edições 70, 2010.
- HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Tradução de Fausto Castilho. Campinas: Editora da Unicamp; Petrópolis: Editora Vozes, 2012.
- HEIDEGGER, Martin. **Construir, Habitar, Pensar**. In: Ensaio e conferências. 8 ed. Petrópolis: Vozes, 2012b.
- HISSA, Cássio Eduardo V. **Entrenotas: compreensões de pesquisa**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.
- HOLZER, Werther. **Um estudo fenomenológico da paisagem e do lugar: a crônica dos viajantes no Brasil do século XVI**. 1998. 257p. Tese (Doutorado em Geografia) - Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.
- HOLZER, Werther. O lugar na geografia humanista. **Revista território**, v. 4, n. 7, p. 67-78, 1999.
- HOLZER, Werther. O conceito de lugar na geografia cultural-humanista: uma contribuição para a geografia contemporânea. **GEOgraphia**, v. 5, n. 10, 2003.
- HOLZER, Werther. A Geografia Humanista: uma revisão. **Espaço e cultura**, p. 137-147, 2008.
- HOLZER, Werther. **A Geografia Fenomenológica de Eric Dardel**. In: O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- HOLZER, Werther. **A geografia humanista: sua trajetória 1950-1990**. SciELO-EDUEL, 2016.
- HOLZER, Werther. Por uma Arquitetura e Urbanismo como lugar. **Pensando-Revista de Filosofia**, v. 8, n. 16, p. 20-32, 2017.
- IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. IBGE Cidades, Aldeias Altas. 2020, IBGE.

IMESC. Instituto Maranhense de Estudos e Estatística. **O Processo de Ocupação do Território Maranhense**. 2021

LENCIONI, Sandra. **A incorporação da fenomenologia e do marxismo no estudo regional**. In: Região e Geografia. São Paulo: Edusp, 1999. p. 146-173

MALANSKI, Lawrence Mayer. Geografia humanista: percepção e representação espacial. **Revista Geográfica de América Central**, v. 1, n. 52, pág. 29-50, 2014.

MALANSKI, Lawrence Mayer. Éric Dardel -O Homem e a Terra: Natureza da realidade Geográfica. **Terr@ Plural**, v. 9, n. 1, p. 135-142, 2015.

MARANDOLA JR, Eduardo; GRATÃO, Lúcia Helena Batista. Do sonho à memória: Livia de Oliveira e a Geografia Humanista no Brasil. **GEOGRAFIA (Londrina)**, v. 12, n. 2, p. 5-20, 2003.

MARANDOLA JR, Eduardo. Heidegger e o pensamento fenomenológico em Geografia: sobre os modos geográficos de existência. **Geografia**, v. 37, n. 1, p. 81-94, 2012.

MARANDOLA JR, Eduardo. Fenomenologia e pós-fenomenologia: alternâncias e projeções do fazer Geográfico Humanista na Geografia Contemporânea. **Geograficidade**, v. 3, n. 2, p. 49-64, 2013.

MARANDOLA JR, Eduardo. **Fenomenologia do ser-situado**: crônicas de um verão tropical urbano. Editora Unesp, 2021.

MARTINS, Jasson da Silva; LEÃO, Jacqueline Oliveira. Heidegger e Van Gogh: reflexões sobre filosofia e arte. **Barbaroi**, n. 33, p. 104-117, 2010.

MELLO, João Baptista Ferreira de. O triunfo do lugar sobre o espaço. In. (Org) MARANDOLA JR, Eduardo. HOLZER, Werther. OLIVEIRA, Livia de. **Qual o espaço do lugar?** Geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, p.33-68, 2012.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Tradução Carlos Roberto Ribeiro Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

MOTA, Francisco Lima et al. **O rural e o urbano na cidade de Balsas (MA)**: transformações socioespaciais no pós 1980. 2011.

NASCIMENTO, Taiane Flores. COSTA, Benhur Pinós. Fenomenologia e geografia: teorias e reflexões. **Geografia, Ensino & Pesquisa**, Vol. 20 (2016), n.3, p. 43-50.

NORBERG-SCHULZ, Christian. **Genius Loci – Towards a phenomenology of architecture**. New York: Rizzoli, 1976.

NUNES, Lara Jogaib. Um outro lado da modernização do Rio de Janeiro: o surgimento das “profissões exóticas”. In: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA, 16., 2014, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: ANPUH, 2014. p.1-9.

OLIVEIRA, Livia de. O sentido de lugar. In: MARANDOLA, Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia (Orgs.). **Qual é o espaço do lugar?**. São Paulo: Perspectiva, 2014.

OLIVEIRA, Livia de. (Orelha de livro) In: DARDEL, Eric. **O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

- PADUA, Leticia Carolina Teixeira. **A geografia de Yi-Fu Tuan: essências e persistências**. 2013. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.
- REIS, Luis Carlos; SANTOS, Josimar Monteiro. O resgate da investigação ontológica na geografia através da fenomenologia-hermenêutica de Martin Heidegger. **Para Onde!?**, v. 12, n. 1, p. 173-190, 2019. ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (Ed.). **Geografia Cultural: uma antologia**. SciELO-EDUERJ, 2013.
- RELPH, Eduardo. Uma investigação sobre as relações entre fenomenologia e geografia. **Geógrafo canadense/Le Géographe canadien**, v. 14, n. 3, pág. 193-201, 1970.
- RELPH, Edward. **Place and placelessness**. Londo: Plon, 1980.
- RELPH, Edward. Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência de lugar. In. (Org) MARANDOLA JR, Eduardo. HOLZER, Werther. OLIVEIRA, Lívia de. **Qual o espaço do lugar?** Geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2014. p.17-32
- ROQUE, Ellyson Eduardo dos Santos. Tempos modernos: aventuras da modernidade na cidade de Aldeias Altas – MA (1960 – 1980). 75 f. Monografia (Licenciatura em História) Universidade Estadual do Maranhão, CESC- UEMA, 2021.
- ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (Ed.). **Geografia Cultural: uma antologia**. SciELO-EDUERJ, 2013.
- SAFADI, Sadro de Oliveira. O Mundo vivido na Geografia Brasileira: sobre a instabilidade de um conceito humanista-cultural no início do século XXI. **Caminhos de Geografia**, edição especial: I CIGEO-DR, dez/2020. p.16-31.
- SANTOS, José Armando Soares dos. A emancipação política do município de Aldeias Altas-MA: uma análise sobre o domínio oligárquico de Alderico Machado nas décadas de 1950 e 1960. 72f. **Monografia** (Licenciatura em História) Universidade Estadual do Maranhão. Caxias-MA: CESC/UEMA, 2009.
- SEAMON, David. Corpo-sujeito, rotinas espaço-temporais edanças-do-lugar. **Geograficidade**, v. 3, n. 2, p. 4-18, 2013.
- SEGAUD, Marion. **Antropologia do espaço: habitar, fundar, distribuir, transformar**. Tradução (Eric R. R. Henealult). São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2016.
- SERPA, Angelo. **Por uma geografia dos espaços vividos: Geografia e fenomenologia**. São Paulo: Contexto, 2017.
- SILVA, Kelly Cristina Rodrigues et al. **A experiência cotidiana do lugar: relatos de espaço dos velhos moradores da cidade patrimônio**. 2016. 352p. Dissertação de mestrado (Programa de Pós-graduação em Geografia do Instituto de Estudos socioambientais-IESA, Universidade Federal de Goiás)
- SILVA, J.M., and MENDES, E.P.M. Abordagem qualitativa e geografia: pesquisa documental, entrevista e observação. In: MARAFON, G.J., RAMIRES, J.C.L., RIBEIRO, M.A., and PESSÔA, V.L.S., comps. **Pesquisa qualitativa em geografia: reflexões teórico-conceituais e aplicadas** [online]. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2013, pp. 207-221. ISBN 978-85-7511-443-8.

SILVA, Paulo Rogério de Freitas. A gênese urbana e a emancipação política municipal no Brasil: temas distintos que se complementam num estudo sobre o estado de Roraima. **ACTA Geográfica**, Boa Vista, v.11, n.26, mai./ago. de 2017. pp.81-101

SOUZA, José de Mota de. **O mundo vivido em Cecília Meireles e Carlos Drummond de Andrade**: uma poética da experiência. 2020. Dissertação (Mestrado em Letras) Universidade Federal do Maranhão.

TAVARES, Anderson de Sousa. **Geograficidades, urbanidades rurais e campesinidade no modo de vida de moradores da comunidade de Santa Maria de Vila Amazônia (Parintins/AM). Manaus/AM**. 110f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Amazonas.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: A perspectiva da experiência. Tradução (Lívia de Oliveira). São Paulo: Difel, 1983.

TUAN, Yi-Fu. Espaço, tempo, lugar: um arcabouço humanista. **Geograficidade**, v. 1, n. 1, p. 4-15, 2011.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. SciELO-EDUEL, 2012.

TUAN, Yi-Fu. Space and place 2013. **Geograficidade**, v. 4, n. 1, p. 4-13, 2014.

TUAN, Yi-Fu. A cidade: sua distância da natureza. **Geograficidade**, v. 3, n. 1, p. 4-16, 2013.

TUAN, Yi-Fu. Lugar: uma perspectiva experiencial. **Geograficidade**, v. 8, n. 1, p. 4-15, 2018.

VARGAS, Gloria Maria. Em busca sentido do lugar. **Caminhos de Geografia**, v. 19, n. 65, p. 328-338, 2018.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. Urbanização e ruralidade: relações entre a pequena cidade e o mundo rural: estudo preliminar sobre os pequenos municípios em Pernambuco. **Revista Nordeste: regionalismo e inserção global**, v. 1, p. 05-32, 2001.

WRIGHT, John K. Terrae incognitae: o lugar da imaginação na geografia/Terrae incognitae: the place of the imagination in geography. **Geograficidade**, v. 4, n. 2, p. 4-18, 2014.

DOCUMENTOS

JORNAL NOSSA TERRA. Editais de Aforamento, s/d.

_____. “E tu também meu filho” Alderico Machado!., ano I, Nº LXVII, CaxiasMA, 4 de janeiro de 1962, p.2.

_____. Resposta de José Lemos a Carlos Carvalho. Caxias-MA, janeiro de 1962, p.2.

_____. Como se mata uma cidade. Caxias-MA, janeiro de 1962, p.2. 65

_____. Alderico Novais Machado comércio e exportação. Caxias-MA, 10 de março de 1962, 23.